REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO HISTORICO
GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

3º TRIMESTRE DE 1868

A ACADEMIA BRASILICA DOS ESQUECIDOS

ESTUDO HISTORICO E LITTERARIO

Lido no Instituto Historico e Geographico Brasileiro

PELO SOCIO EFFECTIVO

CONEGO DOUTOR J. C. FERNANDES PINHEIRO

(Em sessão de 31 de Maio de 1867)

« Outra academia a havia precedido, da qual nos guardou memoria escriptor coevo (Rocha Pitta): erigiu-se n'essa mesma capital (a cidade da Bahia) pelos annos de 1724, favorecida pelo vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, doutissima sociedade com o titulo de *Academia Brasilica dos Esquecidos*, e dos seus exercicios, que tinham lugar no proprio palacio do governo, surdiram interessantes producções ; por fatalidade FORAM PERDIDAS IRREPARAVELMENTE por não se haverem deixado cópias no incendio da náo *Santa Rosa*, em a qual, a collecção era remettida para Lisboa, afim de imprimir-se. »

(*Desenvolvimento do programma historico* « O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, E' O REPRESENTANTE DAS IDÉAS D'ILLUSTRAÇÃO, QUE EM DIFFERENTES EPOCHAS SE MANIFESTARAM EM NOSSO CONTINENTE » *pelo Visconde de S. Leopoldo, impresso na* REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO *tomo* 1, *n.* 2.)

Um conjuncto de circumstancias a que alguem denominaria *acaso* e que eu abstenho-me de qualificar permittiu que os trabalhos d'*Academia Brasilica dos Esquecidos*, que

o venerando primeiro presidente do nosso Instituto considerava *irreparavelmente perdidos*, viessem parar ás mãos do mais humilde dos seus secretarios. Considerando como uma especie de legado d'honra o proseguir na tarefa iniciada por meu saudoso tio, peço venia para entreter a vossa attenção com o resultado do minucioso estudo que fiz dos tres grossos volumes *in-folio*, nos quaes os escriptos dos academicos bahienses dormiam o somno do *esquecimento*.

Parte integrante da familia portugueza, acompanhava o Brasil todas as oscillações politicas, sociaes e litterarias, que se operavam na metropole; assim pois, parece-me acertado ir buscar além do Atlantico a extremidade do fio electrico que na séde da colonia luso-americana vibrava as fibras da intellectualidade.

I

Notam os historiadores que, uma como epidemia moral acommettêra as letras no fim do seculo XVI e começo do XVII: d'essa epidemia foram principalmente victimas, dois povos da raça latina, que n'essa épocha caminhavam á frente da civilisação européa, em que pese a seus detractores. Marini na Italia e Gongora na Hespanha eram dois astros que arrastaram em sua orbita crescido numero de satellites. Imperava o máo gosto, que só por antiphrase póde ser chamado *cultismo*.

Levado por sua enthusiastica admiração pelo dictador napolitano, não duvidou Lope de Vega dizer que *Tasso não fôra mais do que a aurora do sol de Marini*.

« Desde meiado do seculo XV (diz o Sr. Tiknor), e quando o conhecimento dos grandes mestres d'antiguidade se generalisou entre os homens estudiosos dos povos occidentaes, trabalhou-se por formar e cultivar nas principaes

nações da Europa um estylo digno de taes modelos. Alguns d'esses esforços foram dirigidos com acerto e sagacidade, como o prova a serie d'illustres poetas e prosadores da christandade, que chegaram a competir com os antigos modelos; outros ao contrario, afeiados pelo pedantismo e falso bom gosto, foram condemnados a perpetuo olvido; porém a epocha em que mais disparates se escreveram, e em que a falta absoluta e discrição chegou ao cumulo, foi pelo fim do seculo XVI e principio do XVII, periodo em que dominaram em França os intitulados *pleiades*, na Inglaterra os *euphoistas*, e na Italia os *marinistas*.

« Difficil é determinar com exactidão até que ponto o máo gosto que reinava n'esses paizes influiu nas tendencias d'igual especie que se manifestaram na Hespanha: é provavel, porém, que a litteratura predilecta em Londres e Paris fosse pouco conhecida em Madrid porém não succedia o mesmo a respeito da Italia: quanto n'ella se escrevia passava immediatamente á Hespanha, principalmente nos reinados de Philippe II e III (1). »

A influencia de Marini, que no dizer d'um moderno escriptor (2) foi talvez depois d'Ariosto o mais natural dos poetas italianos, fez-se sentir igualmente em França, onde acolhido pelo grande rei Henrique IV, achou na sociedade de Menage, Benresade, Vaugelas, Voiture e Balzac ferverosos admiradores.

Sobre a primordial causa do máo gosto que infeccionou a litteratura dos povos neo-latinos travou-se séria polemica entre italianos e hespanhóes. No seu *Risorgimento d'Italiane Studj*, accusou Bettinelli aos escriptores castelhanos, principalmente a Lope de Vega e Calderon de la Barca,

(1) *Historia de la literatura espanola*, traducida al castellano por D. Pascual Gayangos e D. Henrique Vedia, tomo III.

(2) Perrens. *Histoire de la littérature italienne*, Paris, 1866.

d'haverem corrompido o sentimento do *puro e do bello* que existia na Italia: e Tiraboschi na sua *Storia de la Litteratura Italiana*, publicada entre os annos de 1772 e 1783, seguiu a mesma opinião, chegando a attribuir ao influxo do clima hespanhol a origem do máo gosto que corrompêra a litteratura latina, desde a chegada a Roma dos Senecas, Lucanos, Marciaes e outros, até os tempos contemporaneos, lançando ás costas dos hespanhóes *os desatinos de Marini* e sua escola.

Ao libello italiano oppuzeram contrariedade alguns jesuitas hespanhóes foragidos, em consequencia da sentença contra elles fulminada por Carlos III. D'entre as obras de sua lavra avantaja-se o *Saggio Storico Apologetico de la Litteratura Spagnuola* devido á erudita penna de D. Francisco Xavier Lampillas, na qual, examinando uma por uma as asserções de Tiraboschi, reclama para a sua patria a prioridade no cultivo da intelligencia, e tomando a defésa do theatro hespanhol, violentamente aggredido por Bettinelli, esforça-se por demonstrar o fastigio a que o souberam elevar os genios de Vega, Calderon, Cervantes e Tirso de Molina.

« O resultado de semelhante contenda (pensam os Srs. Gayangos e Vedia) prova que, tanto na Hespanha como na Italia, reinou muito máo gosto litterario, e que este máo gosto pôde de certo modo augmentar-se, pelas relações e sympathias existentes n'esse tempo, entre ambos os povos; porém que a nenhum d'elles póde fazer-se exclusivamente responsavel pela sua origem e propagação (3). »

Se intimas e continuas eram as relações entre a Italia e a Hespanha, ainda mais continuas e intimas eram as rela-

(3) *Historia de la Literatura Española de Ticknor, traducida y anotada por* Gayangos e Vedia, tomo IV.

ções entre a Hespanha e Portugal. A identidade de origem, a semelhança de linguagem e os entrelaçamentos das respectivas familias reinantes contribuiam poderosamente para esse amalgama, que fez dizer ao illustre Garrett *que até bem tarde a litteratura das Hespanhas fôra quasi toda uma* (4). Obedecendo ás leis da gravitação, eram a lingua e litteratura portuguezas sacrificadas ao elemento hespanhol, que como mais pujante o attrahia e fascinava. Se o provençal foi por muito tempo considerado como a lingua poetica por excellencia, pareceu tambem o castelhano gozar d'identica prerogativa desde o seculo XV até os fins do XVII. Crescido numero d'escriptores portuguezes trocaram o patrio idioma pelo de seus conterraneos: Jorge de Montemór compôz em castelhano a sua *Diana*; Sá de Miranda, Gil Vicente e o proprio Camões ambicionaram os louros d'ambas as litteraturas, ao passo que não nos consta que um só author hespanhol d'alguma nomeada renunciasse a sua lingua para servir-se da portugueza. Verdade é que o marquez de Santillana na sua celebre carta endereçada ao condestavel de Portugal, filho de D. Pedro, duque de Coimbra, diz que até o meiado do seculo XV *cualesquier decidores e trovadores d'estas partes, agora castellanos, andaluces ò de la Estremadura todas sus obras componian en lingua gallega, ò portuguesa* (5); mas, sobre ser *singularissima* essa asserção, accresce o achar-se ella hoje contestada por pessoa mui competente e autorisada. Nas suas *Memorias sobre a poesia e poetas hespanhóes* (6) o doutissimo Sarmiento assim se exprime: *Yo como interesado en esta conclusione, por ser gallego, quisiera tener presentes los*

(4) Introducção ao *Romanceiro*, tomo II.

(5) Vide a *Collecção de poesias castelhanas anteriores ao seculo XV* publicadas por D. Thomaz Antonio Sanches, tomo I.

(6) Impressas em Madrid no anno de 1775, tomo IV pag. 196.

fundamentos que tuve el marquez de Santillana, pero en ningun autor de los que ho visto se halla palabra que puede servir d'alguna luz. »

O seculo XVI justamente appellidado dos Medicis, graças á generosa protecção prestada ás letras, sciencias e artes por Lourenço Magnifico, Leão X e Clemente VII, víra nascer ou prosperar Machiavelli, Ariosto, os dois Tassos, Bembo e Sannazaro, brilhantes lampadarios, cujos reflexos, transpondo os Alpes e os Pyrenêos, foram modificar o gosto de Ronsard e Marot, e fizeram de Boscan e Garcilaso devotados e adeptos da escola italiana.

Persuado-me que, para fructuosamente estudar as litteraturas dos mais occidentaes da Europa, releva tomar a Italia por centro das nossas investigações. Alguem disse que a Allemanha era o laboratorio do engenho humano: sê-lo-ha talvez hoje, mas por certo que o não éra na epocha a que me estou referindo.

Penatrára em França a litteratura italiana, não só em virtude da vizinhança, mas ainda em razão das continuas guerras de Carlos VIII e Francisco I, seguidas d'allianças, matrimonios com duas princezas da illustre casa dos Medicis. Fez a mesma litteratura triumphal entrada na Hespanha na comitiva do grande capitão Gonçalo de Cordova, e no sequito ainda mais esplendido do augusto neto de Fernando e Maximiliano. Portugal, porém, nunca se achou em contacto com a Italia; assim, pois, póde-se dizer que a sua litteratura é *terciaria*, para servir-me d'uma expressão consagrada pelos geologos. O raio do sol dos Medicis não illuminava os horizontes portuguezes senão perpassando pelas veigas de Castella: Sá de Miranda era mais discipulo de Boscan e Garcilaso, do que de Sannazaro e Guarini; e Gil Vicente, cuja originalidade tanto preconi-

sam os seus illustrados editores (7), segue passo a passo João del Encina, que por sua vez se havia inspirado nas comedias de Bebiena e Ariosto.

Longe de mim a intenção de desbotar os laureis que ornam as nobres frontes dos patriarchas da nossa litteratura; mas n'um trabalho como este, perante o auditorio que me faz a subida honra d'ouvir; entendo que, cumpre-me adoptar por norma de conducta o conselho de Sá de Miranda:

« Fallai em tudo verdades
« A quem em tudo as deveis. »

II

Se nas ribeiras do Arno achava-se o diapasão que regulava a escala da litteratura, é lá que devemos ir procurar o gosto pelas palestras e academias; gosto que tanto se propagou n'essa éra. Sabido é que que foi em 1540 que um limitado grupo de mancebos, reunidos em casa do florentino Mazzuali, concebeu e realizou o pensamento de constituir uma academia de letras. Por uma excentricidade inexplicavel adoptaram o titulo de *Humidos*, adornando-se com os mais esdruxulos pseudonymos. Cosme de

(7) Os Srs. Barreto Feio e Monteiro tomaram a peito sustentar a inteira originalidade de Gil Vicente, e confesso que conseguiram convencer-me de tal modo que no meu *Curso Elementar de Litteratura Nacional*, publicado em Pariz em 1862, segui sem reserva a sua opinião. Hoje, porém, em consequencia d'ulteriores estudos, capacitei-me que os distinctos philologos portuguezes foram n'este ponto por demais influenciados pela antipathia ou antagonismo, que infelizmente ainda subexiste entre as suas nações co-irmãs da peninsula iberica.

Medicis, que recentemente sequestrára as patrias liberdades em proveito seu, receiou-se d'esse pacifico e inoffensivo congresso de *rãs*, *escorpiões*, *carpas*, *etc.* (8), e apressou-se em dar-lhes sumptuosa hospedagem no seu proprio palacio.

Caracter indocil, espirito inquieto, não tardou Grazzini, mais conhecido pelo appellido academico de *Lasca*, em separar-se dos seus confrades, e constituir com alguns poucos amigos o nucleo d'um novo cenaculo, que, para não ceder em extravagancia ao seu emulo, passou a intitular-se *Academia della Crusca* (do farelo), tomando por emblema uma peneira, na qual se lia a seguinte divisa: *Il più bel fior ne coglie* (d'ella sahe a mais bella farinha); alludindo ao escrupuloso exame que tencionavam fazer do vocabulario italiano, ou antes toscano.

Como a torrente que despenhando-se da montanha alaga a planicie, centenares d'academias cada qual da mais grotesca denominação, inundou a Italia. Os *Immoveis*, os *Gelados*, os *Solitarios*, os *Surdos*, os *Insensatos*, os *Ociosos*, *etc.*, *etc.*, celebravam suas sessões com todas as apparencias de seriedade; e sobre os mais ridiculos themas escreviam maciças e pedantescas dissertações.

Transmittiu-se logo o gosto por essas reuniões litterarias aos paizes influenciados pela Italia: em França a marqueza de Rambouillet abre seus salões aos homens de letras, e o poderoso ministro de Luiz XIII, imitando o exemplo de Cosme de Medicis, expede cartas patentes e rodêa de privilegios a modesta convivencia d'alguns eruditos dados ao estudo do patrio idioma.

A proposito de palacio Rambouillet, pede a justiça que

(8) Estes, e outros ainda mais ridiculos, eram os nomes adoptados pelos *academicos humidos*.

não se confunda as duas diversas phases da sua existencia. Na primeira quando o seu accesso era ambicionado como um titulo de *saber* e *virtude*, quando no dizer de Bayle era elle um *verdadeiro templo da honra*, exerceu o poderoso e esclarecido patrocinio das letras, e contribuiu muito para o aperfeiçoamento da obra de Malherbe. « Se favoreceu escriptores mediocres (pondera Pellessier), tambem saudou os mais bellos genios da França, Corneille e Bossuet: e admirou e fez admirar a obra prima de Descartes, esse *discurso sobre o methodo*, considerado como o primeiro modelo da prosa philosophica. (9) » Não poderam, porém, escapar os saráos da marqueza de Rambouillet da dura lei da decadencia e degeneração a que parecem votadas todas as creações humanas. O amor da novidade desvirtuou com o lapso de tempo tão uteis reuniões: importava fornecer cada noite novo alimento á indefessa actividade dos espiritos: foi então que chegou a epocha dos *rondós*, *sonetos*, *madrigaes*, *acrosticos*, *anagrammas*, etc., etc.: foi então que Balzac e Voiture disputaram gravemente si se devêra dizer *muscadin*, ou *murcadin*. A essa segunda phase dos saráos do palacio Rambouillet foi que Molière tão espirituosamente fustigou nas suas *Precieuses Redicules*.

Sáfaro mostrou-se sempre o solo hespanhol para a tenra planta academica. A politica suspeitosa dos seus reis, a minace vigilancia do tenebroso tribunal da inquisição, aconselhava aos homens de letras o isolamento como medida de prudencia. Quando, porém, o espirito francez franqueou os Pyrenêos com Philippe V viu-se logo surgir a *Academia Hespanhola*, gizada pela *Franceza*, e como esta

(9) *La Langue Française depuis son origine jusque à nos jours*. Paris, 1866.

incumbida da grandiosa fabrica do diccionario da lingua vernacula.

Fraco vestigio das academias italianas descobre-se na dos *Nocturnos*, de que foi alma o famoso dramaturgo Guillen de Castro; na dos *Desconfiados*, que por muitos annos floresceu em Barcellona; e na do *Bom Gosto*, estabelecida pela condessa de Lemus, pallido e froxo reflexo das eruditas conferencias do palacio Rambouillet.

III

Raramente vemos a independencia politica das nações corresponder á sua emancipação litteraria: assim Portugal despedaçando tão heroicamente os grilhões que lhe roxeavam os pulsos continuou a reconhecer por mais d'um seculo a hegemonia intellectual da sua antiga metropole.

« O veneno de Gongora e Marini (diz o Sr. Rebello da Silva) insinuava-se por todos os póros, e corrompia até as compleições mais robustas. Usavam d'aquellas excrescencias no estylo, como os signaes, os donaires e riçados altos se trajavam nos atavios cortezãos, desfigurando a physionomia e as mais esbeltas proporções.

« O que não tinha resaibos d'artificio, uma tinta violeta e afogueada, desprezava-se como inferior á fama do escriptor; e por isso n'aquelle seculo propenso ás agudezas e argucias de theses e argumentos nebulosos, intrincados e e sophistas, ninguem se eximiu inteiramente do contagio (10). »

Postos de parte os modelos das litteraturas grega e latina,

(10) Memoria sobre a *Arcadia Portugueza*, impressa no tomo 1º dos *Annaes das Sciencias e Letras*.

esquecidos ou desprezados os exemplares dos seus felizes imitadores do renascimento, considerava-se como requinte do bom gosto *os metros ôcos e empolados como as bexigas assopradas e os cascaveis do palhaço de Cervantes*, para apropriar-me das felizes expressões do já citado Sr. Rebello da Silva.

Parodiando as memoraveis palavras de S. Remigio ao guerreiro Clovis, queimavam nossos avós tudo o que haviam adorado, e adoravam tudo o que haviam queimado. A *Ulysséa* de Gabriel Pereira de Castro e o *Affonso* de Quevedo Castello Branco lhes pareciam infinitamente superiores á monumental epopéa de Luiz de Camões, não faltando até quem antepuzesse as soporiferas rimas de Soror Violante do Céo ás maviosas eclogas e ingenuos villancetes do saudoso Bernardim Ribeiro.

Semelhante aos lichens que cobrem os rochedos, ou se enroscam nos annosos troncos das arvores, numerosas academias pullularam no charco do seiscentismo lusitano. Referindo-se a essa vegetação parasitica escrevia o inspirado autor de *D. Branca* e *Frei Luiz de Sousa*: « Tudo o mais é corrompido pelo máo gosto dos *cultos*, que, arregimentados em uma infinidade d'academias dos nomes mais extravagantes e incriveis, conseguem tirar toda a côr á litteratura portugueza de todos os generos e fazer da lingua uma algaravia affectada e ridicula, vã de toda a expressão, assoprada em phrases tão descommunaes, em conceitos tão ôcos que nenhum sentido se lhes acha, si algum tiveram os que tão absurdas cousas escreveram (11). »

Nem parecerá demasiada a severidade do illustre emulo

(11) Garrett— Introducção ao *Romanceiro*, tomo II.

de Manzoni e Saavedra (12) a quem se recordar que essas academias « renascendo umas das outras, esgotaram o ridiculo com zelo deploravel na preferencia dos assumptos, e apuravam-no além d'isto na turgidez dos vocabulos e no empolado das imagens (13). »

Deixando á margem crescido numero d'associações d'esse quilate que desde a restauração de 1640 se formaram em Lisboa e varias outras cidades e villas de Portugal, apenas farei menção das que mais caracteristicas me pareceram.

Uma das mais vivazes foi por certo a dos *Generosos*, hospedada pelo trinchante-mór D. Luiz da Cunha e tendo por secretario o conde de Villa-Maior. Grandes gabos grangeou ella dos contemporaneos, gabos que não foram confirmados pela *ingrata posteridade*.

O conde da Ericeira (D. Francisco Xavier de Menezes), um dos mais conspicuos varões que n'essa epocha honravam as letras portuguezas, franqueou a sua livraria a uma reunião de doutos que entretinham-se na solução d'alguns problemas scientificos e litterarios. Estas conferencias, que tomaram o nome de *Discretas*, foram frequentadas pela flôr da nobreza, nascendo mui provavelmente em seu gremio o pensamento gerador do *Vocabulario*, que mais tarde levou ávante a infatigavel erudição de D. Raphael Bluteau.

A *Academia dos Singulares*, fundada por Pedro Duarte Ferrão, inquisidor-mór, levou as lampas ás suas concurrentes, e parece ter sido ella que servira de norma á *Brasilica dos Esquecidos*, que fórma o assumpto d'este mesquinho trabalho. Haviam os *Singulares* tomado por

(12) Angel de Saavedra, duque de Rivas, introductor do romantismo na Hespanha, assim como Manzoni e Victor Hugo o haviam sido na Italia e em França.

(13) O Sr Rebello da Silva *loco citato*.

empreza uma pyramide, na qual viam-se inscriptos da base ao vertice os nomes d'Homero, Aristoteles, Virgilio, Ovidio, Camões, Garsilaso, Gongora e Lope de Vega, com a seguinte *modestissima* letra: *Solaque non possunt hæc monumenta mori.* Aberta a sessão com um discurso do presidente, seguia-se a leitura de poesias, nas quaes os socios mimoseavam-no com paradoxaes encomios, passando-se depois ao que hoje qualificariamos *d'ordem do dia.*

Na mui luminosa *Memoria* do Sr. Rebello da Silva, por mim tantas vezes citada, e que de tanto me serviu para a traça d'este *Estudo*, lêm-se alguns dos themas que maiores applausos mereceram da doutissima assembléa. Ora era o d'uma *dama que trazendo ao peito um Cupido, lhe estalou este aos raios do sol;* ora era o d'outra *dama que, tendo bons olhos nenhum dente conservava.*

Os *Instantaneos*, os *Solitarios*, os *Illustrados*, os *Occultos*, os *Humildes* e *Ignorantes*, os *Insignes*, os *Obsequiosos*, e os *Anonymos*, verdadeira *prolis volucrum* d'Ovidio, nasciam e morriam n'aquella *doce paz* que, segundo o chistoso Diniz, *reinava na igreja d'Elvas.*

Atravessemos agora o Atlantico e vamos assistir ás conferencias *d'Academia Brasilica dos Esquecidos.*

IV

Vasco Fernandes Cesar de Menezes (depois conde de Sabugosa), que governava o Brasil na categoria de vice-rei, cedendo a esse poderoso influxo, a essa especie de corrente electrica que, á espaços, atravessa os seculos, planejou a fundação d'uma academia, vasada no molde das dos *Generosos* e *Singulares*, que pareciam haver attingido ao idéal da perfectibilidade.

O eloquente historiador *d'America Portugueza*, e um

dos principaes luzeiros d'essa academia, dando conta da sua fundação assim s'expressa: « A nossa Portugueza America (e principalmente a provincia da Bahia), que na producção d'engenhosos filhos póde competir com Italia e Grecia, não se achava com academias introduzidas em todas as republicas bem ordenadas para apartarem a idade juvenil do ocio contrario das virtudes e origem de todos os vicios, e apurarem a subtileza dos engenhos. Não permittiu o vice-rei que faltasse no Brasil esta pedra de toque ao inestimavel ouro dos seus talentos de mais quilates do que os das minas. Erigiu uma doutissima academia, que se faz em palacio na sua presença. Deram-lhe fórma as pessoas de maior graduação e entendimento que se achavam na Bahia tomando-o por seu protector. Têm presidido n'ella eruditissimos sujeitos. Houve graves e discretos assumptos, aos quaes se fizeram elegantes e agudissimos versos; e vai continuando nos seus progressos, esperando que com tão grande protecção se dêm ao prelo os seus escriptos em premio das suas fadigas (14). »

Inclino-me a crer que será agradavel ao Instituto ouvir a leitura do auto de nascimento da primeira associação litteraria que, com caracter semi-official, existiu na nossa terra n'uma quadra geralmente considerada como da mais crassa ignorancia:

« O Exm. Sr. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, incomparavel vice-rei do Estado do Brasil, que no seu inclyto nome traz vinculada com a profissão d'illustrar as armas a propensão d'honrar as letras, para dar a conhecer os talentos que n'esta provincia florescem, e por falta d'exercicio litterario estavam como desconhecidos,

(14) Isto escrevia Rocha Pitta em 1724, anno em que finalisou a sua *Historia da America Portugueza*, impressa em Lisboa em 1730.

determinou instituir uma academia, a cujo fim fez chamar por cartas circulares as pessoas seguintes: o reverendo padre Gonçalo Soares da França; o desembargador Caetano de Brito e Figueiredo, chanceller d'este Estado; o desembargador Luiz de Siqueira da Gama, ouvidor-geral do civel; o doutor Ignacio Barbosa Machado, juiz de fóra d'esta cidade; o coronel Sebastião da Rocha Pitta; o capitão João de Brito Lima; e José da Cunha Cardoso; aos quaes na tarde de sete de Março de mil setecentos e vinte e quatro communicou a vontade com que se achava d'erigir e estabelecer a academia, cuja resolução abraçaram uniformes os sete convocados, como filha de tão excellente e generoso espirito; e com o seu beneplacito escolheram por empreza o sol com esta letra: —*sol oriens in occiduo*—, assentando entre si com louvavel modestia intitularem-se—*Os Esquecidos*.

« Tomaram por materia geral dos seus estudos a historia brasilica, dividida em quatro partes: a natural, que corre por conta do já mencionado chanceller; a militar, que se encarregou ao dito juiz de fóra; a ecclesiastica, cujo emprego se deu ao reverendo Gonçalo Soares da França; e a politica, cuja incumbencia cahiu em sorte ao ouvidor-geral do civel.

« Dos sete academicos pirncipaes, o primeiro se denominou com o titulo d'*Obsequioso*, o chanceller tomou o cognome de *Nubiloso*, o ouvidor do civel d'*Occupado*, o juiz de fóra de *Laborioso*, o coronel de *Vago*, o capitão d'*Infeliz* e o ultimo de *Venturoso*. A este nomeou o Ex. Sr. vicerei e protector d'academia por secretario, para orar na primeira conferencia, que se determinou fosse na tarde de vinte e tres d'Abril dia oitavo depois da pascoa do anno já referido.

« Assentou-se que as expedições academicas se fizes-

sem em palacio, reiterando-se de quinze em quinze dias, e alternando-se os quatro mestres de dois em dois em reciproca successão, dando-se principio a cada um d'aquelles actos com uma oração ou discurso, que lerá o presidente nomeado por seu antecessor, com beneplacito do excellentissimo fundador d'academia ficando a cada um dos presidentes a eleição livre da materia, acção, questão ou problema sobre que quizerem discorrer.

« Ficou por estatuto que, em obsequio dos engenhos poeticos, se dariam para todas as conferencias dois argumentos ou assumptos, um heroico, outro lyrico; e as poesias a elles feitas lerá o secretario o dito José da Cunha Cardoso (depois de recitadas as prosas do presidente e mestres), admittindo-se tambem poemas anonymos.

« Não pareceu bem se dessem especiaes assumptos poeticos para a conferencia do primeiro dia; porque toda ella se reputou por breve para os merecidos encomios do nosso augustissimo protector, e da sempre heroica e felicissima creação da nova academia, em cujo nome se ordenou ao secretario chamasse e convidasse a muitos, particularmente a pessoas de distincção, o que elle observou por cartas; escrevendo tambem um papel, que os curiosos podiam tomar como cartel de desafio para certames litterarios. »

Inteirados do programma d'academia, justo é que examinemos o modo por que deu ella execução a esse programma, suggerido pelo vice-rei, antes Augusto do que Mecenas, d'esse novo seculo aureo que nas plagas de Cabral devêra surgir.

No codice que diligentemente manuseei nenhuma allusão se faz a essas prelecções historicas, que os *mestres* eram obrigados a recitar em seguida da oração presidencial, ou ficaram em espectativa como muitas vezes acontece, ou pela

sua importancia e volume formariam separada collecção, que não logramos a ventura de conhecer.

Conforme se havia assentado, não passou a primeira conferencia d'um *laus-perenne* em honra do vice-rei. Coube primeiro a palavra ao secretario, que n'um discurso de genero apparatoso sublimou-se ás grimpas do gongorismo. Como specimen da sua facundia, citarei o seguinte paragrapho relativo á fundação d'academia:

« No dia setimo de Março, que mysteriosa e não casualmente foi em terça-feira, em congresso feito por ordem superior, do primeiro movel d'este céo academico, se nos participou a noticia de tão alto pensamento, e, como se o propôr fôra convencer, menos tempo levou a obediencia que a proposta com que logo os Protogenes e Appelles d'este vistoso quadro delinearam a perigraphe da pintura, reservando o dia de hoje para a ostentação da primeira scena. Não sei se reparais nas circumstancias. O erector d'Academia, sol de todas as luzes, a empreza dos academicos sol, a letra da empreza *Sol oriens in occiduo*, o dia de hoje domingo consagrado ao sol, e o dia setimo de Março, dia muitas vezes solar; pois entre outras testemunhas do seu luzimento é dedicado ao mesmo Apollo, como eram todos os dias setimos de cada mez; mas é principalmente o dia do principe dos theologos, acclamado no mundo por verdadeiro sol das escolas, santo Thomaz de Aquino. »

O sol, como muito bem disse Verney (15), era o maior se não o unico inspirador dos *marinistas* e *gongoristas*, e por isso que rica mina não encontraram elles na empreza tomada pelos *academicos esquecidos*?

(15) L. A. Verney. *Verdadeiro methodo d'estudar.* Carta XII, parte primeira.

Já vimos os conceitos e trocadilhos que ministrou elle ao douto secretario; vejamos agora como um dos primeiros engenhos poeticos d'esse tempo (Antonio Cardoso da Fonseca) esgrimia em torno do astro rei no seguinte soneto:

« Diz hoje a vossos pés um pretendente
« que por ter na Bahia o nascimento
« vem lá d'onde habita o esquecimento
« buscar a luz que jaz cá no Occidente

« Porque, vós como sol, que d'Oriente
« ao occaso passastes a dar-lhe augmento
« dos raios que produz vosso talento
« um novo sol geraes no continente. .

« E porque ao Museu vim supplicante
« tomar o mesmo sol por sua empreza
« pede a vossa excellencia aqui reinante

« lhe admitta a este Museu sua rudeza
« pois se Phebo lhe dá força d'Atlante
« as luzes lhe dará vossa grandeza (16). »

Tambem foi a musa latina chamada a esse torneio; e entre as numerosas producções que ahi se leram apreciei pela sua concisão e simplicidade o seguinte epigramma, devido a um religioso franciscano, occulto no rebuço do anonymo:

« Tu pugnax, fortis, doctus, facundus etheros;
« Sed sat erat solum dicere Cœsar ades. »

Escolhido para presidir a segunda conferencia celebrada aos sete de Maio, recitou Rocha Pitta umas das mais bellas

(16) Conservei a orthographia do original para mostrar a regra que, preconisada pelo Sr. A. F. de Castilho, que manda escrever com letras minusculas o começo dos versos que não forem precedidos de ponto final; já era conhecida e executada pelos poetas do seculo passado, que haviam-na tomado dos hespanhóes.

orações de quantas encontrei na collecção de que me tenho servido. E' geralmente conhecido

> « . . . . *o som alto e sublimado*
> « *O estylo grandiloquo e corrente* (17). »

com que sabia exprimir-se o nosso illustrado compatriota. Pagando tributo ao máo gosto contemporaneo, sabia, como o eximio padre A. Vieira, sobreelevar-se-lhe na pujança de seu bello e mui cultivado talento.

Penso não andar muito errado considerando como dos mais felizes tractos d'eloquencia o seguinte quadro, que da utilidade da religião esboçou o academico *Vago* :

« E' a religião a maior prerogativa dos mortaes, a mais firme columna das monarchias. Os gentios, posto que erraram tanto no emprego da verdadeira fé, se empenharam de fórma no culto da cuja idolatria,que nenhuma cousa antepunham á adoração de suas deidades : os thesouros que Enéas salvou da abrazada Troya foram os deoses penates que levou á Italia : Numa a deosa Egeria fez protectora do reino de Roma ; Lycurgo debaixo do patrocinio de Apollo deu leis aos lacedemonios, Caronda a Carthago no amparo de Saturno ; Minos e Creta no auxilio de Jupiter ; Solon a Athenas no favor de Minerva ; e ao Egypto Thismegisto na sombra de Mercurio : os consules e senadores romanos não entravam na conferencia dos negocios sem primeiro invocarem os idolos.

« Os gregos attribuiam as suas fortunas á grande religião de Alexandre; como os carthaginezes as suas desgraças á pouca fé de Annibal : este tão perjuro que faltava quasi sempre aos juramentos que fazia pelos seus deoses, e aquelle tão pio que até ao Deus que tinha por estranho

(17) Camões— *Lusiadas* — Canto 1, verso 4.

rendia adorações, como o mostrou tomando o reino de Judéa, pois vendo diante de si com as vestes pontificaes ao pontifice Jaddo se lhe prostrou por terra, e mostrando-lhe a prophecia de Daniel em que se lhe promettia o dominio do mundo, os livrou dos tributos e santificou a Deus no templo. Entre os mesmos gentios até aquelles que negaram a immortalidade d'alma, disseram que era a religião uma mentira necessaria e util ao bom governo das republicas e a conservação dos imperios. »

Tomado para assumpto lyrico d'essa conferencia o alambicado problema — *Quem mostrou amar mais fielmente Clycie ao sol, ou Endymião a lua?* — Entraram em liça, armados de ponto em branco, os cavalleiros de Apollo, que n'um chorrilho de banalidades deixaram submergido o amoroso lemma. Encontre, porém, remissão no tribunal do bom senso a silva de José d'Oliveira Serpa, onde se encontra esta jocosa pintura d'um namorado da lua :

« Já la vejo um rapaz ao céo olhando
« Um pastoril cajado descansando,
« Será lindo poeta
« Quando a lua contempla em vista recta
« E terá por empreza
« Descrever-lhe a inconstancia e a ligeireza,
« Mas si mira e remira tão pasmado
« Será poeta aluado ;
« Porque ouvi dizer sempre ao vulgo louco
« Que de poeta a doudo vai mui pouco. »

João de Brito Lima, capitão do terço auxiliar de ordenanças e que o Sr. Varnhagen (18) nos apresenta como grande magnata dos *outeiros bahienses*, tomou a fortuna para thema da oração com que se abriu a terceira conferencia. Menos florido do que o seu antecessor, é todavia

(18) *Florilegio da Poesia Brasileira*, tomo 1.

sentencioso, correcto e fluente o seu estylo: do que póde servir de prova o seguinte passo da supra mencionada oração: . . . .

« Pinta-se a fortuna mulher, com azas, uma roda em uma mão e na outra um vaso cheio de riquezas, cega de ambos os olhos, ou com elles tapados. Pois como cega distribue os premios com os indignos que devia dar aos benemeritos, mostrando nas azas ligeireza com que apenas a vêm quando desapparece, se a não têm pelos cabellos como a occasião. A roda lhe serve de hieroglypho dos que sobe ao maior auge para despenhar no mais profundo abysmo. Finalmente vária como mulher, e inconstante como a mesma fortuna. Outros a pintaram de outras sortes que omitto referil-as, por não fazer ao caso. E' tão poderosa esta falsa deidade que não ha monarchia, reino, provincia, cidade, monarchas, reis, principes, grandes e pequenos, e até a mesma formosura, que não estejam debaixo do seu imperio; ao mesmo tempo abatendo uns e exaltando outros. »

Dado o signal arrojaram-se na estacada esforçados paladinos, que no appellido do presidente descobriram fertil manancial para as suas enredadas trovas, ou insulsos trocadilhos.

Para exemplo d'estes ultimos copiarei um epigramma de Luiz de Camello Noronha, que passava por grande sabedor da lingua de Virgilio e Horacio:

« Nescio si ferrum, si fructus, Lima vocaris,
« Nam ut ferrum penetras, fructus ut inde sapís:
« Si sapis ut fructus cúm sis penetrabilem ferrum,
« Et sapis et penetras, tu sapis atque sapis. »

O assumpto lyrico d'essa conferencia foi o seguinte: — *Uma dama que sendo formosa não fallava por não mostrar a falta que tinha de dentes.* — Mui apropriado era esse

motte para *dispertar os engenhos curiosos* dos academicos e uma alluvião de sonetos, decimas,romances,silvas, labyrinthos, etc, etc, innundou o valle da Tempe bahiense. Entre as poesias ahi recitadas achamos bastante espirituso o seguinte soneto de Rocha Pitta :

« Pondero a emudecida formosura
« de Filis sem temer que impertinente
« possa no meu soneto metter dente
« pois carece de toda a dentadura

« Si por cobrir a falta esta esculptura
« tão muda está que não parece gente
« estatua de jardim será sómente
« si de panno de raz não fôr figura.

« O senhor secretario quer que a crea
« bella sem dentes, eu lh'o não concedo
« desdentada é peor do que ser fêa :

« e em silencio só póde causar medo
« ser relogio de sol para uma aldêa
« para um povo estafermo do segredo. »

Como perfeito cavalleiro que era, tomou Antonio de Oliveira a defesa da dama desdentada, e dedicou-lhe a seguinte decima :

« Não me soffre o coração
« Que deixe assim ultrajar
« E desdentada chamar
« A quem toda é perfeição
« Senhores, vá de questão :
« No céo ha estrellas ? — E' certo,
« Reluzem tendo o sol perto ?
« Não ; pois si Nise tem posto
« Céo na boca e céo no rosto
« Ver-lhes as estrellas é incerto. »

Na corrente pelagica dos versos sobrenadavam as orações presidenciaes, que semelhantes aos heliotropos, voltavam seus calicis para o sol cesareo. Replectas na quasi totalidade de lugares communs e guindadas allusões, são para nós destituidas de minimo interesse. Fórma porém, felicissima excepção o discurso recitado pelo padre-mestre Raphael Machado, reitor do collegio dos jesuitas da Bahia, n'abertura da setima conferencia. Havendo tomado por thema o pensamento de Salomão : *Nihil sub sole novum* ; deu tractos á sua copiosa erudicção, para concilial-o com a novidade dos descobrimentos dos portuguezes; e n'esse certame, rendido o devido preito ao dominante gongorismo, mostrou-se por vezes digno emulo de Rocha Pitta e Brito Lima. Após brevissimo exordio, affrontou a proposição n'estes termos :

« A maior difficuldade com que encontra a gloria portugueza,ponto fixo do meu discurso, é a sentença de Salomão, que logo no principio me deu de repente como sol nos mesmos olhos, e me quiz cegar o entendimento, com a enchente e actividade de tantas luzes. Mas ainda que em mim a defesa da causa portugueza seja propria n'esta occasião, não ficarei cego mas sim irado e inflammado do calor portuguez ; usarei dos mesmos raios que a peleja e retorquirei contra Salomão, como granada flamante, o mesmo sol. Argumento assim : Quando Salomão olhou desde a altura do sol para o baixo e superficie da terra, podia tambem lançar os olhos como perfeito mathematico, desde o sol para o mais alto dos orbes celestes, e veria que n'este dilatadissimo theatro tinham apparecido como figuras de singular ostentação novas estrellas, muito depois da creação das primeiras, e se Salomão, por escusar tubos opticos, quizesse cançar os olhos para perto do mesmo sol, veria que a estrella Venus, sem detrimento da sua formosura, com

novidade notoria de todo o mundo, mudou a grandeza, fórma e compasso do seu passeio, no anno da creação do mundo 2318. Logo, se acima do mesmo sol podem acontecer novidades, porque não acontecerão estas debaixo do mesmo sol? Logo, podia a nação portugueza obrar acções novas e muito luzidas debaixo do sol, e tão luzidas como a luz do mesmo sol. »

Acabamos de ver o arguto escolastico tirar do seu thema as mais forçadas conclusões: apreciemos agora as finissimas e delicadas tintas do seu pincel, no quadro que desenha do Brasil:

« Mas alegrando o discurso, não me contentando com o descobrimento passado em tudo novo, digo contra Salomão que ainda ha de vir outro mais novo: o meu Jano assim o descobre: já promette diamantes, rubis, esmeraldas, para que não se perdendo os thesouros antigos, se vejam os novos reduzidos a compendio. Então se descobrirá a felicidade do paraiso terrestre, que a doutissima penna do padre Simão de Vasconcellos, antigamente habitador das paredes em que moro, em tratado particular, provou que estava no nosso Brasil, e por desgraça não viu a luz do prelo (19). Oh! se então se descobriram os fructos d'aquella ditosa arvore, dos quaes achou o grande padre Vieira confusas noticias no Grão-Pará, rei das aguas, que umas nações renovavam as forças e afugentava a velhice! Tal é este paraiso e de tantas felicidades, que em todo o rigor hão de perpetuar e dar novo descobrimento aos portuguezes. Mas quando considero no nosso Brasil o paraiso, consolo-me que tem cherubim, que com a espada de fogo de sua jus-

(19) E' inexplicavel semelhante equivocação do padre Machado; porquanto as *Noticias Curiosas e Necessarias das Cousas do Brasil*, do padre S. de Vasconcellos, já haviam sido impressas em Lisboa no anno de 1668, na officina de João da Costa.

tiça, inteireza e rectidão o defende e o guarda por imperio de seu supremo monarcha. A ninguem virá o pensamento de pelejar contra a espada de fogo d'este cherubim : seguros estão, pois, os muros de nosso paraiso. »

Haviam quiça reconhecido os *academicos esquecidos* a importancia do *grotesco* que tanta consideração mereceu a Victor Hugo, chegando a dizer d'elle: « que depois do sublime é a mais abundante fonte que a natureza possa offerecer á arte » (20) ; por isso é que vemos tomarem para assumptos lyricos os mais burlescos themas. Assim n'essa mesma conferencia em que tão doutamente orára o padre-mestre Machado discorreram os alumnos das musas sobre o seguinte motte : — *Uma moça que, mettendo na boca umas perolas, e revolvendo-as, quebrou alguns dentes.* — Dentre a turba dos glosadores sahiu-se Antonio Ayres de Penhafiel com a seguinte chistosa decima :

« N'uma concha crystallina
« d'onde aljofres bebe a aurora
« introduz perolas Flora
« travêssa como menina :
« porém como as destina

« a terem jazigo igual
« revolvendo-se mui mal
« a concha tanto pervertem
« que logo em coral convertem
« o que era aljofre e crystal.

Couberam, porém, incontestavelmente ao padre Barreto, vigario da freguezia de S. Pedro, as honras d'esse torneio poetico; e, apezar de ser um tanto longo, penso que não desaprazerá ao Instituto a leitura do seguinte romance joco-serio composto em toantes, que na opinião d'alguns criticos

(20) Vide o prefacio ao drama *Cromwell*.

modernos parece bastante convinhavel á indole da poesia portugueza (21).

« Vá de romance esta vez
« e queira a musa ajudar-me
« que tratar com raparigas
« não é cousa para padres.

« Direi com muita cautela
« as prendas e habilidades
« d'esta moça, mas de longe
« que é sol e póde abrazar-me.

« A senhora dona Nize
« moçoila de lindo talhe
« d'estas que agora tropeção
« por donaire em mil donaires

« um fio de ricas perolas
« lhe deu por prenda um amante
« que as sabe a moça pescar
« inda sem metter-se aos mares.

« Turbou-se um pouco a menina
« faltou-lhe toda a coragem
« temendo que d'enfiadas
« as perolas desmaiassem.

« Metteu-as logo na boca
« eu cuidei que era piedade
« porém dizem que foi traça
« de dar ás perolas mate;

« porque os dentes da menina
« mais claros que o fino jaspe
« envergonhando o marfim
« só com a prata liga fazem.

(21) Vide o prologo dos *Romances Historicos* pelo Sr. conselheiro Miguel Maria Lisboa, reimpresso em Bruxellas em 1866.

« Vendo-se lá entre dentes
« ficaram muito á vontade :
« porque mettidas nas conchas
« da melhor perola madre.

« Só não poderam os dentes
« com ellas bem mastigar-se
« que então reina mais a inveja
« si as prendas são semelhantes.

« Que são mais claros os dentes
« com grande força combatem
« quizeram julgar de côres
« e ficaram sendo partes

« Fazem-se os dentes pedaços
« de colera : ha tal desastre
« que permitta a natureza
« cortar o vidro diamantes!

« Mandou Nize a bom partido
« para acabar-se o debate
« que as perolas substituam
« aonde os dentes faltarem.

« Tenho feito doze coplas
« que a lei permitte aos romances
« não se acabam os conceitos
« fallar muito é contra a arte. »

Receio converter o Instituto em outeiro, por isso ponho aqui termo ás citações, deixando no olvido o avultado producto da fecunda musa bahiense, revelada nas dezoito conferencias celebradas pela *Academia Brasilica dos Esquecidos*. D'uma cota lançada á margem da 18ª conferencia por letra do secretario consta que no dia 4 de Fevereiro de 1725 finalisára o primeiro anno, e pela natureza das producções lidas n'essa mesma conferencia deduz-se que certo desali-

nho se inoculára nos escriptos, ainda dos mais esforçados paladinos, quiçá pelo cansaço resultante do *perenne trovar*. Cremos que nunca mais se reatou o interrompido fio de tão doutas palestras.

Em presença das peças do processo que fielmente trouxe ao conhecimento do Instituto persuado-me poder lavrar o seguinte laudo:

Descendente em linha recta das academias italianas, hespanholas e portuguezas, foi a *Academia Brasilica dos Esquecidos* a legitima representante do espirito futil e da incontinencia tropologica que tanto prejudicaram á suas avoengas. Os homens, porém, que consagraram seus lazeres ao cultivo da intelligencia, posto que mal encaminhada, n'uma epocha em que tão poucas aspirações eram deixadas ás letras, devem ser considerados benemeritos da patria, e sua saudosa memoria religiosamente guardada na urna do respeito e veneração dos posteros.

O DIA 9 DE JANEIRO DE 1822

Memoria lida no Instituto Historico Geographico Brasileiro

PELO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Aclarar os factos, apresentar estendidamente os acontecimentos, illuminal-os com reflexões, averiguar as noticias, fazer indagações aturadas, profundas, afastar as duvidas, romper as nuvens, as trevas que envolvendo os factos, desfiguram-os e alteram-os, desvanecer os preconceitos, pesar as tradições aproveitando o que n'ellas houver de racional e consentaneo, apagar das crenças populares o que fôr falso e embusteado : eis a missão do historiador que, allumiado pela luz da verdade, deve imparcial e desprevenido folhear os monumentos historicos, visitar os templos, os mosteiros, os edificios, os tumulos, viver nos archivos e cartorios, viajar, ser paleographo, antiquario, viajante, bibliographo, tudo, como diz Alexandre Herculano, o douto historiador portuguez.

E na nossa historia muito ha que delucidar, mysterios a romper, sellos a quebrar, que guardam factos ainda não convenientemente conhecidos, ou turvados com noticias erroneas.

Em verdade, porém, somos os primeiros a reconhecer as difficuldades n'esse caminhar de incertezas, duvidas e escuridades ; e se nos não alentasse esse sentimento que faz vibrar as cordas sonoras da harpa do menestrel, agitar o pincel magico do pintor, inspirar ao musico harmonias divinas, mover o escopro do esculptor, brandir a espada do guerreiro, exaltar o animo do sabio, o coração do philoso-

pho: se não fosse esse enthusiasmo que nos vivifica no meio da descrença e scepticismo que nos rodeia, se não fosse o amor patrio, certamente não seriamos quem ousaria levantar n'este palacio, com a fronte suarenta, a ponta do véo que esconde a noticia exacta de um facto hodierno, abrindo o discurso com palavras descoradas e despidas de atavios e esmaltes da eloquencia.

O titulo estampado no principio d'estas paginas declara que vamos tratar de um acontecimento que necessita de um só lustro para estar afastado de nós meio seculo.

Abicou a este porto ás 3 horas da tarde do dia 9 de Dezembro de 1821, o brigue de guerra *Infante D. Sebastião*, e não no dia 10 o brigue *Infante D. Miguel*, como diz o nosso illustrado consocio o conselheiro Pereira da Silva, e as noticias que trouxe da metropole alertaram os espiritos e alvoraçaram os animos. Diziam os decretos 124 e 125 das côrtes portuguezas que o Brasil devia ser retalhado, privado de chefe no poder executivo, sendo o principe D. Pedro chamado á Europa para viajar afim de aprimorar a sua educação, e, abolidos os tribunaes, devia passar o governo do Rio de Janeiro a uma junta, sendo-lhe entregue a administração em 10 de Fevereiro de 1822.

Destruiam estes decretos as instituições civis creadas pelo rei, apeavam o Brasil da sua categoria politica, roubavam-lhe as prerogativas de que gozára, e entregavam-no á mercê de aventureiros ou a lutas e guerras civis. Offendidos julgaram os brasileiros os seus brios, receiaram-se os portuguezes da sorte do Estado americano, e magòou-se e resentiu-se o principe por tirarem-lhe da mão o bastão da governança, demittirem-no do titulo e categoria conferidos por seu pai, e afastarem-no do paiz que regia á oito mezes, para ir estudar nas nações da Europa a arte da governação.

Tratava Portugal da recolonisação do Brasil; isto é, a terra de Santa Cruz devia voltar aos tempos de Thomé de Sousa.

Era um menoscabo, uma injuria; o paiz aonde encontrâram asylo seguro por alguns annos o rei, os principes e fidalgos portuguezes era agora privado de tudo, sem liberdades politicas, sem consideração social, e seus subditos para obterem justiça teriam de percorrer duas mil leguas, affrontarem mares encapellados antes de chegarem ás portas dos tribunaes de Lisboa.

Feriam os decretos das côrtes aos portuguezes e brasileiros; como ficariam os primeiros sem terem o apoio do principe, que nascêra na mesma terra que elles, como o acompanhariam; retirando-se o principe ficava o Brasil sem um centro de unidade, com um governo sem força nem prestigio, e inteiramente dependente de Portugal: e podiam sujeitar-se os brasileiros a essa degradação politica? Assim pensavam os brasileiros, aos quaes unindo-se muitos dos portuguezes, começaram a conspirar, a formar clubs e lojas maçonicas: ligou-se o capitão-mór José Joaquim da Rocha com seu irmão o tenente-coronel graduado do batalhão de caçadores e com outros brasileiros, e fizeram elle e os seus continuas reuniões, conciliabulos, nos quaes trataram de sobrestar a partida do principe. Tornou-se a casa do letrado Rocha, á rua d'Ajuda 137 esquina do becco do Proposito, o centro das reuniões politicas, frequentadas, entre outros, pelo coronel Francisco Maria Gordilho, depois marquez de Jacarepaguá, Luiz Pereira da Nobrega, Pedro Dias Paes Leme, depois marquez de Quexeramobim, e o franciscano, frei Francisco de Sampaio.

Escreveram os patriotas a alguns dos membros dos governos de S. Paulo e Minas, concitando-os a represen tarem ao principe sobre a necessidade que tinha o Brasil

de sua presença, até que as côrtes portuguezas, allegando-se os inconvenientes dos decretos expedidos, approvassem medidas salutares. Encarregaram ao coronel Gordilho de saber do principe se, vindo representações dos governos de S. Paulo e Minas, e havendo representações do povo e tropa do Rio de Janeiro, resolveria a sua ficada no Brasil.

Participando Nobrega ao Dr. José Mariano de Azeredo Coutinho o seu projecto e de outros de obstar a sahida do principe, approvou Azeredo Coutinho tão patriotica idéa, e pediu ser apresentado ao letrado Rocha para combinarem no modo de fazer a representação do povo e tropa: de feito, reunidos na cella de frei Sampaio o letrado Rocha, seu irmão, Luiz Pereira da Nobrega, Paes Leme, Azeredo Coutinho e frei Antonio da Arrabida, confessor do principe e depois bispo de Anemuria, discutiram as bases da representação, de cuja redacção incumbiu-se frei Sampaio. Feita e approvada, tiraram-se d'ella cópias para serem remettidas ás estações publicas, aos corpos do exercito e armada, afim de serem assignadas pelos respectivos empregados e praças.

Enviaram os patriotas a S. Paulo com officios e cartas endereçadas a Martim Francisco e a José Bonifacio, membros d'aquelle governo, e para informal-os dos negocios do Rio, a Pedro Dias, que, dando lhe azas o patriotismo, transpôz em poucos dias a distancia que nos separa d'aquella provincia do sul; e a Minas o tenente Paulo Barbosa da Silva depois mordomo da casa imperial, ao qual disse o principe que, se fosse feliz n'essa missão, ficaria seu amigo; tambem asseverára a Gordilho que, se as representações lhe fossem dirigidas convenientemente, assumiria a responsabilidade de desobedecer ás côrtes; e apezar de haver-lhe dito Paes Leme o fim que levava-o a S. Paulo não estorvára D. Pedro sua viagem.

Moço, na idade em que o espirito mais se resente das offensas e mais altanado se mostra, vendo-se amado e festejado pelos brasileiros, e desrespeitado e insultado pelos decretos portuguezes, desejava D. Pedro desobedecer ás ordens das côrtes e permanecer no Brasil; e assim não só favorecia os planos dos que trabalhavam para elle não desamparar o paiz americano, senão nas cartas escriptas a seu pai começou a insinuar os obstaculos e difficuldades em cumprir aquelles decretos. Na carta dirigida em 14 de Dezembro de 1821 dizia o principe:

« Faz-se mui preciso para desencargo meu seja presente ao soberano congresso esta carta, e Vossa Magestade lhe faça saber da minha parte que me será sensivel sobremaneira se fòr obrigado pelo povo a não dar o exacto cumprimento a tão soberanas ordens, mas que esteja o congresso certo que hei de fazer com razões, os mais fortes argumentos, diligenciando o exacto cumprimento quanto nas minhas forças couber. »

Na carta de 15 do mesmo mez escreveu:

« Torno a protestar ás côrtes e á Vossa Magestade que só a força será capaz de me fazer faltar ao meu dever. »

Na carta do dia 30 acrescentou:

« Tudo está do mesmo modo que expuz nas duas cartas anteriores á esta á Vossa Magestade; a differença que ha é que d'antes a opinião não era geral, hoje é e está mui arraigada.

Na do dia 2 de Janeiro de 1822 declarou:

« Farei todas as diligencias por bem para haver socego, e para ver se posso cumprir os decretos 124 e 125, o que me parece impossivel, porque a opinião é toda contra por toda a parte. »

Partira, como dissemos, o tenente Paulo Barbosa para Minas, e em oito dias chegára a Ouro-Preto. A primeira

pessoa com quem se entendêra no lugar denominado Borda do Campo fôra o padre Manoel Rodrigues da Costa, que como preso da inconfidencia estivéra em 1791 no carcere da fortaleza de S. José, na ilha das Cobras ; promettêra-lhe esse sacerdote esforçar-se por obter da camara de Barbacena uma representação pedindo a ficada do principe o que conseguiu : d'alli dirigira-se Paulo Barbosa para Queluz onde abrira-se com o padre Antonio Ribeiro de Andrade, letrado da villa, que influiu sobre a camara para representar no mesmo sentido ao principe regente : encontrára em Ouro-Preto opposição nos membros do governo que quizeram prendêl-o e remettêl-o á Bahia ; mas chegando ao lugar o tenente Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, emissario do governo de S. Paulo ao de Minas, aplainaram-se as difficuldades do negocio e houve representação ao principe : ajudado em Marianna pelo coronel Fortunato obtivéra Paulo Barbosa representação da camara do districto, assim como das de Sabará e Caeté, e regressando para S. João d'El-Rei favorecêra-o em sua missão o coronel Isidoro, appellidado o bispo, e alcançara representação do lugar ao principe regente. Além d'esses manifestos das municipalidades enviára o dedicado cidadão, encarregado de tão afanosa tarefa, muitas representações de coroneis e capitães-móres de ordenanças (1).

Não descansavam os brasileiros no Rio de Janeiro, o patriotismo augmentava-lhes o ardor e a actividade, e os não detinham nem os perigos nem as fadigas.

Incumbiram-se Innocencio da Rocha Maciel, que ainda

(1) Falleceu Paulo Barbosa da Silva, com 74 annos de idade, em 28 de Janeiro de 1868, e sepultou-se no cemiterio de S. Francisco de Paula. Era natural de Minas, brigadeiro reformado, mordomo da casa imperial, e tinha diversas condecorações nacionaes e estrangeiras.

vive, filho do capitão-mór Rocha, e Antonio de Menezes Vasconcellos Drummond de agenciar assignaturas para a representação que pelo senado da camara devia ser levada ao principe, e afim de apressar esse trabalho annunciou o capitão-mór que estava patente dia e noite em sua casa a representação para aquelles que quizessem assignal-a.

Apezar de não oppôr-se abertamente a essas assignaturas, começou a tropa portugueza a manifestar descontentamento, a observar cautelosamente os patriotas; viram-se grupos de soldados portuguezes do batalhão 11 e de artilheria nas vizinhanças da casa do capitão-mór, do que tendo noticia o brigadeiro Vidigal, commandante da policia, enviou patrulhas do seu corpo para segurança do domicilio d'aquelle cidadão.

No dia 1 de Janeiro, e não no dia 31 como diz o afamado historiador Varnhagen, recebeu o principe a representação do governo de S. Paulo datada em 24 de Dezembro e assignada em primeiro lugar por João Carlos Augusto de Oeynhausen, depois marquez de Aracaty. Escreveu o principe no dia seguinte a seu pai n'estes termos :

« Meu pai e meu senhor. Hontem pelas 8 horas da noite chegou de S. Paulo um proprio com ordem de me entregar em mão propria o officio que ora remetto incluso, para que Vossa Magestade conheça e faça conhecer ao soberano congresso quaes são as firmes tenções dos paulistas e por ellas conhecer quaes são as geraes do Brasil. »

Reunindo o principe D. Pedro o ministerio afim de consultal-o se devia ou não annuir ao pedido dos fluminenses para ficar no Brasil, votaram os ministros unanimemente que, em obediencia ás ordens do soberano congresso e do rei, devia o principe ir para Portugal ; mas, levantada a sessão, conta-se que o desembargador Francisco José Vieira, successor de Pedro Alvares Diniz no cargo de

ministro do reino, pedira ao principe para ouvil-o em particular e disséra-lhe : « Senhor. V. A. Real já ouviu meu voto como ministro, agora quero dar-lhe a minha opinião como simples particular ; não vá, fique que é o que convem a todos. »

Appareceu no dia 8 o seguinte annuncio publicado pelo letrado Rocha :

« Como consta que a generalidade dos habitantes d'esta côrte, levados do verdadeiro espirito de liberalidade, do amor á inclyta nação portugueza, do mais ardente desejo do solido bem, perpetuidade e indivisibilidade do imperio portuguez, e do cordeal affecto, respeito á real casa reinante, desejam assignar a representação que pelo Illm. senado da camara se dirige ao heroico e augusto principe real e regente do reino do Brasil, para que, interpretando justa e racionalmente as ordens que sobre este objecto ao mesmo real senhor foram ultimamente transmittidas, não deixe este reino, como unico e indispensavel meio de conseguir os importantissimos fins da união reciproca que foi proclamada, faz-se-lhes saber que quem quizer assignar a sobredita representação se dirija á rua da Ajuda n. 137, no dia de hoje, 8 do corrente, impreterivelmente, onde a lerá, e achando-a digna assignará, sendo d'esses sentimentos. »

Attendeu o povo ao chamamento do patriota; mais de oito mil assignaturas cobriram a representação que tinha de ser dirigida ao principe real.

Em uns apontamentos colhidos pelo nosso distincto mestre, amigo e douto consocio o Sr Dr. Silva, os quaes foram-nos cedidos graciosamente e serviram-nos para ensartar os factos d'este discurso, lemos o seguinte :

« Parece que o dia 9 de Janeiro foi o escolhido para dirigirem-se as representações ao principe por terem chegado os decretos das côrtes em 9 de Dezembro. »

Vem corroborar essa idéa e convencer-nos de que previamente se determinára aquelle dia o que lemos na carta escripta no dia 2 pelo principe ao rei, e é o seguinte:

« Ouço dizer que as representações d'esta provincia são feitas no dia 9 do corrente. »

De feito ás 10 horas da manhã d'esse dia enviou o senado da camara o seu procurador ao principe pedindo-lhe uma audiencia, e marcando o principe regente a hora do meio-dia sahiu ás 11 horas o senado do consistorio da igreja do Rosario, onde se reunia, e acompanhado dos homens bons, que tinham andado na governança da terra e de muitos cidadãos, caminhou processionalmente para o paço da cidade, e entrando e sendo apresentado ao principe dirigiu-lhe o presidente do senado, José Clemente Pereira, uma falla, finda a qual entregou-lhe as representações do povo, do corpo de negociantes e dos officiaes de ourives.

Obtendo a palavra o coronel de estado-maior ás ordens do governo do Rio-Grande do Sul, Manoel Carneiro da Silva e Fontoura, que pedira permissão ao senado para incorporar-se a elle, declarou serem iguaes aos dos fluminenses os sentimentos dos rio-grandenses; no mesmo acto apresentou João Pedro Carvalho de Moraes uma carta das camaras de Santo Antonio de Sá e Magé, nas quaes estavam exarados os mesmos votos.

Tendo resposta favoravel do principe, annunciou-a José Clemente ao povo de uma das janellas do palacio, e apparecendo D. Pedro em outra janella foi fervorosamente saudado; logo que serenou o alvoroço popular exclamou o principe:

« Agora só tenho a recommendar-vos união e tranquillidade (2) ».

(2) Serviram estas duas palavras para denominar uma loja maçonica conhecida tambem com o nome de Nove de Janeiro.

Repetiram-se as acclamações ao erguer o presidente do senado vivas á religião, á constituição, ás côrtes, á el-rei constitucional, ao principe constitucional e á união de Portugal com o Brasil.

Findo o acto recolheu-se o senado aos paços do concelho, recebendo em seu trajecto continuas saudações e frequentes congratulações.

Na noite d'esse dia appareceu nos lugares publicos o seguinte edital.

« O senado da camara julga do seu dever annunciar ao povo d'esta cidade que hoje ao meio-dia pôz na presença de S. A. Real o principe regente do Brasil as representações que lhe dirigiu; e que o mesmo senhor se dignou annuir a ellas dando a resposta seguinte:

« *Convencido de que a presença de minha pessoa no*
« *Brasil interessa ao bem de toda a nação portugueza,*
« *e conhecendo que a vontade de algumas provincias o re-*
« *quer, demorarei a minha sahida até que as côrtes e meu*
« *augusto pai e senhor deliberem a este respeito com perfeito*
« *conhecimento das circumstancias que têm occorrido.* »

« E para que seja completa a gloria d'este dia recommenda o mesmo senado a todo este povo que descanse de hoje em diante na sua vigilancia, e que deixe ao governo a disposição das providencias necessarias, porque, não podendo resultar de uma conducta contraria senão anarchia e desordem, virá a cahir nos mesmos males que pelo passo que acaba de dar deseja evitar.

« Rio de Janeiro, em vereação de 9 de Janeiro de 1822.— *José Martins Rocha.* »

No dia seguinte publicou a camara outro edital n'estes termos:

« O senado da camara, tendo publicado hontem com notavel alteração de palavras a resposta que S. A. Real o

principe regente do Brasil se dignou dar á representação que o povo d'esta cidade lhe dirigiu, declara que as palavras originaes de que o mesmo senhor se serviu foram a sseguintes:

« *Como é para bem de todos e felicidade geral da nação,* « *estou prompto; diga ao povo que fico.* »

« O mesmo senado espera que o respeitavel publico lhe desculpe aquella alteração, protestando que não foi voluntaria, mas unicamente nascida do transporte de alegria que se apoderou de todos os que estavam no salão das audiencias, sendo tão desculpavel aquella falta, que todas as pessoas que acompanhavam o mesmo senado não tiveram duvida em declarar que a expressão do edital que se acaba de publicar fôra a propria de S. A. Real com alguma pequena differença.

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1822. — O juiz de fóra, presidente, *José Clemente Pereira.* »

Vêm estampadas estas peças officiaes nos annexos ás cartas do principe D. Pedro ao rei, seu pai, na collecção dos documentos publicados por ordem das côrtes em 1822, que acompanharam a participação dirigida ao governo pelo commandante da força expedicionaria, existente no Rio de Janeiro; o *Diario do Rio* transcreveu o primeiro edital na folha de quinta-feira 10 de Janeiro e o segundo na do dia seguinte, e ambos vieram a lume n'esse dia no periodico *Espelho.*

Está, pois, authenticado que houve duas respostas ás representações do dia 9; mas qual a razão da affixação do segundo edital: que motivaria as duas edições diametralmente oppostas das palavras do principe: que acontecimentos se originaram da segunda resposta, em que D. Pedro decididamente e sem condição alguma annunciou a sua vontade em ficar no Brasil!

Eis o que vai occupar-nos no seguinte capitulo.

II

E' de admirar que, tendo ido o senado da camara fazer uma petição ao principe, estando todos anciosos por ouvir as palavras d'este, as quaes tinham de decidir os negocios publicos e a situação do paiz, reinando silencio na sala do palacio, attentos e desejosos todos de adivinhar pelos movimentos dos labios do principe real qual a sentença que ia pronunciar, não fossem perfeitamente percebidas e não ficassem gravadas na memoria de todos as expressões do regente do Brasil. Tratava-se de negocio de alta magnitude, ia decidir-se a sorte do Brasil, lavrar-se a sua sentença; ou devia continuar como reino, com direitos iguaes e irmãos aos de Portugal, ou retrogradar, e ficar misera colonia; era uma questão de nacionalidade, de honra, de autonomia politica a que estava pendente dos labios do principe, cujas palavras ou haviam de dictar a condemnação ou a salvação, a liberdade ou a escravidão do paiz americano. Toldados estavam os negocios publicos, obumbravam o horizonte politico nuvens caliginosas e esperava-se um *fiat*, cujo vocabulo devia ser pronunciado pelo principe. Como, pois, comprehender que foram mal ouvidas e mal interpretadas as expressões de D. Pedro, como crer que, tratando-se da conservação ou postergação de direitos e regalias dos brasileiros, se confundissem as palavras que tinham de aclarar estes factos; póde-se acreditar em ter-se confundido a primeira resposta, dubia, condicional, com a segunda, plena e absoluta, a resolução contemporisante e temporaria, enunciada na primeira resposta, com a decisão franca e explicita da segunda! Podia, é certo, haver equivoco em uma ou outra palavra; mas a diversidade das expressões e do sentido entre a primeira e a segunda resposta faz crer o haver sido esta lavrada depois.

Os documentos coevos vêm em auxilio nosso.

Diz o periodico *Malagueta*, escripto por Luiz Augusto May, no seu numero 4 :

« Posto que, como fica dito, nenhum dos periodicos se propuzesse ao relatorio dos acontecimentos do dia 9, aconteceu que o *Diario* do dia 10 appareceu com a interessante resposta que o serenissimo Sr. principe regente se dignou dar ao senado da camara ; esta resposta, apezar de se não achar na *Gazeta Ministerial* do mesmo dia 10, mereceu o cunho de official por isso que ella se achava referendada pelo escrivão da camara ; mas qual foi o espanto de todos quando no *Diario* do seguinte dia (11) se annuncia a resposta de S. A. Real transcripta em palavras differentes da do dia precedente, e que para ter o cunho de maior orthodoxia vinha referendada pelo juiz de fóra, presidente! Antes que appareça novo annuncio em que os vereadores e o procurador nos transmittam esta resposta em 3ª e 4ª fórma com respectivas assignaturas, peço desde já licença para intervir.

« Não será esta a primeira vez em occasião de alto cortejo e concursos diplomaticos e municipaes, em que tenham havido equivocações na transmissão de discursos e respostas ; mas é inquestionavelmente a primeira vez em que achando-se as tres potencias da alma suspensas, para o fim de receber impressões de palavras do mais vivo interesse, anciosamente esperadas por seis ou mais pessoas de uma respeitavel municipalidade, palavras que, pronunciadas, reinando um morno silencio, deveriam ficar logo consignadas no protocolo da memoria de todos, appareça uma contradicção que forma um celebre contraste com a asserção que acabo de fazer acima, sobre a digna attitude que o acto tomou, desde a sahida da casa do senado, até o momento da falla de Sua Alteza. »

Na participação que Jorge de Avilez dirigiu ás côrtes lê-se:

« S. A. Real ouviu com agrado a solicitação do senado da camara, que, na mesma noite de 9, publicou por um edital, que S. A. Real demoraria sua sahida, até que as côrtes e seu augusto pai e senhor deliberassem com perfeito conhecimento das circumstancias occorridas.

« Ainda que parece difficil de comprehender como um grande numero de gente, reunido ao mesmo tempo em uma só sala, guardando todos um respeitoso silencio, não percebesse a resposta de S. A. R., a qual o senado fez publica pelo edital d'aquelle dia, viu-se no seguinte outro edital que declara não ter sido aquella a resposta; e que, decididamente e sem condição alguma, S. A. Real annuncia sua vontade em ficar. »

No officio que o mesmo Avilez enviou em 18 de Janeiro ao ministro da guerra, Manoel Martins Pamplona, lê-se:

« Espalharam por toda a parte esta doutrina, que tomou tal vigor que obrigou a camara a dirigir a S. A. Real um requerimento precursor da independencia intentada, para que ficasse aqui; Sua Alteza annuiu, significando que ficaria até dar parte ás côrtes geraes e a seu augusto pai, nosso amado rei. Esta resposta não pareceu sufficiente aos interesses, e pediu-se se declarasse por um edital a absoluta resolução de ficar. »

Houve pois dualidade de resposta ás representações dirigidas ao principe; mas como explicar a segunda resposta, o apparecimento do segundo edital!

E' de crer que, comprehendendo o principe que a primeira resposta collocava-o em uma posição pouco conveniente e duvidosa, não só em relação ao congresso, como aos brasileiros, mandasse publicar a resolução clara e resoluta contida no segundo edital. De feito, ficando temporaria-

mente, desobedecia ás côrtes e não contentava aos brasileiros; ou aconselhado pelos patriotas, que fizeram-lhe ver que a primeira resposta não preenchia ás necessidades publicas, á situação do paiz, nem satisfazia á espectativa popular; que,se o principe não devia deixar o Brasil n'aquelle momento por não convir á nação portugueza, peior seria no futuro, mais perigoso e difficil tornar-se-ia seu regresso; que nada se devia esperar das côrtes, que haviam já manifestado a sua reprovação, por haver o principe ficado no Brasil como regente, excluindo-o da dotação, e pesando essas razões no animo de D. Pedro, levassem-no a dictar as palavras do segundo edital, que para mais authenticidade e cunho official veiu referendado pelo juiz de fóra, presidente do senado, José Clemente Pereira; foi o unico que appareceu na *Gazeta Ministerial*, o unico que veiu consignado no termo da vereação da camara, e o unico que o principe referiu na carta em que relatou esse acontecimento a seu pai.

Que a primeira resposta não satisfazia á situação politica, aos votos populares, prova-se pelas representações apresentadas ao principe, das quaes, se algumas pediam ao regente do Brasil para ficar até ulterior decisão do congresso, declaravam outras que decididamente devia D. Pedro permanecer no Brasil.

Disse o representante da provincia do Rio-Grande do Sul, no dia 9, ao principe real:

« Não podemos de nenhum modo, nem por consideração alguma, consentir no decretado regresso de S. A. Real.

Na falla endereçada pelos pernambucanos ao principe, e impressa mais tarde por ordem d'este, lê-se:

« Sim, augusto senhor; é no Brasil que V. A. Real deve fixar a sua residencia, n'esta parte da monarchia é que Vossa

Alteza póde sustentar illesos os sagrados direitos da corôa, em que um dia ha de succeder. »

Disséra em 1 de Janeiro, o clero de S. Paulo, pela bocca do seu prelado:

« Não se aparte Vossa Alteza do reino do Brasil, todos os brasileiros amam, estimam e reverenciam a Vossa Alteza e sobre todos os honrados paulistas, todos elles, eu e o meu clero estamos promptos a dar a vida por V. A. Real e pela real familia. »

Produziu a primeira resposta má impressão, desagradou ao povo; corrobora este asserto o que escreveu Jorge de Avillez ás côrtes, e é o seguinte:

« E com effeito a opinião publica mostrou-se immediatamente com vehemencia que o desejo dos que subscreveram o memorial era de que, absolutamente e sem sujeitar-se, nem ás côrtes nem ao monarcha, ficasse. Foi este o maior triumpho que conseguiram e que os armou para ulteriores passos.

Causou a segunda resposta vivo contentamento e expansiva alegria aos brasileiros, que desde então idolatraram a D. Pedro, que, havendo desobedecido formalmente ás ordens do congresso, formára com elles um tratado de alliança, como diz o nosso conterraneo amigo e illustrado consocio, o Dr. Joaquim Manoel de Macedo. A cidade illuminou-se tres noites consecutivas, o theatro de S. João, hoje de S. Pedro de Alcantara, abriu suas portas, e aos espectaculos assistiu o principe real saudado frequentemente pelos vivas e applausos do povo, e pelos hymnos dos poetas.

Mas essas mesmas palavras, que encheram de jubilo os corações de um povo inteiro, exaltaram os animos dos soldados portuguezes.

Costumada a exercer a mais decidida influencia nos negocios publicos, a intervir directamente na marcha governa-

tiva e a exigir medidas de maior alcance e importancia, havendo obtido pelo seu pronunciamento que o rei jurasse em 26 de Fevereiro de 1821, a constituição que se estava fazendo em Portugal, e o principe D. Pedro prestasse juramento, em 5 de Junho do mesmo anno, ás bases da constituição portugueza, irritou-se a tropa de Portugal por ver que, sem consultal-a, sem haver obtido pelo menos o seu tacito consentimento, tomára o povo a deliberação de reter o principe no Brasil, acquiescendo D. Pedro á vontade de seus subditos, annuindo a seus votos (3).

Exasperada por não haver exercido influencia na resolução do principe, e comprehendendo seu alcance politico, tratou a divisão portugueza de intervir, e julgou ser tempo ainda de sopitar a vontade do povo e do filho do rei.

Declarando no dia 11 Jorge de Avilez Juzarte de Sousa Tavares, general da divisão auxiliadora, que estava demittido do commando, revoltaram-se os soldados dos batalhões 11 e 15 e os de artilheria; enfurecidos percorreram de noite as ruas, quebraram as vidraças e apagaram as luminarias.

Constava a divisão auxiliadora do batalhão 11, aquarteado no largo de Moura, do batalhão 15, no quartel de Bragança, do de caçadores 3, em S. Christovão, e do 4° de artilheria, na cavalhariça do paço.

Exaltados os animos, mostraram-se os officiaes portuguezes desabridos em suas palavras e acções. Estando o brigadeiro Francisco Joaquim Carreti na porta d'uma pharmacia á rua Direita, disseram-lhe os que rodeavam-no que o principe não iria mais para Portugal.

« Ha de ir, exclamou o brigadeiro, ainda que lhe sirva

(3) V. Compilador n. 4 de 27 de Janeiro de 1822.

de prancha a folha d'esta espada. » E pegou da espada pendente do cinturão.

Encontrando-se no saguão do theatro na noite de 11 os tenentes-coroneis José Joaquim de Lima e José Maria do batalhão 11 de Portugal, disse este :

« Vocês foram nossos escravos, são e hão de continuar a sêl-o e vou dar a prova. »

O tenente-coronel Lima retirando se retorquiu :

« Veremos isso. »

Referiu-nos o Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, actual cirurgião-mór da armada, este facto, que vimos relatado em uma carta escripta pelo referido cirurgião-mór em 30 de Outubro de 1857, a qual vem impressa na memoria intitulada *Exposição Historica da Maçonaria no Brasil* pelo cirurgião-mór Manoel Joaquim de Menezes.

O Dr. Soares de Meirelles era n'aquella época cirurgião do 1° batalhão de caçadores do paiz, mas por haver falta de cirurgião na divisão portugueza estava alistado no batalhão 11.

Eis como descreve elle na supracitada carta a altercação entre Lima e José Maria :

« Eu chegava ao theatro quando isto se passava ; o commandante do 11, vendo-me, disse-me que o acompanhasse. Entrámos em casa do coronel João de Sousa, com quem fallou em particular, e partimos para o quartel. Ahi estando, chegaram o mesmo general João de Sousa, os generaes Carreti, Jorge de Avilez, Raposo e outros officiaes superiores. Pôz-se logo o batalhão em armas. Depois de alguns minutos de conferencia partiu o ajudante a galope para S. Christovão para fazer pôr em armas o batalhão 3 de caçadores de Portugal, e outro official para o quartel de Bragança e artilheria n. 4, para que esta e o n. 15 tambem se puzessem em armas.

« Como o commandante no furor em que estava não reflectiu que eu era brasileiro e não compartilharia os seus designios e dos seus, disse-me : « Como seus patricios não « querem ser livres, havemos de lhes dar a liberdade á « força, e o principe desobediente (foi outro o termo de que « se serviu) agora mesmo ha de ser preso, pois vamos « cercar o theatro e o havemos de levar pelas orelhas para bordo. »

« Como eu estava á paisana, pedi-lhe licença para ir á casa fardar-me. Parti immediatamente para o theatro, e fui ter ao camarote do major do dia, que era José Joaquim de Almeida, major do meu corpo. Tomando-o de parte contei-lhe o que havia ; elle conduziu-me ao camarim do principe, e fêl-o chamar para lhe communicar negocio grave.

« O principe sahiu incontinente e eu lhe referi o que havia : não voltando mais ao camarim, partiu immediatamente para S. Christovão. »

Divulgada repentinamente a noticia da violencia que os officiaes portuguezes queriam empregar contra o principe regente, irado correu o povo para as ruas e praças, e tratou de tomar armas de defesa ; formaram os officiaes brasileiros uma guarda de honra para acompanhar o principe até á quinta da Boa-Vista.

De caracter energico e destemido, se não aterrava facilmente o principe real D. Pedro ; resoluto a resistir contra a divisão portugueza, mandou armar os militares da segunda linha e a guarnição da cidade, mas julgou conveniente enviar para a fazenda de Santa Cruz a sua familia ; e essa viagem precipitada, feita em dias calmosos, aggravou os padecimentos do principe herdeiro, que contava pouco mais de dez mezes de idade.

Tocou-se a rebate, cidadãos de todas as classes apresen-

taram-se armados ou correram aos quarteis do campo de Sant'Anna para tomarem o mosquete e a patrona; officiaes reformados, sacerdotes, empregados publicos, negociantes empunharam armas e alistaram-se como simples soldados.

Apezar de se achar atacado da gòta, tomou o marechal Joaquim de Oliveira Alvares o commando da força, e mandou vir da Praia Vermelha a bateria da artilheria montada, que foi conduzida por animaes da cavalhariça do principe.

Arrombando um portão que dava para á praia de Santa Luzia, sahiram do arsenal de marinha alguns soldados e operarios, e foram reunir-se ao povo e tropa que coagulavam o campo de Sant'Anna.

Os raios brilhantes da lua, transformando a noite em dia, favoreciam os planos dos fluminenses, mostravam-lhes os caminhos, guiavam-os em suas excursões, e alentavam-lhes na alma o amor da patria.

Occupando o morro do Castello e assestando uma peça contra a casa do capitão-mór Rocha, tomou a divisão portugueza, ao amanhecer do dia 12, uma attitude hostil e ameaçadora; na cidade achava-se o povo armado, e pela efferverscencia e movimento guerreiro podia prognosticar-se grave conflicto. Mas, receiando-se da resistencia que os fluminenses podiam apresentar-lhe, crendo nas noticias exageradas de meios de defesa artificiosamente espalhadas, vendo que, apezar de ficar em armas, se não movèra do quartel o batalhão de caçadores 3, e que não podia conservar muito tempo a posição occupada, resolveu Avilez, intimado pelo principe, capitular, conservando seus soldados as armas, e retirar-se para a Praia-Grande, na outra banda da bahia, onde julgava poder permanecer até chegar

a expedição esperada de Portugal, sendo então mais facil a resistencia e mais seguro o resultado da luta.

Era uma capitulação phantastica, e para proval-o abramos de novo a carta, já por nós citada, do Dr. Meirelles. Escreve elle:

« No dia seguinte appareci em o n. 11; tinham capitulado as tropas portuguezas, e iam para a outra banda.

« Felizmente o commandante estava como na vespera; por isso disse-me que a capitulação era phantastica, e que a primeira companhia de caçadores 3 que chegasse á Praia-Grande iria occupar Santa-Cruz, que elles se fariam fortes, resistiriam ao principe até chegar a divisão auxiliadora; e como me ordenasse que fosse arranjar as ambulancias, sahi e fui a toda pressa ao campo de Sant'Anna. Ahi chegando dirigi-me ao meu commandante, que estava com os marechaes Lino de Moraes, Geneli e outros, e lhes disse o que havia. O marechal Lino disse que sem tomarem o Pico não podiam tomar Santa-Cruz, que cincoenta homens fariam face a mil; e não deram importancia ao que eu lhes dizia: « Pois, senhores, lhes tornei eu, no Pico ha um cabo e cinco soldados. » E fui para o general Curado, que estava á testa das forças patrioticas; mal me ouviu, batendo-me no hombro, disse: « Tem razão, meu menino. » E mandou immediatamente um tenente com 60 homens occupar o Pico e reforçar Santa-Cruz.

« Não se tinha passado uma hora que chegára ao Pico a força mandada, quando a companhia de caçadores chegava tambem. Reconhecendo a força, retirou-se (4).

(4) Falleceu o Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles em 13 de Julho de 1868 e sepultou-se no cemiterio de S. Francisco de Paula. Era medico da imperial camara, membro honorario da academia de medicina, official do Cruzeiro, commendador da Rosa, cavalleiro de Aviz, conselheiro, cirurgião-mór da armada, e tinha a medalha

Descrevendo o embarque da divisão portugueza diz o erudito historiador Varnhagen :

« Antes que as ditas tropas portuguezas passassem á outra banda atravessaram formadas algumas ruas da cidade, fazendo compassadamente com a marcha um tal ruido grave com os sapatos dos soldados cravejados de taxas, que o povo se lembrou de denominal-os pés de chumbo, alcunha que depois se estendeu a todos os filhos de Portugal, que, vendo n'ella affronta, d'isso julgaram vingar-se chamando aos filhos do paiz pés de cabra, alcunha que envolvia em si um verdadeiro insulto, que talvez contribuiu muito, senão a encarniçar a luta contra os européos, pelo menos a arraigar odios que felizmente já quasi desappareceram com vantagem dos dois paizes. »

Transferida em embarcações de transporte a divisão portugueza, excepto o batalhão de caçadores que estivéra em S. Christovão, não descansou o principe; mandou reunir tropa e milicias no campo do Barreto para cortar á divisão a communicação do interior do paiz; collocou em frente aos quarteis da Armação, occupados pelos soldados portuguezes, alguns navios de guerra; escreveu aos governos de S. Paulo e Minas pedindo-lhes reforço de tropa; fez uma representação ao povo e outra aos soldados de Avilez, que tambem publicou um manifesto justificando o seu procedimento; ordenou que os soldados da divisão que requeressem baixa a tivessem, e d'esse indulto aproveitaram-se muitos, pelo que, representou Avilez ao principe, que não o attendeu, e que, talvez para manifestar mais claramente sua adhesão aos brasileiros, chamou ao minis-

commemorativa do rendimento de Uruguayana. Occupou distincto lugar entre os medicos do paiz, e ainda mesmo nos tempos das lutas ardentes dos partidos soube ganhar e conservar amigos dedicados entre seus adversarios politicos.

terio a Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Joaquim de Oliveira Alvares e a José Bonifacio de Andrada e Silva, illustre brasileiro, que, collocado ao lado do regente do Brasil, aconselhou-o e guiou-o tornando-o heróe da liberdade, creador de um povo.

No dia 26 recebeu D. Pedro a deputação enviada pelo povo, clero e governo de S. Paulo pedindo-lhe para permanecer no Brasil, e em presença do principe disse José Bonifacio :

« Digne-se V. A. Real, acolhendo benigno as supplicas de seus fieis paulistas, declarar francamente á face do universo que não lhe é licito obedecer aos decretos ultimos para a felicidade não só do reino do Brasil, mas de todo o reino unido. »

No discurso recitado em 15 de Fevereiro pela deputação de Minas perante o regente do Brasil lê-se.... « até que as côrtes, moderando a acceleração de suas decisões, providenciem legalmente, como é de esperar, o que fôr justo e de razão, menos sobre o regresso de V. A. Real, que jámais deixará de ser o centro commum da união e do poder executivo n'este reino. »

Provam estas palavras e as proferidas por José Bonifacio que a idéa geral e fixa era que o principe não devia abandonar mais o Brasil.

Lembraram as representações de S. Paulo e Minas a conveniencia da convocação de uma junta de procuradores geraes ou representantes legalmente nomeados pelos eleitores de parochia juntos em cada comarca.

Razões tinha o principe D. Pedro para achar-se molestado contra a divisão portugueza; tomando uma attitude revolucionaria, perturbando o socego publico, obrigára-o, em 5 de Junho de 1821, a alterar a fórma do governo legalmente eleito pelo rei; o que levou-o a chamar

a essa tropa de insubordinada em carta dirigida a seu pai em 9 de Junho, na qual pediu-lhe a fizesse render quanto antes; acquiescendo á vontade dos brasileiros para ficar no Brasil, oppuzéra-se a divisão, armára-se, desrespeitára-o e ameaçára-o, assim como ao povo, e além d'isso magoára profundamente o seu coração a morte do principe, seu filho, em 4 de Fevereiro, victima incruenta d'esse motim militar. Relatou a el-rei esse acontecimento n'estas palavras:

« Meu pai e meu senhor. — Tomo a penna para dar a Vossa Magestade a mais triste noticia do successo que tem dilacerado o meu coração. O principe D. João Carlos, meu filho muito amado, já não existe.

« Uma violenta constipação cortou o fio de seus dias. Este infortunio é o fructo da insubordinação e dos crimes da divisão portugueza. O principe já estava incommodado quando esta soldadesca rebelde tomou as armas contra os cidadãos pacificos d'esta cidade; a prudencia exigiu que eu fizesse partir immediatamente a princeza e as crianças para a fazenda de Santa-Cruz, afim de as pôr ao abrigo dos successos funestos de que esta capital podia vir a ser o theatro. Esta viagem violenta, sem as commodidades necessarias, o tempo que era mui humido, depois de grande calor do dia, tudo emfim se reuniu para alterar a saude de meu caro filho, e seguiu-se-lhe a morte.

« A divisão auxiliadora, pois, foi a que assassinou o meu filho e neto de Vossa Magestade. Em consequencia, é contra ella que levanto minha voz. Ella é responsavel na presença de Deus e ante Vossa Magestade d'este successo, que tanto me tem afflicto, e que igualmente affligirá o coração de Vossa Magestade. »

Não cabendo-lhe mais no peito os impulsos do seu rancor, esgotada a paciencia para supportar mais tempo o

desrespeito e pertinacia da divisão portugueza, passou-se o principe D. Pedro para bordo da fragata *União*, e em 9 de Fevereiro intimou a divisão para embarcar no dia seguinte, e, se o não fizesse, lhe não daria quartel e tratal-a-hia como inimiga. Quizeram os officiaes portuguezes procrastinar, vieram a bordo apresentar os inconvenientes de tão proxima partida; mas, ouvindo-os, respondeu-lhes o principe real:

« Já o ordenei e se o não fizerem amanhã começo a fazer-lhes fogo. »

De feito dormiu a bordo, e deu ordens para entrarem os navios no dia seguinte em linha de combate.

Conhecia Avilez o caracter energico e decidido do principe, que um dia havia de ser o seu rei, e por isso não reluctou mais, executou no dia 10 a ordem do regente do Brasil, e em 15 fez-se de vela elle e 1,046 praças acantonadas em cinco galeras, seguindo nas aguas d'essa esquadrilha as corvetas *Liberal* e *Maria da Gloria* até certa distancia da costa.

Causou viva satisfação a partida dos soldados de Avilez; rigozijaram-se o principe e o povo; os cidadãos, que muitos dias conservavam-se de guarda nos edificios publicos, percorreram as ruas com os mosquetes enramados e ao som de instrumentos de musica; o anjo da paz adejou suas azas brancas sobre a cidade, annunciando ao povo tranquillidade e segurança.

Procedêra mal Jorge de Avilez desobedecendo ao principe, que, por sua conducta, só tinha que responder ás côrtes e ao rei seu pai; qualquer deliberação que tomasse, era d'elle a responsabilidade; não tendo autorisação para não cumprir as ordens do filho do rei, transformaram-se os soldados portuguezes em rebeldes, offenderam ao governo

legal do paiz e abusaram da força, arrogando a si direitos que não tinham.

Entretanto, em vez de censura, rendeu o congresso louvores á conducta de Avilez; mas diversamente procedeu com Francisco Maximiliano de Sousa, vice-almirante da expedição anciosamente esperada por aquelle general para apoial-o em suas pretenções.

Composta da náo *D. João VI*, fragata *Carolina*, charruas *Orestes*, *Conde de Peniche*, *Princeza Real*, e dois transportes com 1,190 praças de desembarque sob o commando do coronel Antonio Joaquim Rosado, chegou essa expedição ao Rio de Janeiro, e por ordem do principe regente fundeou fóra da barra em 9 de Março: na noite d'esse dia vieram á terra os commandantes, e assignaram um protesto sujeitando-se ás determinações do principe; no dia seguinte ancoraram os navios junto ás baterias da fortaleza de Santa-Cruz, e providos de vitualhas sarparam no dia 26 para Portugal, excepto a fragata *Carolina*, cuja officialidade abraçára a causa do regente do Brasil. Chegando a Lisboa, foi o vice-almirante Francisco Maximiliano escuso do serviço em conselho de guerra, mas o conselho do almirantado o absolveu.

Escrevemos estas paginas para demonstrar que houve duas respostas ás representações dirigidas ao principe em 9 de Janeiro de 1822; a primeira resposta foi contemporisante, palliativa, indecisa, e não satisfez ás necessidades publicas, á espectativa popular, o que levou o principe a mandar publicar a segunda resposta, franca, decidida e resoluta; foi uma decisão final, e, pronunciando-a, operou D. Pedro uma revolução, passou o Rubicon, travou a luta com Portugal, e aplainou, sem o pensar, o caminho que devia conduzil-o ás margens do Ypiranga; apressou a libertação do Brasil, salvou-o da anarchia, das lutas civis,

plantou na America a monarchia, tornou-se o centro dos partidos politicos, o chefe dos brasileiros, o supremo magistrado da nação; se não cortou logo os grilhões que prendiam a terra americana ao reino europêo, fez com que esses grilhões não roxeassem os pulsos, nem tolhessem mais os movimentos dos filhos do novo mundo; começou a ser brasileiro, como disse elle, respondendo dois annos depois a uma representação do senado da camara, e a ser considerado o primeiro defensor da terra de Santa-Cruz, e por isso ainda não tremulava em nossos baluartes o estandarte auri-verde, e já o povo offerecia ao herdeiro do throno portuguez o titulo de defensor perpetuo do Brasil, indicado pelo brigadeiro Domingos Alves Branco Moniz Barreto.

Mas procedeu mal D. Pedro desobedecendo aos decretos das còrtes portuguezas?

Certamente não: offendidos os seus brios pelos decretos das côrtes, insultado nas discussões do congresso por alguns deputados mais exaltados, tendo recebido, como se propalou n'aquella época, insinuações de el-rei para não attender ás ordens das côrtes, e reconhecendo que, a sua partida traria a independencia inevitavel do Brasil, resolveu ficar para conservar unidos os Estados, dos quaes um dia havia de ser o soberano: não desejava que se separasse dos reinos de Portugal e Algarves o do Brasil, descoberto por portuguezes e colonisado e civilisado por elles; lhe não convinha deixar escapar do seu sceptro este vasto dominio; » porém conhecia, como diz o distincto autor da *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, mais atilado que muitos portuguezes que se apregoavam de entendidos e experimentados pela lição do mundo, e provectos de idade, que se não podia perpetuar o continente americano, sob a dynastia de Bragança, sem que se lhe concedesse uma tal autonomia ou independencia administrativa, com

um governo proprio no seu seio, e com instituições livres e adequadas aos interesses dos moradores e ás necessidades do paiz, bem que regido em nome do soberano de ambos os reinos. Previa que as tentativas de recolonisação tenderiam a uma emancipação completa, a que se obstaria sómente com providencias prudentes e moderadas, e faculdades de reger-se no seu tanto, como nação á parte e ligada apenas por conveniencias e laços de politica geral.

Foi, portanto, para bem de todos os seus subditos da America e Europa, de toda a nação portugueza, que D. Pedro ficou no Brasil; ainda se não tratava da independencia do reino americano; disséra José Bonifacio no discurso pronunciado perante o principe em 26 de Janeiro:

« Mas nós declaramos perante os homens e perante Deus, com solemne juramento, que não queremos nem desejamos separar-nos de nossos caros irmãos de Portugal, queremos ser irmãos, e irmãos inteiros, e não seus escravos. »

Collocado, porém, D. Pedro á frente dos brasileiros no caminho da liberdade, teve de acompanhar os acontecimentos; não pôde retrogradar, a causa do Brasil tornou-se tambem sua: prestigioso pelo seu nascimento e direitos de rei, tornou-se immediatamente o chefe, o centro dos movimentos politicos do Brasil, facilitou as pretenções e realisou os desejos dos brasileiros: sem elle, o Brasil libertar-se-hia talvez mais tarde, porém a independencia, em vez de um triumpho rapido, seria uma guerra longa, e depois da victoria não seguir-se-hia a paz, mas as commoções da arbitrariedade, ou as violencias da democracia.

E', pois, duplicadamente memoravel o dia 9 de Janeiro: é a aurora da nossa independencia, como disse o visconde de Cayrú, é o marco da nossa liberdade, o dia da iniciação do nosso regimen governativo, o dia da liberdade, da ordem.

do governo destinado ao Brasil; o —fico,— foi o *fiat* pronunciado na America.

Assim como Guilherme Tell não comprimentando o barrete de Gesler libertou a Suissa, e os habitantes de Boston alijando ao mar o chá dos navios inglezes iniciaram a guerra que deu independencia á terra de Washington e Franklin, assim o principe real D. Pedro pronunciando — fico —libertou o Brasil.

1867.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DO

GENERAL JOSÉ DE ABREU,

BARÃO DO SERRO LARGO

POR

JOSE' MARIA DA SILVA PARANHOS JUNIOR (*)

I

Nascimento de José de Abreu. — Assenta praça no regimento de dragões. — E' promovido a capitão, pelos serviços prestados nas campanhas de 1811 e 1812. — E' elevado a tenente-coronel, e recebe o commando militar da fronteira do Quarahim.

Um dos talentos mais brilhantes que adornaram as letras e o jornalismo de nossa terra, o Dr. Justiniano José da Rocha, escrevendo a vida do illustre marquez de Baependy (1), enunciou um conceito que não póde ser contestado em sua generalidade, quando accusou de ingrato e esquecedor o povo brasileiro.

Com effeito, é uma triste realidade! nem o passado, nem o futuro do paiz attrahe entre nós a attenção publica, que descuidosa se deixa absorver na contemplação dos succes-

(*) Este trabalho foi escripto quando seu autor cursava ainda as aulas da faculdade de direito de S. Paulo. A isso, e á rapidez com que foi traçado, deve-se sobretudo o desalinho da phrase e outras faltas, que sem duvida o leitor desculpará. Se esta memoria póde aspirar a algum merecimento, é unicamente ao de occupar-se de alguns pontos da nossa historia, sobre os quaes nada se tem escripto até hoje.

O AUTOR.

(1) *Biographia de Manoel Jacintho Nogueira da Gama, marquez de Baependy*. Rio de Janeiro, 1851, 1 vol.

sos e dos homens do presente. Para os acontecimentos do passado, — d'esse passado ainda tão recente, mas tão fertil em grandes exemplos e lições proveitosas,— só ha esquecimento e indifferença da parte de quasi todos, e até escarneo e ridiculo da parte de muitos.

Nunca pertencêmos ao numero dos indifferentes, ou d'esses espiritos fortes; e é por isso que tentamos hoje esboçar rapidamente a biographia de um brasileiro illustro, que consagrou sua vida inteira ao serviço da terra que o viu nascer, dando no decurso d'ella as mais raras provas de amor e dedicação á patria.

O general José de Abreu é, na verdade, um dos vultos mais eminentes e distinctos da nossa historia. Não foi elle, digamol-o já, um d'esses entes felizes que se cobrem de honras e de grandezas, só por que sabem captar as boas graças dos poderosos da terra.

Abraçando, orphão de protecções, a carreira honrosa das armas, illustrou seu nome, enriqueceu os fastos militares de sua patria, e conquistou, unicamente por seu merecimento, as honras e as dignidades que lhe couberam em partilha.

Duas vezes livrou elle a provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul da invasão estrangeira; dezenove vezes bateu-se nos campos de batalha, cobrindo sua fronte de louros immarcesciveis. Assim como nunca se deixou allucinar pelos encantos da fortuna, manifestando sempre uma modestia que rarissimas vezes se póde encontrar em tão subido grão; assim tambem não se deixou abater, nas horas do infortunio, pelas injustiças e ingratidões de que foi victima.

Sobre os primeiros annos de sua vida muito pouco nos foi possivel saber. Descendia de uma familia de açoristas, que se estabelecêra no Povo Novo, lugarejo situado entre

Rio-Grande e Pelotas, onde viu elle a luz do dia no ultimo trintenio do seculo passado.

Recebidos os primeiros rudimentos da educação, alistou-se no regimento de dragões (2), habituando-se assim desde a mais tenra idade ás privações da vida militar. N'esse regimento serviu Abreu até ao posto de capitão, fazendo com elle a campanha de 1801, e as de 1811 e 1812, nas quaes começou logo a tornar-se conhecido pelo seu zelo e actividade, pela sua intelligencia e admiravel bom senso, que suppriam completamente a falta de uma educação esmerada, aliás muito pouco commum, mesmo hoje, entre os que se dedicam á carreira das armas.

N'estas ultimas campanhas, sendo tenente da 7ª companhia do referido corpo, esteve a principio em Missões, na columna do então coronel João de Deos Menna Barreto (3), e foi depois destacado com o coronel Thomaz da Costa (4) para a fronteira do Quarahim, ameaçada por Artigas, d'onde em seguida marchou para a foz do Santo Antonio, aguardando alli a chegada do exercito pacificador ás margens do Uruguay (5).

(2) Segundo as informações que, por intermedio de um amigo, obtivemos do Exm. Sr. general J. J. Machado de Oliveira, esse regimento teve posteriormente a denominação de 5º de cavallaria.

(3) Depois marechal de exercito, visconde de S. Gabriel, fallecido em 1849.

(4) Thomaz da Costa Correia Rabello e Silva, depois general.

(5) Em 1811 tinhamos na fronteira do Quarahim uma força mui diminuta, mas que arrojava-se a fazer incursões no territorio inimigo. Foi essa força (duzentos homens) que se apoderou de Paysandú, depois de uma luta encarniçada, em que da guarnição apenas escaparam oito homens, perecendo todos os outros, inclusive o chefe inimigo, que era um capitão Bento, filho de Porto-Alegre.

Marchando Artigas para o Salto com os habitantes da campanha, em numero de quatorze mil, foi contido alli pelo major Manoel

A campanha de 1812 terminou, como se sabe, pelo triste armisticio que celebrára em Buenos-Ayres o commissario portuguez Radmaker, e, conhecido elle, as nossas forças, após pequena demora, se puzeram em marcha, recolhendo-se á fronteira. No dia 12 de Outubro, o general em chefe despediu-se, nas pontas de Cunã-pirú do bravo exercito que commandára, promettendo aos seus companheiros d'armas levar á noticia do soberano os nomes dos que mais se haviam assignalado; e entre estes não olvidou o do tenente Abreu, de sorte que na primeira promoção foi elle elevado ao posto de capitão com antiguidade de 11 de Junho de 1811.

Poucos annos depois, em 1814, era o mesmo Abreu nomeado commandante dos esquadrões de milicias de Entre-Rios, dando-se-lhe ao mesmo tempo a patente de tenente-coronel e o commando militar do districto de Entre-Rios, que comprehendia a linha de fronteiras do Quarahim até Sant'Anna do Livramento.

Aproveitados assim os seus serviços, e collocado em posição mais elevada, pôde elle nas campanhas seguintes assignalar-se por uma serie de feitos notaveis, que bastariam para firmar a gloria do seu nome, e para inscrevêl-o em caracteres de ouro em muitas das paginas mais brilhantes da nossa historia.

Em 1816 é que começou a tornar-se interessante a vida do illustre barão do Serro-Largo. Acompanhemol-o aqui

dos Santos Pedroso. Atacado traiçoeiramente junto ao Arapehy-Chico por forças cinco vezes maiores (tambem commandadas por um rio-grandense, o tenente-coronel Manoel Pinto Carneiro), pôde Pedroso repellir os contrarios e retirar-se para a serra do Jarão, d'onde voltou depois, a medir-se com o inimigo. Foi em consequencia d'esses successos que o conde do Rio-Pardo destacou para o Quarahim a columna do coronel Costa, da qual Abreu fazia parte.

nos seus dias de gloria, para seguil-o depois em seus dias de infortunio, quando, victima da ingratidão, vendo esquecidos seus serviços, empunhava a sua espada, sempre vencedora, para ir morrer como um simples soldado em defesa da honra nacional ultrajada.

II

Rapida vista d'olhos sobre o estado da Banda Oriental em 1816, e sobre as causas da intervenção armada do governo de D. João VI.— Chegada dos voluntarios reaes.— Instrucções do capitão-general do Rio-Grande.— Começo das hostilidades. encontros entre as forças inimigas e as de José de Abreu, no districto de Entre-Rios.— O general Curado toma conta do exercito da direita.—Plano de Artigas, suas forças invadem as Missões Orientaes e sitiam S. Borja — José de Abreu é enviado para levantar o sitio de S. Borja.— Sua marcha ao longo do Uruguay.—Combates do Passo de Japejú e do Ibicuhy, em que é repellido Sotél. — Abreu atravessa este rio em procura do coronel Andrés Artigas. — Combate de S. Borja e restauração das Missões Orientaes.

A campanha de 1812 terminou sem que tivessemos obtido as vantagens que o governo tinha o direito de esperar.

A Banda Oriental continuou a ser preza da mais desenfreada anarchia e da mais estupida das tyrannias. José Artigas, caudilho que adquirira já uma grande celebridade, não tanto pelos seus sentimentos patrioticos, como por sua ambição descommunal, e pela crueldade de que tantas provas soube dar, mantinha-se em luta com o directorio de Buenos-Ayres, a despeito dos auxilios prestados por este para a expulsão dos hespanhóes da cidade de Montevidéo, e dos esforços de alguns homens distinctos do Rio da Prata (6).

(6) Talvez se diga que somos demasiadamente rigorosos fallando d'esse chefe, e, pois, julgamos conveniente transcrever para aqui um trecho da « *Auto-Biographia del Brigadier General Rondeau* », que caracterisa Artigas em poucas palavras..... « pretendia para a sua

Sua influencia estendia-se mesmo além do Uruguay, sobre Corrientes, Entre-Rios, Santa Fé e Cordova.

A anarchia, que reinava então n'esses paizes, a ninguem devia assombrar, pois era a consequencia da transição violenta por que passaram, trocando repentinamente as instituições monarchicas e o regimen colonial por um governo puramente democratico (7).

O director supremo das Provincias Unidas, Posadas, e seu successor Alvear adoptaram para com o caudilho Oriental uma politica energica; mas uma revolução apeou este ultimo do poder (15 de Abril de 1815), e a administração, que lhe succedeu, procurou seguir uma linha de proceder opposta, tentando, mas debalde, estabelecer relações amigaveis com esse chefe.

Foi então que á côrte do Rio de Janeiro chegou emigrado o ex-ministro de Buenos-Ayres Nicolas Herrera, amigo do director decahido, e proscripto como este (8).

provincia (diz Rondeau) a emancipação absoluta de qualquer outro poder, que não fosse o seu, porque só elle se reputava o arbitro de seus destinos. »

Póde vêr-se igualmente na « *Memoria sobre la projectada retirada del ejercito destinado al sitio de Montevidéo*, etc. », escripta pelo general Nicolas Vedia, a maneira como é julgado o mesmo caudilho.

(7) Não nos venham com o exemplo dos Estados-Unidos. E' um povo excepcional, que por indole e caracter muito differe dos povos de origem latina.

(8) Quem estudar a historia dos paizes banhados pelo Prata ha de lembrar-se muitas vezes d'estas palavras de *Edgar Quinet* em referencia á Italia: « La ressource de chaque parti vaincu est d'ouvrir les portes du pays à une armée étrangère. Considerez l'Italie à quelque époque que ce soit, il est un personnage, que vous rencontrez dans chaque événement, et qui est l'artisan infatigable de cette histoire: je veux parler de l'emigré. Toujours prêt à livrer cette patrie, qu'il n'a pu gouverner, il sollicite l'ennemi, il presse, il conduit l'invasion. « (*Revolutions d'Italie*— Paris—1857,—1 vol.)

Com o talento e a sagacidade que tanto o distinguiam, conseguiu elle, auxiliado por Alvear, fazer renascer na côrte de D. João VI os planos de conquista que, havia muito, eram ahi alimentados (9).

Os seus manejos, as apprehensões e receios que a influencia de Artigas despertava no animo do gabinete de S. Christovão pela segurança e tranquillidade das fronteiras meridianas do Brasil: as queixas constantes e repetidas dos habitantes do Rio-Grande, que pediam garantias para suas vidas e propriedades: tudo isso decidiu e deu causa á intervenção de 1816 e á occupação militar da Banda Oriental, que só teve lugar depois de desattendidas pelo governo de Madrid as justas reclamações de D. João VI (10).

O governo guardou o mais inviolavel segredo sobre a resolução que adoptára, de expulsar o inquieto e perigoso vizinho; e limitou-se a communicar á Grã-Bretanha, e á Hespanha, que ia transferir para o Brasil uma divisão de voluntarios, escolhidos d'entre as tropas que haviam feito

(9) Vejam-se as « *Memorias e Reflexões sobre o Rio da Prata por um official da marinha brasileira* »: trabalho de alto merecimento historico, infelizmente interrompido, que se deve á penna do fallecido almirante Jacintho Roque de Sena Pereira. O Sr. conselheiro Pereira da Silva, que em sua recente e preciosa « *Historia da Fundação do Imperio* », se occupa extensamente dos negocios do Rio da Prata, não nos falla da influencia que teve Herrera sobre a invasão de 1816, e sobre os ulteriores acontecimentos.

(10) O governo do Rio de Janeiro pediu ao de Madrid (antes de mover as suas tropas) providencias para a expulsão do audacioso caudilho, e, comquanto o gabinete hespanhol se mostrasse a principio inclinado a satisfazer essa exigencia, mudou posteriormente de resolução, enviando para Nova Granada a expedição que tinha a principio destinado ao Rio da Prata.

Tambem n'essa reclamação não falla o Sr. conselheiro Pereira da Silva na obra já citada.

a guerra peninsular. Essa divisão, commandada pelo general Carlos Frederico Lecór, mais tarde visconde da Laguna, partiu effectivamente de Lisboa e desembarcou no Rio de Janeiro, seguindo depois para Santa Catharina, d'onde marchou por terra para o Rio-Grande.

O governo já havia transmittido ao capitão-general do Rio-Grande, marquez de Alegrete, as convenientes instrucções para a defesa das fronteiras, recommendando-lhe que batesse e dispersasse todas as partidas contrarias, que se approximassem do nosso territorio ; e o marquez déra-se pressa em cumprir as ordens terminantes que recebêra, mobilisando, além da força de linha de que dispunha, todos os regimentos milicianos : mas a chegada dos « voluntarios reaes » á côrte e os movimentos de tropas no Rio-Grande levantaram suspeitas no animo de José Artigas, que bem depressa foi informado miudamente das intenções do governo de D. João VI, por cartas enviadas do Rio de Janeiro.

O audaz caudilho não se atemorisou com isso, e em seu louco orgulho chegou até a regeitar os auxilios que de Buenos-Ayres lhe offereceu o director Puyrredon. Quiz resistir só por si, e preparou-se para a luta, concentrando em Purificacion, á margem do Uruguay, o grosso de suas forças.

O illustre general Curado (11) havia sido incumbido pelo marquez de Alegrete da defesa das fronteiras do Quarahim e do Uruguay; e, comquanto se apressasse em reunir as forças cujo commando lhe fôra commettido, e em marchar para o seu posto de honra, achou já o inimigo de

(11) Joaquim Xavier Curado, depois conde de S. João das Duas-Barras.

sobre-aviso, perfeitamente prompto para romper as hostilidades.

As partidas d'este já haviam por mais de uma vez transposto o Quarahim e penetrado em nosso territorio, onde os pequenos recontros e choques de cavallaria succediam-se uns aos outros ; mas o intrepido tenente-coronel Abreu, que, como dissemos, commandava o districto militar chamado de Entre-Rios, soube sempre repellir os destacamentos inimigos, derrotando-os, e arrojando-os para longe da fronteira.

A attitude energica, que em tão criticas circumstancias assumiu esse bravo militar, mereceu do distincto paulista Diogo Arouche de Moraes Lara menção especial, na sua interessante *Historia das campanhas de* 1816 e 1817, em termos de justo e merecido louvor (12).

N'essas circumstancias apresentou-se o general Curado na fronteira, e tomou posições no Ibirapuitan-Chico, destacando logo para as missões orientaes o general Chagas Santos e aguardando entretanto os movimentos do inimigo para manobrar convenientemente.

Artigas, depois de ter feito partir Otorguez e Rivera para as bandas do Jaguarão e do Chuy, avançou de Purificacion com tres mil homens (13), foi postar-se na quebrada das Tres Cruzes, situada nas proximidades do Serro de Lunarejo.

Com essas forças concebeu elle o arrojado plano de in-

(12) Vide a *Revista do Instituto Historico*, tomo VII, pags. 124 e 273. « ....N'estas guerrilhas e partidas principiou a fazer-se assignalado o tenente-coronel José de Abreu, então commandante dos esquadrões e do mencionado territorio de Entre-Rios. »

(13) Vide a *Memoria de los successos de armas, que tuvieron lugar en la guerra de la independencia de los orientales con los españoles e portugueses*, etc., etc., escripta por um oriental contemporaneo.

vadir o Rio-Grande, emquanto Rivera e Otorguez hostilísavam as forças de Lecór e as que guarneciam a linha do Jaguarão.

Ordenou que o coronel Andrés Artigas invadisse as missões orientaes, e que o coronel Berdun transpuzesse o Uruguay em Belém, seguisse pela sua margem direita e o atravessasse de novo, collocando-se entre o Quarahim e o Ibicuhy. Effectuada a conquista das Missões, o primeiro d'esses chefes devia avançar pelo coração do Rio-Grande, apoiado por uma columna ao mando de Pantaleon Sotél, emquanto o grosso do exercito inimigo atacava a divisão de Curado.

O plano não podia ser melhor concebido. Ameaçadas pelo flanco e pela retaguarda, as nossas forças teriam de recuar precipitadamente para não ver a sua retirada cortada, e para cobrir o interior da provincia. A vigilancia dos novos chefes, porém, descobriu logo as intenções do inimigo, e preparou-lhe o mais prompto e solemne castigo.

O general Thomaz da Costa (14), que commandava uma divisão avançada das forças de Curado, percebendo os passos do inimigo, destacou logo para as Missões o bravo tenente-coronel José de Abreu, e com os restos de sua columna retirou-se até ao acampamento de Curado, conduzindo os habitantes da fronteira, e todos os moveis que puderam estes carregar comsigo.

Abreu havia sido incumbido por elle de obstar á passagem de Sotél no Uruguay, e sua juncção com Andrés Artigas, correndo em seguida sobre S. Borja, ameaçada por uma divisão de mil e quinhentos homens ao mando d'este ultimo chefe.

Para empreza tão arriscada foram-lhe dados apenas seiscentos e cincoenta e tres homens das tres armas, e duas

(14) Thomaz da Costa Corrêa Rabello e Silva.

peças de artilheria (15); mas o bravo rio-grandense não olhava ao numero, senão ao cumprimento do dever, e partiu alegre e orgulhoso para desempenhar a sua honrosa missão.

Seguiu, pois, sem demora, margeando o Uruguay, e forçando quanto era possivel as marchas.

Soube então que Sotél estava atravessando esse rio no passo de Japejú, e voando ao seu encontro, descobriu-o no dia 21 de Setembro, atacou-o por surpresa, e arrojou-o á outra margem, apprehendendo mil e quinhentas rezes, muitos cavallos, armamento e alguns prisioneiros.

A mortandade do inimigo foi grande, porque, ao lançarem-se seus soldados ao rio, Abreu fez trabalhar sobre elles a artilheria, causando-lhes com isso um grande damno.

Sotél, porém, não era homem de desanimar. Com o auxilio de algumas barcas canhoneiras tentou effectuar a passagem da sua força junto á foz do Ibicuhy, no passo de Santa Maria. O previdente Abreu havia ja destacado uma força de cavallaria para dar-lhe noticia dos movimentos do inimigo, e logo que foi informado das intenções d'este, deixou a guarda das bagagens confiada ao esquadrão do Rio-Pardo, e correu para o Ibicuhy.

Sotél com as canhoneiras protegia a passagem de suas tropas para a margem direita do Ibicuhy. Vendo isso, fez Abreu abrir uma picada no mato, e conduziu por ella a artilheria e a infantaria ate a borda d'agua, onde, acoberto

(15) Essa força estava assim dividida: *cavallaria*, um esquadrão de dragões, um de milicias do Rio-Pardo, um da legião de S. Paulo, um de milicias de Entre-Rios, um de lanceiros guaranys, com quinhentas e treze praças: *infantaria*, uma companhia da legião de S. Paulo, cento e dezesete praças: *artilheria* da legião de S. Paulo, vinte e tres praças, e duas peças. *Total*, seiscentos e cincoenta e tres homens e duas bocas de fogo. (Vejão-se as « *Memorias da Campanha de* 1816 *por Diogo Lara* », impressas no volume 7° da *Revista do Instituto Historico*.)

com o arvoredo, rompeu um fogo vivissimo sobre os contrarios, que corresponderam com balas e metralhas (16). Desenganado o chefe artiguenho, reembarcou suas forças, e desceu precipitadamente o Ibicuhy; mas soffreu ainda junto á foz d'este um fogo terrivel de mosquetaria, dirigido por uma força que o bravo tenente-coronel fizéra com antecipação occupar esse ponto.

Se Abreu dispuzesse, como o seu adversario, de algumas canhoneiras, estaria totalmente perdida a columna de Sotél. Este, porém, com o auxilio d'ellas pôde, fugindo do Ibicuhy, lançar-se Uruguay acima para operar sua juncção com Andrés Artigas, que já então trazia em apertado sitio a povoação de S. Borja, onde o general Chagas Santos oppunha-lhe a mais firme e energica resistencia.

Não havia, pois, tempo a perder. O que Abreu devia fazer em momentos tão supremos era avançar com a maxima rapidez possivel para esse ponto. Foi o que o distincto e audaz cabo de guerra executou, sem que o embaraçassem os obstaculos naturaes que teve de superar n'esse trajecto.

Nos dias 25 e 26 atravessou o Ibicuhy, operação difficil em consequencia de ter engrossado o rio e da falta absoluta de canôas e de material apropriado para effectual-a.

O enthusiasmo que sabia inspirar a seus subordinados, orgulhosos de um tal chefe, fez com que estes puzessem em pratica esforços quasi sobrehumanos para vencer as distancias e as difficuldades.

No dia 27 eram batidos pela sua columna, em Itaguaras, duzentos homens enviados por Sotél muitos dias antes para levantar gado. O inimigo deixou no campo trinta e oito cadaveres (17).

(16) Diogo Lara « *Memorias.* »

(17) N'esse encontro perdeu vinte e quatro mortos; e em duas guer-

O dia 3 de Outubro tinha sido destinado pelo coronel Andrés Artigas para dar novo e decisivo assalto a S. Borja. Esse chefe sitiava ahi o general Chagas Santos desde 21 de Setembro, e nos repetidos ataques que déra, principalmente no dia 28, havia já perdido duzentos homens. Aguardava o reforço de Pantaleon Sotél para investir a povoação, e este desde o dia 2 começára a operar a sua passagem, trazendo, além de infantaria, seis bocas de fogo.

Abreu não podia chegar mais a proposito. Tão veloz foi a sua marcha, e com tanta habilidade e prudencia se houve durante ella, que o inimigo não suspeitou a sua approximação.

Favorecido por um denso nevoeiro, apresentou-se nas circumvizinhanças do povoado, tendo feito antes os seus soldados trocarem as vestes de viagem pelas fardas de grande parada, animando-os com palavras cheias de ardor e enthusiasmo.

Grande foi o alvoroço dos inimigos quando seus postos avançados deram noticia da chegada dos nossos. Abreu, avançando sempre, tratou de ganhar uma posição conveniente, mas antes que o pudesse fazer sahiram-lhe ao encontro oitocentos homens de cavallaria. Dispôz então a sua columna em ordem de batalha, e destacou forças de cavallaria para que flanqueassem o inimigo. Este retrogradou, sustentando com os nossos flanqueadores um vivo fogo e foi collocar-se entre dois pomares.

Abreu ordenou á infantaria que occupasse os pomares. Esta avançou a passo de carga, protegida por um esquadrão ligeiro, que lhe cobria a frente, e, ao approximar-se do primeiro pomar, a infantaria inimiga, que n'este estava emboscada, soltou-lhe uma descarga á queima-roupa. Os

rilhas, que tiveram lugar no mesmo dia, quatorze mortos e um prisioneiro.

nossos soldados, sem se perturbarem, investiram, e depois de uma luta terrivel e desesperada apossaram-se de ambas as posições, deixando estendidos todos os que as defendiam, com excepção de poucos, que a muito custo puderam ser salvos da morte pelos nossos officiaes.

N'essa occasião chegava o intrepido José de Abreu com o resto da columna em auxilio da nossa infantaria. Achando-a, porém, senhora dos pomares, e vendo o inimigo em retirada para reunir-se ao grosso de suas forças, preparou-se para atacal-o, e, apoiando se nas posições que acabavam de ser tomadas, ordenou á artilharia que o metralhasse.

A linha inimiga conservava-se immovel, respondendo-nos com a sua artilharia e infantaria.

O esquadrão de S. Paulo avançou então a galope sobre o inimigo, carregou um corpo d'este, que com uma peça fazia sobre os nossos vivissimo fogo, arrojou-o fóra de combate e apoderou-se do canhão.

Esta carga, executada com ardor e felicidade, causou alguma confusão na linha inimiga, e, aproveitando-se d'esta vantagem e do enthusiasmo de seus soldados, Abreu investio-a com todas as suas forças, cortou-a pelo centro, e desbaratou-a inteiramente, lançando-a em completa desordem uma parte para o passo de S. Borja, e outra para os lados de Botuby.

Toda a artilharia, as bagagens, a secretaria militar, muito armamento e dois mil cavallos foram os trophéos d'essa esplendida victoria, que, póde-se dizer, decidiu da sorte da campanha, aniquilando inteiramente o plano de operações que traçára Artigas. No campo ficaram cêrca de quatrocentos inimigos mortos e trinta prisioneiros(18). O inimigo foi perse-

(18) O illustrado Sr. conselheiro Pereira da Silva na sua « *Historia da Fundação do Imperio do Brasil* », tomo IV, pag. 23, diz que Abreu

guido até grande distancia; mas, achando-se nossos soldados nimiamente fatigados, recolheram-se ao povoado, onde descansáram por um curto espaço de tempo, sahindo logo depois a infantaria e artilharia para o passo de S. Borja, protegidas por um esquadrão de cavallaria, e para o Botuhy uma força de cavallaria de duzentos e trinta homens.

No primeiro d'esses pontos dispersou Abreu os inimigos, que, dispondo-se a passar o Uruguay a salvamento, tiveram entretanto de atirar-se a nado, acossados por elle e batidos por sua artilharia, perecendo no rio mais de duzentos.

A força de cavallaria destacada para o sul encontrou no dia seguinte os fugitivos, em numero de setecentos, perto do Botuhy, a cinco leguas de S. Borja, e, apezar da inferioridade numerica dos nossos, o capitão Prestes, que os commandava, atacou-os, causando-lhes a perda de cem homens. Abreu, sempre activo e solicito no cumprimento de seus deveres, apresentou-se ahi no dia seguinte, apprehendendo mais seiscentos e vinte cavallos. Achou apenas os vestigios da nossa victoria e da precipitada fuga do inimigo (19).

Tantos e tão assignalados triumphos tornaram desde então popular e prestigioso entre os veteranos do sul o

incitou os assediados a sahirem igualmente da praça e auxilial-o poderosamente.

Ha manifesto engano n'esta asserção.

O autor da *Memoria da Campanha de* 1816 », que tambem serviu de guia aquelle illustre escriptor na descripção dos successos de que nos occupamos, affirma positivamente o contrario em uma nota.

(19) Veja-se Diogo Lara, « *Memorias da campanha de* 1816 »: officios de 22 de Outubro, 8 e 9 de Novembro, dirigidos por Abreu e Chagas Santos ao tenente general Curado, com a descripção d'esses combates.

nome do intrepido José de Abreu, que era o terror dos soldados de Artigas. O modo brilhante, por que executou a arriscada missão de que fôra encarregado, mereceu muitos louvores e elogios, não só de seus superiores e de seus companheiros de armas, como do governo e da imprensa da epocha.

O illustre chronista d'essa campanha, Diogo Lara, que tantas vezes temos citado, assim se exprime no seu interessante trabalho ácerca das operações do nosso heróe na margem esquerda do Uruguay:

« Do que fica dito se conhece que o tenente-coronel Abreu concluiu a total restauração da provincia de Missões dentro de nove dias consecutivos ao da sua passagem do Ibicuhy, oppondo a mais de dois mil inimigos a pequena força de seiscentos e cincoenta e tres homens, tão felizmente, que a perda total das suas tropas, nas acções que teve, foi insignificante á vista da que causou aos insurgentes, aos quaes matou seguramente mil homens (20), tomando-lhes immenso armamento, cavallos, etc.; serviço este que pela sua importancia constitue este official benemerito e credor de todos os louvores e contemplação do seu soberano, assim como do reconhecimento e gratidão da capitania do Rio-Grande, que deve aos honrados e valentes esforços de tão bravo official uma grande parte do territorio e propriedades, salvos por elle e pelas suas tropas. »

A essas palavras, escriptas por penna tão competente e imparcial, juntaremos alguns trechos da carta dirigida pelo bravo general Curado ao vencedor de S. Borja.

(20) Ha sem duvida alguma exageração n'esse numero. A perda do inimigo póde ser calculada em setecentos mortos, no minimo.

« QUARTEL-GENERAL EM IBIRAPUITAN-CHICO.

« Sr. tenente-coronel José de Abreu.

« Recebo com satisfação a parte official que V. S. me dirigiu do passo de S. Borja, com data de 8 do corrente, sobre o ataque e derrota dos inimigos, que pretendiam invadir a fronteira de Missões.

« Louvo a V. S. o acêrto com que dirigiu a sua marcha, vencendo os obstaculos da estação; louvo o sabio discernimento com que V. S. dispôz o ataque; louvo a sabedoria com que dirigiu as operações e o combate; louvo, finalmente, a prudente conducta com que V. S. soube adquirir o conceito e estima da tropa de seu commando.

« Estimo sobremaneira que V. S. désse mais esta prova para radicar o seu abalisado merecimento, etc. »

José de Abreu tinha, com effeito, motivos para ensoberbecer-se, se não fosse tão bravo quanto modesto. Elle, porém, recebia essas e outras demonstrações de apreço, sem que ellas pudessem operar em seu animo a menor mudança, nem dar origem ao menor arranco de amor proprio.

Em Março do anno seguinte teve elle a satisfação de ler o aviso de 2 de Fevereiro dirigido pelo conde da Barca a Curado, em que esse ministro, em nome do rei, ordenava ao general que fizesse constar ao tenente-coronel José de Abreu que Sua Magestade ficára satisfeito dos seus serviços e do valor que manifestou no combate de S. Borja.

III

Factos que se seguiram ao combate de S. Borja. — O inimigo resolve atacar-nos com todas as suas forças. — Move-se o nosso exercito.— Abreu é incumbido do commando da vanguarda. — O exercito inimigo, ao mando de La Torre, marcha ao encontro dos nossos. — Resolve o nosso general atacar o quartel-general de Artigas. — Abreu é incumbido d'esta missão. — Ataque do Arapehy (3 de Janeiro de 1817) e derrota de Artigas. — Volta Abreu com a noticia de que La Torre n'esse dia devia atacar-nos. — Batalha de Catalan (4 de Janeiro). — Parte que n'ella teve Abreu.

A noticia do combate de S. Borja e da derrota de Andrés Artigas decidiu o general Curado a fazer atacar a divisão do coronel Berdun, e logo depois o grosso das forças inimigas.

Assim as victorias de Abreu nas Missões prepararam duas outras, não menos brilhantes, e ferteis em resultados.

A primeira foi devida ao intrepido general João de Deos Menna Barreto (visconde de S. Gabriel), que,a 19 de Outubro, derrotou junto ao Ibiraocahy ao mesmo Berdun; a segunda, ganhou-a oito dias depois, junto a Carumbé, o illustre general Joaquim de Oliveira Alvares (21).

Abreu não pôde tomar parte n'esses combates, comquanto recebesse ordem de transpôr o Ibicuhy, e manobrar de accordo com Menna Barreto: o inimigo atacára a este antes da sua chegada. Novos louros, porém, deviam muito breve juntar-se aos que já havia elle colhido.

Expulso o inimigo do nosso territorio, preparavam-se nossas tropas para atacar as forças que elle concentrava e reu-

(21) Em Ibiraocahy perdeu o inimigo duzentos e trinta e oito mortos e vinte e quatro prisioneiros: em Carumbé uns seiscentos homens, dois estandartes, muitos prisioneiros, armamento e sete caixas de guerra. Nós tivemos apenas vinte e seis mortos, e quarenta e quatro feridos.

nia no Arapehy, quando, a 13 de Novembro, o marquez de Alegrete, capitão-general do Rio-Grande, assumiu o commando do nosso pequeno exercito da direita, que mal contava em suas fileiras dois mil e quinhentos combatentes; poucos, mas todos bravos e aguerridos, cheios de força moral e de enthusiasmo.

Sempre audaz e temerario, sem esperar que os nossos o fossem atacar, Artigas destacou La Torre com a maior parte de seus soldados, para surprehender e dar batalha ao exercito brasileiro.

Este já então manobrava e movia-se em busca do inimigo. O marquez de Alegrete, que, como o general Curado, possuia a grande qualidade de conhecer os homens, sabendo tirar de suas habilitações o maior partido possivel, incumbiu do serviço da vanguarda o bravo tenente-coronel Abreu, confiando-lhe o commando de dois esquadrões de milicias de Entre-Rios, dois esquadrões de guerrilhas, sessenta infantes e duas peças, tirados estes ultimos da legião de S. Paulo.

Com essa força, collocada sempre a um quarto de legua da testa da nossa columna, guardava Abreu o nosso campo e vigiava a campanha pela frente e flancos.

La Torre, illudido pelos movimentos dos nossos, avançou até ao Ibirapuitan, e só ahi sabendo da verdadeira paragem em que estavamos, contramarchou para atacar-nos pela retaguarda.

Nosso exercito avançou duas leguas, e foi tomar posições no Catalan, galho do Quarahim, procurando attrahir La Torre, e approximar-se do acampamento de Artigas no Arapehy.

A posição em que se collocava o nosso general, entre La-Torre, pela retaguarda, e Artigas, pela frente, era sem duvida muito arriscada, mas elle soube tirar partido d'ella,

para dar ao mesmo tempo sobre ambos dois golpes fortes e decisivos.

Como La-Torre a marchas forçadas se avisinhava dos nossos, era mister que o ataque do acampamento do Arapehy fosse conduzido com celeridade e promptidão, para que no dia da batalha estivesse de novo reunido todo o nosso exercito.

O escolhido para essa empresa delicada e importante foi o bravo Abreu. Chamando-o á sua presença, o marquez fez-lhe ver todo o perigo da commissão que lhe confiava, declarando-lhe mesmo que, se fossemos infelizes, a derrota seria inevitavel, quando nos vissemos a braços com as forças de La-Torre.

Abreu tranquilisou o general, e assegurou-lhe que estava prompto para cumprir suas ordens.

Nas instrucções que lhe deu, o capitão-general ordenou-lhe terminantemente que destruisse o quartel-general inimigo, e que estivesse de volta no dia seguinte. Na noite de 2 de Janeiro de 1817 pôz-se José de Abreu em movimento com seis-centos homens e duas peças; e ás sete da manhã seguinte avistava as avançadas de Artigas. A forte posição em que se apresentava, não fez vacillar um momento o habil tenente-coronel (22), que a foi logo atacar com o seu valor costumado e resoluta intrepidez, tendo n'um momento distribuido suas tropas, adaptando-as á natureza do terreno em que tinham de operar.

O inimigo achava-se acampado em terreno escabroso, para o qual se penetrava por um desfiladeiro. Além d'este estendia-se uma planicie, que era separada de outra, que

(22) *Moraes Lara.*

occupava Artigas com o grosso de suas forças, por extenso cordão de mato (23).

Apoderar-se d'aquelle desfiladeiro, foi obra de alguns instantes. Senhor da entrada da posição inimiga, e da primeira planicie, soffreram suas tropas um fogo vivissimo de mosquetaria, dirigido por trezentos atiradores inimigos emboscados nas arvores, que dividiam a primeira da segunda planicie. Abreu distribuiu a infantaria em duas columnas, que, protegidas por cavallarias, entráram pelos extremos da mata, atacáram o inimigo e assenhorearam-se d'essa posição.

Então a nossa artilharia, avançando, começou a metralhar os contrarios, que formavam-se na planicie interior e ahi tentaram ainda resistir. A' frente da infantaria e cavallaria carregou o inimigo, bateu-o, dispersou-o, causando-lhe perdas immensas; até o proprio Artigas, que com o exemplo animava os seus, escapou de cahir em nosso poder.

Desbaratado o inimigo, o tenente-coronel Abreu incendiou o acampamento, e pela noite do mesmo dia 3 incorporava-se já ao exercito (24).

No quartel- general de Artigas achou Abreu varios despachos dirigidos por La-Torre a esse chefe, e, instruido assim da marcha do exercito inimigo, deu-se pressa em transmittir ao general em chefe as noticias que acabava de colher. Na noite de 3, quando no campo brasileiro todos es-

(23) Veja-se em *Moraes Lara* a descripção minuciosa do combate, e o plano, que acompanha a sua memoria.

(24) « O tenente-coronel Abreu, cujos honrosos serviços, etc. » Vejam-se os elogios, que lhe tece o chronista d'esta campanha a proposito d'aquelle ataque. « O tenente-coronel não se fez menos famoso pela batalha de Catalan, que pelo ataque de Arapehy, e pelas acções que dirigiu sobre a margem esquerda do Uruguay.

peravam com anciedade pelo resultado do ataque de Arapehy, apresentava-se o proprio Abreu, coberto de poeira, na barraca do marquez de Alegrete, annunciando-lhe a victoria, que acabava de alcançar, e a noticia de que La-Torre recebêra ordem de atacar-nos a 3.

Estas novas espalharam-se logo de boca em boca, e os nossos soldados, cheios de enthusiasmo e contentamento, começaram a preparar-se para a batalha que estava imminente.

No dia seguinte (4 de Janeiro) pela madrugada, o inimigo com 3,400 homens atacava o nosso exercito. Ao primeiro tiro todo elle estava em armas.

A luta esteve por muito tempo indecisa, combatendo ambos os lados com igual valor e tenacidade.

Em nossa esquerda o bravo visconde de S. Gabriel sustentava com firmeza e coragem a sua posição, em quanto a nossa direita se debatia contra uma massa imponente de soldados inimigos, que se arremessavam impetuosamente sobre suas baionetas. O marquez de Alegrete e o general Curado (conde de S. João das Duas Barras) animavam nesse ponto os nossos soldados, que faziam prodigios de valor; mas o arrojo e ardimento com que o inimigo accommettia, e voltava sempre á carga, já os inquietava, quando repentinamente se apresentou no campo de batalha o intrepido Abreu, fazendo com que a victoria desde logo se pronunciasse pelos nossos.

Achando-se a uma legua do grosso do exercito, ouvindo os tiros que annunciavam-lhe o ataque do inimigo, fez immediatamente montar os seus cavalleiros, e atirou-se inopinadamente no meio da refrega, executando uma brilhante carga de flanco sobre a esquerda inimiga. Animados com esse soccorro, os bravos da direita lançaram-se á baioneta sobre o inimigo, soltando vivas enthusiasticos ao

heroico tenente-coronel Abreu, e o nosso triumpho foi desde então completo.

O inimigo fugiu em debandada, deixando no campo uns 900 mortos, 290 prisioneiros, 1 bandeira, 7 caixas de guerra, seis mil cavallos, seiscentos bois, muito armamento e munições, e todas as bagagens. Essa brilhante victoria custou-nos 73 mortos, e 146 feridos.

Os serviços que prestára o distincto rio-grandense não foram esquecidos pelo governo do Rio de Janeiro, que os recompensou, promovendo-o por decreto de 24 de Junho a coronel de linha, e dando-lhe o commando do regimento de milicias denominado de « Voluntarios Reaes de Entre-Rios », creado recentemente pela ordem do dia de 23 de Março. No anno seguinte entrava Abreu para o quadro de nossos officiaes-generaes, recebendo a patente de brigadeiro.

IV

Campanha de 1819 a 1820. — Artigas invade o Rio-Grande. — Abreu evacua Alegrete, e retira-se diante do inimigo. — Combate do Ibirapuitan-Chico (14 de Setembro). — Reune se ao general Corrêa da Camara, e colloca-se com este no passo do Rosario — São atacados a 17 por La Torre, que é repellido. — Marcham em observação do inimigo.—Combate do Ibicuhy-Guassú (27 de Dezembro).— Artigas marcha em direcção ás vertentes do Taquarembó, e é seguido por Abreu e Camara.—Volta para atacal-os.— Estes retiram-se, e reunem-se ao conde da Figueira.—Marcha o nosso exercito em procura do inimigo.—Batalha de Taquarembó (20 de Janeiro). — Parte que n'ella teve Abreu.—E' destacado para limpar a campanha até ao Uruguay.—E' recompensado com o posto de marechal de campo graduado.

Vencedor em Catalan, o nosso exercito avançou ao longo do Uruguay, alcançando sempre novas victorias e novos louros. O general Curado, que, com a retirada do marquez

de Alegrete, assumira (25) pela segunda vez o commando em chefe, depois de ter batido em varios recontros as columnas inimigas, vendo-se em inacção e sem cavallos, dispôz-se a voltar á fronteira para tomar quarteis de inverno; mas o visconde da Laguna conseguiu dissuadil-o do seu intento (26), fazendo com que occupasse o Rincon de Haêdo na margem direita do Rio-Negro.

De guarda á nossa fronteira ficou o general Abreu, com uma força que não chegava a quinhentos homens, tendo o seu quartel-general em Alegrete.

Artigas não quiz perder a opportunidade que se lhe offerecia de invadir o Rio-Grande, que elle via inteiramente aberto e indefeso.

Reuniu todas as forças de que podia dispôr, e á frente de tres mil homens atravessou o Quarahim, dirigindo suas marchas para o valle de Santa Maria (27).

Os escriptores nacionaes, que se occupam da invasão de 1819, e dos successos que precederam a famosa batalha de Taquarembó, guiaram-se todos pela descripção que o *Correio Brasiliense* publicou em Londres, descripção incompleta e inexacta, que não esclarece convenientemente os factos e que os adultera por vezes.

Graças a alguns documentos que pudemos obter, exporemos succinta mas fielmente esses acontecimentos, em que

(25) O marquez de Alegrete deixou o exercito, retirando-se para Porto-Alegre, em 20 Dezembro de 1817.

(26) Vejam-se as *Memorias e Reflexões sobre o Rio da Prata, etc.* O visconde da Laguna, além dos officios que expediu a Curado, incumbiu Senna Pereira de preparar o animo d'esse general, e de convencêl-o da utilidade de manter-se no Rincon. O general Curado ao fim de tres dias cedeu, não sem repugnancia, ás suggestões do visconde da Laguna.

A fronteira do Rio-Grande ficou assim aberta e desprotegida!

(27) Tres mil homens, segundo as partes officiaes do proprio inimigo.

figura com tanto esplendor o grande nome de José de Abreu.

Apenas teve noticia dos movimentos de Artigas, e certificou-se do verdadeiro numero de suas tropas, tratou o general Abreu de expedir *proprios* ao conde da Figueira, communicando-lhe os planos e as intenções do inimigo.

Era loucura tentar resistir com o punhado de soldados que commandava.

Abreu comprehendeu-o logo; evacuou Alegrete, e retirou-se sobre o passo do Rosario no Santa Maria, levando adiante de si as familias e fazendeiros d'essas paragens, que fugiam á approximação dos invasores.

Entretanto Artigas, empenhado em destruir a pequena columna brasileira, havia destacado a 10 de Dezembro o seu immediato, La Torre, com uma forte divisão de cavallaria, ordenando-lhe que forçasse as marchas e obrigasse Abreu a aceitar combate.

Este, que continuava a sua retirada acossado de perto por La Torre, vendo ameaçados os habitantes que protegia, e que procuravam precipitadamente ganhar a margem direita do Santa Maria, entendeu que devia bater-se, para retardar a marcha dos contrarios, e dar tempo a que esses infelizes escapassem ao canibalismo das hordas de Artigas.

« Já se fazia difficil um encontro (diz Aniceto Gomes em carta escripta a Ramirez com data de 16 do dito mez de Dezembro), porém afortunadamente Abreu, soberbo com os passados triumphos, retrogradou. »

Ao romper do dia 14 as avançadas inimigas avistaram as da pequena columna brasileira; e tal era o terror que o seu distincto chefe infundia entre os contrarios, que La Torre, apezar da superioridade immensa do numero, não ousou atacal-o, e preferiu, para fazêl-o, aguardar a chegada de Artigas.

Abreu apoiou-se em um serro escabroso nas vizinhanças do Ibirapuitan-Chico com os seus quatrocentos e quatro soldados; e o exercito inimigo formou-se-lhe em frente, forte de tres mil homens, collocando em uma lomba a sua infantaria e artilharia.

Ao meio-dia começaram a escopetear-se os postos avançados, e pouco depois romperam os inimigos contra os nossos um fogo nutrido de artilharia e fusilaria, atirando-se á carga a grande massa de cavallaria, que se formára nos flancos e na retaguarda da sua linha.

A resistencia dos nossos foi energica, mas o capitão Daniel Beresford, abandonando a infantaria, que commandava, e fugindo vergonhosamente, fez com que o inimigo alcançasse, mais depressa do que pudéra, uma victoria facil, certa e sem gloria.

A cobardia d'esse official causou a morte de oitenta dos nossos soldados, que foram envolvidos e degolados. Abreu com a cavallaria pôz-se logo em retirada para o passo do Rosario, repellindo o inimigo e salvando com o seu sangue-frio e bravura a columna que commandava.

A quarta parte de seus soldados, porém, ficou estendida no campo da batalha, morrendo como heróes n'aquelle combate desigual, em que cada um de nossos bravos teve de bater-se com sete inimigos.

Tal foi o combate de Ibirapuitan-Chico, que os escriptores, que conhecemos, erradamente (28) dão como pelejado no passo do Rosario.

Essa pequena vantagem encheu de contentamento e orgulho aos chefes inimigos.

Em carta escripta por Artigas a Ramirez (29), e intercep-

(28) Os Srs. Varnhagen e Pereira da Silva não escaparam d'esse engano.

(29) Escripta no dia 14, momentos depois do combate.

tada no Uruguay pela flotilha de Senna Pereira, annunciava-lhe esse chefe que estava em territorio brasileiro, e que muito breve assentaria o seu quartel-general em Porto-Alegre, rogando-lhe ao mesmo tempo que lhe mandasse reforços, porque queria carregar grandes tropas de gado para enriquecer a seus amigos e compatriotas.

O modo como sempre se exprimiam os nossos contrarios, quando fallavam do benemerito general Abreu, póde dar uma idéa do respeito e da admiração que tributavam elles a tão illustre cabo de guerra.

Basta que citemos aqui as palavras do mencionado Ramirez, dirigidas a 8 de Janeiro do anno seguinte ao cabildo, quando communicou a noticia do combate do Ibirapuitan-Chico, e a carta que Aniceto Gomez, dois dias depois d'aquelle recontro, escreveu a este general, da qual já citámos um trecho.

« O general Artigas (escrevia Ramirez), á frente de tres mil decididos orientaes, acabou com a divisão do distincto portuguez Abreu. »

Gomez começava a sua carta do seguinte modo: « Gloria á patria, e honra aos livres !

« Triumpharam nossas armas em Guirapuitan-Chico (30) no dia 14 do corrente contra o famoso Abreu (31). »

Recebendo os despachos, em que Abreu dava conta da invasão de Artigas, e pedia soccorros para resistir-lhe efficazmente, o conde da Figueira ordenou ao tenente-general Marques de Sousa que fizesse marchar o então brigadeiro Corrêa da Camara, para communicar-se com Abreu, devendo

(30) Corrupção de Ibirapuitan-Chico. Em vez de Ibiraocahy, Artigas dizia tambem Guiraocahy.

(31) Um outro equivoco do *Correio Brasiliense*, repetido por todos os nossos escriptores, foi dizer que o combate tivéra lugar a 13 e não a 14.

os dois, de accordo, conter os invasores no Santa-Maria, e evitar que o transpuzessem.

Pelo dia 15, isto é, no dia seguinte ao do combate, o general Camara reunia-se a Abreu na estancia de Joaquim Rodrigues, além do passo do Rosario. D'ahi voltaram juntos os dois generaes, e fizeram-se fortes n'aquelle ponto, sendo a 17 atacados por La-Torre, que foi rechaçado depois de um combate que durou desde as dez horas da manhã até á noite.

N'este ataque pôde o general Abreu certificar-se de que a cavallaria ás ordens de La Torre, que fazia a vanguarda do inimigo, compunha-se apenas de oitocentos homens.

Ignorando, porém, qual o plano d'elles, fez ver ao general Camara que deviam seguir-lhes a trilha para observar seus movimentos ; prudente alvitre, a que Camara accedeu promptamente.

Effectivamente no dia 18 sahiram os dois generaes do passo do Rosario, e, marchando sobre as pegadas do exercito oriental, souberam a 26 que estavam a legua e meia do acampamento d'este.

Collocaram-se então na margem direita do Ibicuhy-Guassú, pouco acima da sua confluencia com o Ibicuhy-Merim, ficando assim entre aquelle rio e o passo de S. Borja no Santa-Maria.

Ahi veiu o inimigo atacal-os no dia 27, com duas fortes columnas, que tentaram passar o rio em dois lugares, onde este dava váo. O general Camara postou-se no passo da direita, e o general Abreu no da esquerda.

A luta foi renhida. Os nossos, ardentes de enthusiasmo, trocaram em breve a defesa pelo ataque, e cahiram sobre o inimigo já abalado e roto.

Emquanto Camara perseguia os fugitivos até ao proprio acampamento de Artigas, onde a artilharia inimiga obri-

gou-o a deter-se, o valente Abreu apoderava-se de um bosque, em que grande numero de inimigos se haviam refugiado para melhor resistir.

Muito armamento, sessenta mortos, dezesete prisioneiros, cavallos sellados, etc., cahiram em nosso poder.

Abreu e Camara voltaram de novo ás nove horas da noite para a margem direita do Ibicuhy-Guassú (32), manobrando no dia seguinte á vista do inimigo, e pela sua esquerda, sem que este os incommodasse.

Artigas procurou então attrahir os nossos, para batêl-os antes da juncção com o conde da Figueira: marchou em direcção a Sant'Anna do Livramento, e d'ahi voltou rapidamente sobre elles, que o seguiam de perto.

Mas Abreu e Camara, que, com as forças de que dispunham, não podiam bater-se em campo aberto, retiraram-se, afim de evitar uma derrota certa, e chamar o inimigo para o passo de S. Borja, ponto sobre o qual marchava o conde da Figueira.

No dia 10 de Janeiro verificou-se a juncção dos nossos tres generaes, ficando assim burlado o plano do audacioso caudilho.

Vendo isso, Artigas dirigiu-se de novo para as nascentes do Taquarembó, já abandonando o territorio brasileiro; porém o conde da Figueira, a marchas forçadas, alcançou o exercito oriental no dia 20 de Janeiro.

Apenas avistou o inimigo, tomou o capitão-general todas as disposições para o ataque. Abreu com a sua divisão devia atravessar um pantano, e atacar pela frente; Camara devia transpôr o Taquarembó, e atacar pelo flanco.

Formado em linha de batalha, rompeu o inimigo o fogo

(32) A respeito do lugar d'este combate erram os nossos escriptores, quando dão a entender que foi ainda o passo do Rosario.

com quatro peças de artilharia, que nenhum mal nos fizeram.

« A' minha voz de avançar, diz o conde em sua parte official, o brigadeiro Abreu executou o seu movimento com tanta impetuosidade, apezar do vivo fogo de artilharia e fusilaria do inimigo, que desde logo o obrigou a perder a sua primeira posição, e a retirar-se para outra mais forte, defendida pelo rio, que se achava então muito cheio. »

Nossos soldados, sem se deterem, atravessaram, e arrojaram-se sobre os contrarios; mas a brilhante carga, com que Abreu inaugurou o combate, a serenidade e valor com que se arremessou sobre as hostes inimigas, fizeram com que estas desfallecessem.

A resistencia foi miseravel; o inimigo quasi não combateu, e na maior desordem e confusão deitou a fugir, fustigado e perseguido pelos nossos, deixando no campo o general Pantaleon Sotél, quarenta officiaes superiores e subalternos, setecentos e noventa e cinco inferiores e soldados mortos, feridos quinze inferiores e soldados, prisioneiros vinte e um officiaes e quatrocentos e sessenta e nove inferiores e soldados; ao todo mil tresentos e cinco homens.

Tomámos quatro peças, todas as munições, uma bandeira, quatro caixas de guerra, muito armamento, gado e cavallos.

Esta victoria, que acabou com o poder e dominio de Artigas, e para a qual tanto concorreu o intrepido Abreu, valeu ao nosso heróe a graduação de marechal de campo em Março do mesmo anno.

Quatro dias depois da batalha seguiu o illustre rio-grandense com a sua divisão até ao Uruguay, para perseguir o inimigo e desassombrar a campanha.

V

Depois da proclamação da independencia, é nomeado governador das armas do Rio-Grande do Sul. — Activa a remessa de reforços para o sitio de Montevidéo, e marcha até Mercedes com uma divisão auxiliar. — Volta para o Rio-Grande depois da capitulação dos portuguezes.—E'-lhe conferido o posto effectivo de marechal de campo.

Após a batalha de Taquarembó, pacificada a Banda Oriental, que passou a fazer parte do reino-unido de Portugal, Brasil e Algarves, o general Abreu conservou-se na fronteira da provincia do Rio-Grande, commandando as forças que a guardavam.

O grito de independencia soltado no Ypiranga pelo inclyto fundador do Imperio foi achal-o n'aquella posição. Dotado de sentimentos patrioticos, e cheio de amor pelo seu paiz natal, Abreu saudou com enthusiasmo a aurora da liberdade que despontava, e applaudiu a nova ordem de cousas estabelecida pelo primeiro Imperador.

O governo provisorio, que se estabeleceu no Rio-Grande do Sul, nomeou-o, em fins de 1821, governador das armas da provincia, nomeação que foi confirmada pelo governo geral; e Abreu, aceitando esse cargo, quiz logo depôr aos pés do Sr. D. Pedro I, que personificava a idéa da liberdade e da independencia do Brasil, os seus protestos de fidelidade e dedicação.

Para congratulal-o e testemunhar-lhe os sentimentos de que elle general e os seus commandados se achavam possuidos, mandou em commissão, a 12 de Dezembro, o major J. da Silva Brandão.

Mas nem assim livrou-se das calumnias e intrigas dos homens que em Montevidéo se oppunham á adopção do novo regimen.

Em um periodico sustentado por estes, *La Aurora*, fez-

se correr a noticia de que o bravo rio-grandense havia proclamado a constituição das côrtes de Lisboa.

O illustre veterano, com essa franqueza rude do soldado, entendeu que devia protestar contra o que elle qualificava de horrorosa calumnia.

« Adheri, disse elle em seu manifesto, adheri afincadamente á sagrada causa do Imperio do Brasil, e por ella protesto dedicar, como já o jurei, os meus derradeiros alentos. »

Como governador das armas do Rio-Grande, cabia-lhe a missão de prover á sua defesa, de reforçar as tropas brasileiras que ao mando do visconde da Laguna sitiavam as portuguezas em Montevidéo.

Abreu requisitou logo do governo o armamento necessario para occorrer a qualquer eventualidade, e fez reunir todas as forças disponiveis da provincia, expedindo ordem ao general Sebastião Barreto, para que se reunisse ao general Marques, e juntos marchassem a incorporar-se ás forças sitiadas.

Com o intento de activar a reunião de gente, partiu a 7 de Janeiro para o Rio-Pardo,e a 26 assentou o seu quartel-general em S. Gabriel, levando comsigo armamento, e mais trem de guerra, de que careciam os corpos que já estavam na fronteira, e os que deviam reunir-se.

Depois dos reforços que enviou ao visconde, organisou ainda uma columna de mil e cem homens, com a qual se postou no Queguay, e avançou em Junho até Mercedes, sobre o Rio-Negro, regressando no mez seguinte á sua primitiva posição.

Essa columna devia avançar até Montevidéo, se as circumstancias exigissem alli a sua presença. Os acontecimentos, porém, não realisáram esta previsão.

O sitio de Montevidéo, posto que sustentado com vigor,

não incommodava entretanto aos portuguezes do general D. Alvaro da Costa, que mantinham livres suas communicações por agua.

Cêdo, porém, viram-se elles, os sitiados, privados d'esse recurso, porque uma força naval enviada do Rio, ás ordens do chefe de divisão Pedro Antonio Nunes (33), derrotou, em dias de Outubro, nas proximidades de Montevidéo, a esquadra portugueza. D. Alvaro pouco depois capitulou, e as nossas forças entráram na capital da Cisplatina.

Abreu com a sua columna de observação recolheu-se á provincia do Rio-Grande, sendo elogiado pelos relevantes serviços que acabava de prestar, e recebendo em seguida o posto effectivo de marechal de campo com a insignia do Cruseiro.

(33) A nossa divisão naval compunha-se : da coverta *Liberal*, de 24 bocas de fogo (commandante o capitão-tenente Gavião); brigue *Cacique*, de 18 (commandante capitão-tenente Antonio Joaquim do Couto); brigue *Guarany*, de 16 (commandante 1° tenente Joaquim Guilherme); escuna *Leopoldina*, de 12 (commandante 1° tenente Francisco Bibiano de Castro); e escuna *Sete de Março*, de 1 rodisio (commandante 2° tenente Francisco de Paula Osorio). A divisão portugueza compunha-se das corvetas *Conde dos Arcos*, de 26 peças, e *General Lecór*, de 16, brigue *Liguri*, de 16, e escuna *Maria Theresa*. D'essa victoria naval não fez menção o Sr. conselheiro Pereira da Silva na sua recente *Historia da fundação do imperio*.

VI

Questão da Cisplatina. — Revolução de 1825 protegida pelo governo argentino. — Delecção do coronel Julian Laguna e do brigadeiro Rivera. — O visconde da Laguna pede reforços ao governo geral, e á provincia do Rio-Grande do sul. — Abreu parte para uma divisão, e invade a Cisplatina. — Começa a desintelligencia do general Sebastião Barreto com Abreu.—Estado da Cisplatina, quando Abreu pôz-se em marcha. — Demora-se este junto ao arroio Pregúelo á espera das forças dos coroneis Jardim e Menna Barreto. — Ataque de Mercedes pelo general Rivera (22 de Agosto), que é rechaçado.—Abreu move-se para cobrir esse ponto, e atacar Rivera. — Tentativas inuteis para chamar Rivera a uma acção geral.

De volta ao Rio-Grande, o general Abreu continuou a exercer o cargo de governador das armas, desenvolvendo ahi todo o zelo e actividade de que é capaz um funccionario brioso e dedicado á causa publica.

Não tardou, porém, que os acontecimentos viessem chamal-o de novo aos labores e privações da campanha.

O governo brasileiro persistia na idéa da incorporação da Cisplatina. Longe do theatro dos acontecimentos, e illudido pelas falsas asseverações do visconde da Laguna, acreditava que a idéa da união era com fervor esposada pelos orientaes, e dava um valor immenso a actos que, sendo feitos na presença das baionetas estrangeiras, não podiam de fórma alguma ter o caracter de manifestações espontaneas e livres do voto popular (34).

(34) Não queremos dizer que essa idéa não tivesse energicos apologistas e sinceros defensores na Banda Oriental. Póde-se dizer até que os espiritos mais cultos e a parte mais sensata da população, escarmentados pelos tristes resultados das discordias civis, defendiam-na com fervor. Mas os habitantes da campanha, os gauchos e os caudilhos ? Não se devia contar com esse elemento, tão poderoso n'aquelles paizes, e tão adverso aos brasileiros ? Não se devia contar com o espirito inquieto e turbulento d'essa parte da população, habituada á anarchia, [illegible] á paz e á ordem ?

Entretanto era crença de muitos homens importantes do Brasil que, estando este nos primeiros periodos de sua regeneração politica, não devia herdar de Portugal a louca ambição de dominio sobre um territorio estranho, e muito menos sacrificar os seus recursos na difficil empreza de procurar no sul limites naturaes.

Foi assim que a constituinte, n'esse ponto bem inspirada, não quiz incluir desde logo a Cisplatina entre as provincias do Imperio, e reservou a questão para um exame especial.

De seu lado o governo argentino julgava-se com direito ao territorio da Banda Oriental, sem lembrar-se de que esta se havia desligado das outras provincias do Rio da Prata, mantendo livre a sua autonomia debaixo do governo de Artigas.

D. Valentim Gomez foi enviado em 1823 ao Rio de Janeiro, para fazer valer essas pretenções, e a 6 de Fevereiro do anno seguinte o nosso ministro de estrangeiros, L. J. de Carvalho e Mello, declarou, em resposta ao *memorandum* por elle apresentado, que o governo imperial estava decidido a manter a incorporação da provincia disputada.

Essa fatal resolução arrastou-nos a uma guerra impopular, que, após duros e immensos sacrificios, terminou pelo famoso tratado preliminar de paz de 28 de Agosto de 1828, preparado e urdido pelos manejos, seducções e ameaças de *Lord Ponsomby* (35).

(35) Do seguinte officio do duque de Palmella ao conde do Porto Santo vê-se a alternativa que offereceu a Inglaterra ao Brasil, e as ameaças d'esse governo, que tão escandalosamente contrariou-nos durante todo o decurso da guerra :..... « Soube por uma confidencia do barão de Itabayana, de cuja veracidade por varias provas me convenci, que *Mr. Canning* lhe declarára francamente o desejo que tinha de induzir o gabinete do Rio de Janeiro a mandar evacuar pelas suas tropas a Banda Oriental, ou seja para entregal-a ao governo de Buenos

Quanto não teria ganho o Brasil, se, pondo de parte velleidades pueris, tivesse erigido desde logo a Banda Oriental em estado livre e soberano, garantindo a sua independencia contra as infundadas pretenções do governo de Buenos-Ayres! Essa politica de vistas mais largas e prevenetes, inspirada pelo sentimento nacional, ter-nos-hia assegurado o apoio da Grã-Bretanha, que foi o verdadeiro motor e alma da guerra, que contra nós sustentou a republica das Provincias Unidas do Rio da Prata (36).

Ayres, mediante uma indemnisação pecuniaria, ou seja erigindo em Montevidéo um governo independente, debaixo da protecção da Grã-Bretanha. Para dar mais força a essa declaração explicita, chegou *Mr. Canning* a accrescentar que a Inglaterra não podia ser muito tempo indifferente espectadora de uma semelhante luta, nem permanecer neutral; e que estava resolvida a abraçar o partido de Buenos-Ayres, se dentro de seis mezes não estivesse concluida a paz, etc., etc. » (*Correspondencia do duque de Palmella, publicada por J. J. dos Reis e Vasconcellos*, tomo 2°, pag. 259.)

(36) Quando em 1862 se inaugurou na côrte a estatua do augusto fundador do Imperio, a imprensa politica abriu uma animada discussão sobre o reinado d'esse Principe, a quem o Brasil deve a sua integridade e a sua preciosa constituição. Entre as accusações que lhe eram feitas, avultava a da guerra do Rio da Prata; e (cousa admiravel!) trinta e sete annos depois d'esse acontecimento era essa accusação formulada com mais paixão ainda do que o fizeram os periodicos exaltados da época!

Censurava-se o Senhor D. Pedro I por se deixar dominar da ambição de conquista; e entretanto um de seus accusadores, chefe de uma escola politica importante em nosso paiz, e por conseguinte politico atilado e sagaz, lamentava em 1861 a falta de um conde de Cavour, que pudesse realizar a conquista dos *ducados* do Rio da Prata!

Já se vê, pois, que, se ainda recentemente havia brasileiros da importancia d'aquelle a quem nos referimos, que sonhavam com a incorporação dos *ducados*, não é muito para admirar que em 1825 houvesse quem pensasse, não em conquistar ducados, mas em conservar um que

Uma revolução prevista por todos, que não eram myopes, arrebentou afinal na Cisplatina, favorecida ás escancaras pelo governo de Buenos-Ayres.

A 19 de Abril de 1825 o general Juan Antonio Lavalleja desembarcou no Arsenal Grande com trinta e dois companheiros apenas; e, plantando no territorio Oriental o pavilhão tricolor de Artigas, reuniram-se logo em tôrno d'elle uns dusentos patriotas (37).

Com taes elementos teriam os trinta e tres companheiros pago bem caro o seu amor á patria, e estaria desde logo suffocada a revolução, se o coronel Julian Laguna, depois de ter representado uma farça ridicula (38), não se bandeasse para os insurgentes; sendo pouco depois, a 27 d'esse mesmo mez, imitado o seu exemplo pelo brigadeiro Fructuoso Rivera.

A defecção d'esses dois chefes encorajou os independentes, e fez com que um sem-numero de voluntarios corressem de todos os pontos da campanha a engrossar o pequeno exercito de Lavalleja.

Estes acontecimentos induziram o visconde da Laguna a solicitar a remessa immediata de reforços, tanto ao governo geral, como ao commandante das armas da provincia vizinha.

já estava em nosso poder. Os erros do passado devem servir-nos de lição para o presente, mas nunca devem dar lugar a incoherencias d'essa ordem.

(37) Carta do general Manoel Jorge Rodrigues (barão de Taquary) ao consul brasileiro em Buenos-Ayres.

(38) Nas *Memorias de Garibaldi*, publicadas pelo Sr. Alexandre Dumas (pai), vem a descripção d'esse facto. A' parte o que ha alli de romantico, é exacta a noticia que elle dá da interessante scena que representou Laguna.

Não se conservou surdo a tal reclamo o general Abreu. Reuniu as forças de que podia dispor, e invadiu a Cisplatina com uma divisão composta de duas brigadas de cavallaria, dirigindo suas marchas sobre Mercedes, povoação situada á margem esquerda do rio Negro, e occupada por uma pequena guarnição brasileira.

Debaixo de suas ordens vinha o então brigadeiro Sebastião Barreto Pereira Pinto, que, achando-se acampado nas proximidades de Montevidéo ao romper a revolução, havia atravessado toda a campanha oriental até á fronteira, com o fim de proteger a retirada das familias brasileiras alli residentes.

Tendo chegado aquelle general á fronteira, precisamente quando Abreu dava os primeiros passos para organisar a divisão com que devia penetrar na Cisplatina, entendeu este que seria conveniente que se lhe incorporasse, e n'este sentido officiou ao visconde da Laguna, que acquiesceu promptamente a tão justa suggestão.

Entretanto foi isso desgraçadamente o signal de uma desintelligencia mesquinha entre Barreto e Abreu, porque áquelle repugnava militar debaixo das ordens do homem em quem via um rival feliz e glorioso. Esta desintelligencia, a despeito da generosidade e cavalheirismo com que se houve o illustre general Abreu, affectando ignorar os manejos do seu competidor, produziu consequencias mui funestas, e em grande parte concorreu para o máo exito da batalha de Ituzaingô. Mas não antecipemos os factos.

Quando o general Abreu entrou na Cisplatina, já a revolução tinha ganho terreno, graças ao contemporisador visconde da Laguna, que, depois de haver commettido o gravissimo erro de destacar contra os independentes, sol-

dados ligados a elles pelos laços da nacionalidade, e até mesmo da amizade, havia adoptado por systema a inercia, que foi sempre a sua estrategia, e que lhe valeu o ironico appellido de Fabius Cunctator.

Lavalleja dominava toda a campanha até ao Rio-Negro, e possuia tres mil e quinhentos homens (39) perfeitamente armados, pois o governo de Buenos-Ayres fazia-lhe pelo Uruguay constantes remessas de munições e armamento, apezar da flotilha que tinhamos n'esse rio, ao mando do então capitão-tenente Jacintho Roque de Senna Pereira, que não era sufficiente para interceptar inteiramente a communicação entre as duas margens (40).

Depois de uma marcha laboriosa, feita no rigor do inverno, chegou a divisão auxiliadora do general Abreu á margem esquerda do Rio-Negro, vadeando-o nos dias 5 e 6 de Julho. Compunha-se ella de uns mil e duzentos homens, desprovidos de tudo, e fatigados por uma marcha terrivelmente penosa, em razão dos obstaculos naturaes que tiveram de vencer. Os mais pequenos arroios tinham-se convertido em torrentes caudalosas, que obrigavam o general a caminhar muitas leguas, para procurar as suas nascentes, despontando-as, como se diz no sul.

Forçoso lhe foi dar então descanso aos seus soldados, cujos cavallos estavam em misero estado, e pedir alguns auxilios ao coronel Norberto Fontes, commandante de Mercedes, que acudiu-lhe promptamente com alguns mantimentos e com um cirurgião.

(39) Veja-se a *Mensagem de Lavalleja*, apresentada ao Congresso da Florida a 18 de Junho de 1825.

(40) Todavia, o commandante da flotilha desenvolveu sempre a maior actividade, e seus navios por vezes conseguiram apprehender anchões carregados de armas.

O general inimigo Fructuoso Rivera achava-se com mil cavalleiros (41) no seu campo de Molles, proximo de Durazno, e ao saber da approximação da columna imperial, adiantou-se com seiscentos homens escolhidos para observar-lhe os movimentos.

Abreu conservava-se em immobilidade no Rio Negro a alguma distancia do arroio Pregúelo, esperando, para manobrar, a chegada de cavalhadas e de quatrocentos homens, que haviam partido do Quarahim e de Sant'Anna ás ordens dos coroneis Jeronymo Gomes Jardim e José Luiz Menna Barreto.

A' vista d'isso, concebeu o chefe inimigo o plano de apoderar-se de Mercedes antes que a ella chegasse a divisão auxiliar.

Deixou emboscados em frente do acampamento d'esta cem homens, e no dia 22 de Agosto atacou o povoado (42).

O ataque começou ás onze e meia horas da noite, e foi dirigido com muito impeto sobre os postos mais vulneraveis.

Um alferes oriental de nome Navarro, que fazia parte da guarnição, e que desertára n'esse dia, pôde indicar a Rivera os pontos mais fracos, e conseguiu, atraiçoando-os vilmente, apanhar quatro officiaes e cinco soldados, que se achavam doentes em uma das casas da povoação, chegados poucos dias antes da divisão de Abreu.

(41) *Mensagem de Lavalleja*, já citada.

(42) Já antes, em Maio, pretendêra Rivera apoderar-se d'esse ponto, intimando ao commandante brasileiro, que se rendesse, e dizendo que tinha á sua disposição dois mil homens. A resposta que teve foi esta : « Homens não intimidam a homens. Não é a primeira vez que V. Ex. se põe á frente de igual numero sem intimidar as armas brasileiras, acostumadas por sua subordinação, disciplina e fidelidade a vencer as multidões. »

Protegida pelos fogos da canhoneira *D. Sebastião* (43), a heroica guarnição repelliu com bravura o ataque, voltando segunda vez á carga o inimigo, e sendo rechaçado de novo com grande perda.

Foi essa uma noite aziaga para os contrarios, porque, além da perda que soffreram nos dois ataques, tiveram o desgosto de ver batida e dispersa por um piquete nosso, duas vezes menor que ella, a força que deixaram de observação em frente ao acampamento do general Abreu.

No dia seguinte, pelas oito horas da manhã, pôz-se a nossa divisão em movimento para cobrir Mercedes, e attrahir o inimigo a uma acção geral; foram, porém, inuteis todos os esforços que empregou para conseguir este ultimo resultado.

As partidas inimigas, atacadas pelos nossos piquetes, dispersavam-se em vez de concentrar-se, ficando os nossos vencedores em todos os choques, que tiveram lugar nos dias 23, 27, e 28 até 2 de Setembro.

VII

Abreu destaca contra Rivera o coronel Bento Manoel. — Combate de Arbolito (4 de Setembro), e marcha de Bento Manoel para Montevidéo.— Lavalleja levanta o sitio da Colonia, e concentra suas forças no interior.—Posição dos belligerantes. —Plano de operações communicado pelo visconde da Laguna a Abreu. — Combates do Rincon e de Sarandy. — Abreu não concorreu para esses revezes ; accusações infundadas que lhe foram feitas.—Retira-se para Belem, e ahi reune-se a Bento Manoel. — Segue para o Rincon de Mata-Perros.

Perdidas as esperanças de obrigar Rivera a aceitar combate, tomou Abreu posições perto de Mercedes, aguardando as columnas de Jardim e Menna Barreto, diante das quaes

(43) Commandante, o 1° tenente Cypriano José Pires.

fugia o coronel Julian Laguna, que com duzentos homens lográra, pouco antes, sorprender e aprisionar em Paysandú um pequeno destacamento nosso.

Lavalleja sitiava então a praça da colonia do Sacramento, cuja guarnição, dirigida pelo intrepido Manoel Jorge Rodrigues (mais conhecido pelo titulo, que depois recebeu, de barão de Taquary), se mantinha firme em seu posto, rebatendo sempre os ataques dos independentes.

Para impedir que esse chefe, reunindo-se a Rivera, viesse com todo o exercito republicano ao seu encontro, resolveu o general Abreu bater a columna d'este ultimo.

Para isso fez vir do Rincon de Haêdo (tambem chamado de las Gallinas) a cavalhada fresca que ahi tinha, e destacou oitocentos homens escolhidos d'entre todos os corpos de sua divisão, confiando sua direcção ao celebre Bento Manoel Ribeiro, então coronel.

Achava-se acampado no dia 2 de Setembro na foz do Coquimbo quando Abreu levantou o acampamento, e manobrou com todas as suas tropas, para illudir a guarda avançada que, sob as ordens de Felippe Caballero, deixára o general inimigo em nossa frente. Graças a esse movimento, conduzido com a habilidade e pericia com que sempre se havia o distincto vencedor de S. Borja, pôde Bento Manoel sahir durante a noite sem ser percebido.

No dia 3 Rivera acampou nas nascentes do Viscocho, e n'essa noite transportou-se para junto do arroio d'Aguila, donde se descobre a coxilha de Arbolito.

Ahi encontrou-o Bento Manoel no dia seguinte, depois de ter com tres esquadrões batido ao amanhecer a força de Caballero, que, descobrindo pelos rastos dos cavallos, mas já tarde, a partida da columna imperial, corrêra a reunir-se ao grosso das forças inimigas.

Ao avistar os nossos soldados, formou o general Rivera a

sua pequena divisão, e adiantou-se com todo o valor ao encontro d'elles.

Os atiradores dos dois lados tirotearam-se por algum tempo, e afinal a linha inimiga, dando uma descarga, acommetteu a nossa com furia, carregando-a de espada em punho.

Recebida, porém, com firmeza essa carga pelos nossos bravos, foram os contrarios repellidos, batidos e acutilados, por espaço de quatro leguas, deixando no campo sessenta e quatro mortos e quatorze prisioneiros (44).

Esta victoria (45), e a marcha de Bento Manoel com novecentos homens para Montevidéo (46), onde foi recebido em triumpho, obrigou Lavalleja a deixar de observação em frente á Colonia apenas duzentos homens, e a retirar-se para o acampamento geral de suas tropas perto da Florida (47).

A superioridade numerica das nossas forças (48), e o enthusiasmo que entre ellas reinava, depois dos revezes

(44) Entre os mortos achar am-se um major (Mancilla) e mais dois officiaes; entre os prisioneiros um capitão (Tavares) e outro official.

(45) Nas partes officiaes esse combate é conhecido pelos nomes de combate de Arbolito, das Pontas de S. Salvador, Aguila e Coquimbo. Na biographia do marechal de exercito Bento Manoel Ribeiro, ultimamente publicada na *Revista do Instituto*, não se faz menção d'esta victoria, uma das mais brilhantes alcançadas por esse valente cabo de guerra.

(46) A sua columna, primitivamente composta de oitocentos homens, foi depois do combate reforçada por ordem de Abreu.

(47) A narração d'esses factos é feita á vista de documentos officiaes (tanto do nosso lado como do contrario), á vista de informações que obtivemos, e de um ou outro trabalho parcial que examinámos.

(48) Dizemos superioridade numerica, porque contamos tambem com as guarnições de Montevidéo e da Colonia, e com as forças do Rio-Grande em marcha.

soffridos pelos independentes em frente de Mercedes e da Colonia, e no combate de Arbolito, tornaram certa a proxima submissão da Cisplatina com o aniquilamento completo da revolução.

E', com effeito, fóra de duvida que os patriotas orientaes teriam dentro em breve visto morrer a idéa grandiosa que os fizéra empunhar as armas, se a Providencia, que sempre ampara as causas justas, não reunisse contra nós uma serie de circumstancias tão imprevistas, quanto funestas ás armas imperiaes.

A rivalidade mesquinha de alguns chefes, o egoismo e a ambição de outros prepararam as derrotas que se seguiram, e que coroaram tão infelizmente a campanha de 1825, aliás inaugurada debaixo de tão bons auspicios, graças á attitude que tomára o bravo general Abreu, apresentando-se no campo da luta com a sua pequena mas valente divisão, e (o que muitas vezes vale mais que um exercito) com o prestigio do seu nome glorioso.

Lavalleja comprehendeu perfeitamente as circumstancias criticas em que se achava, quando procurou concentrar em um só ponto, no centro da campanha, todas as suas tropas.

As praças da Colonia e de Montevidéo estavam em nosso poder; na linha do Rio Negro achava-se o general Abreu com um punhado de soldados, que deviam em breve ser reforçados; a fronteira do Rio-Grande era guardada pelo general Bento Corrêa da Camara; no Prata e no Uruguay dominava a esquadra do vice-almirante Rodrigo Lobo.

Assim, Lavalleja achava-se cercado, e correndo o risco de ser esmagado pelos nossos soldados.

Então o visconde da Laguna communicou ao general Abreu um plano de operações offensivas que delineára, e que, se houvesse sido fielmente executado, seria coroado do mais brilhante e prompto successo.

Dois revezes, porém, insignificantes como feitos de armas, mas notaveis pelas consequencias que acarretaram, vieram mudar inteiramente a face dos negocios, e tornar impossivel a execução d'esse plano; revezes, póde-se dizêl-o, devidos ambos, menos ao esforço e ao poder do inimigo, do que á imprudencia dos nossos chefes.

O primeiro teve lugar no Rincon de Haèdo, a 24 de Setembro; o segundo, junto ao arroio Sarandy, a 12 de Outubro.

No Rincon foram batidos os coroneis Jeronymo Gomes Jardim e José Luiz Menna Barreto pelo general Rivera, cuja chegada aguardava havia muito o general Abreu; e foram batidos, porque, em vez de marcharem unidos, levados de uma mal entendida rivalidade, apressavam acintosamente as marchas, com o fim de chegar um primeiro que o outro ao ponto de seu destino (49).

O inimigo apanhou-os de sorpresa, e destroçou-os cada

(49) Emquanto Lavalleja concentrava nas proximidades da Florida o seu exercito, para poder tentar um golpe, que lhe desse uma victoria parcial, e o tirasse da posição difficil em que se achava, ordenou a Rivera que com quatrocentos homens se apoderasse da cavallaria que tinhamos no Rincon. Abreu só tinha em Mercedes pouco mais de trezentas praças, porque, como ja dissemos, novecentos ás ordens de Bento Manoel haviam seguido para Montevideo a pedido do visconde da Laguna.

Rivera cumpriu facilmente a sua missão. Penetrou no Rincon, perseguiu a pequena guarda que ahi tinhamos, e que, não podendo resistir, fugiu, tendo apenas um morto e dois feridos, sendo salva pela esquadrilha de Senna Pereira, cujos fogos obrigaram o inimigo a deter-se.

Occupado em arrebatar cavalhada, havia o general inimigo deixado um official intrepido e intelligente, Servando Gomes, com parte das suas tropas na entrada do Rincon. Para esse ponto dirigiram-se os coroneis Gomes Jardim e Menna Barreto (José Luiz) com pouco mais de duzentos homens cada um. Pelas 9 horas do dia 24 Servando Gomes avistou o primeiro d'esses chefes, que vinha quasi em debandada com

um por sua vez, destruindo inteiramente os quatrocentos homens que elles commandavam.

O segundo d'esses chefes pagou com a morte gloriosa o seu fatal erro (50).

Preenchida com tanta felicidade a sua missão, voltou Rivera, com a cavalhada que tomára, para o acampamento de Lavalleja, e achou este chefe preparando-se para atacar Bento Manoel, que com uma brigada sahira da praça de Montevidéo.

Este, recebendo ordem de reconhecer o campo inimigo, partiu com mil e cem homens, e incorporou-se no dia

os cavallos fatigadissimos. Vencer em semelhantes condições era tarefa facil. Servando aguardou o ensejo mais favoravel, e carregou com violencia sobre essa força, da qual apenas uns quarenta homens conseguiram formar-se, sendo esmagados pelo numero. Os outros, envolvidos e perseguidos pelo inimigo, cahiram sobre o regimento n. 25 de segunda linha (Guaranys), de que era commandante Menna Barreto, e que não pôde igualmente guardar a formatura pelo cansaço dos cavallos. Esta columna, como a primeira, dispersou-se logo, podendo o inimigo, sem grande trabalho, destruil-a completamente, perseguindo-a até grande distancia. Ainda assim, muitos houve que, envolvidos pelos contrarios, resistiram com admiravel denodo, sabendo vender caro suas vidas. Entre estes achou-se o joven Menna Barreto, que, apezar de ouvir os repetidos gritos do inimigo, intimando-lhe que se rendesse, combateu, como um verdadeiro heróe, morrendo afinal com mais de dez honrosos ferimentos, e conquistando a admiração de seus proprios adversarios. (Veja-se o opusculo do Sr. E. de Senna Pereira — *O Libello argentino e a verdade historica* — Rio, 1857, 1 vol.; e a *Biographia do coronel José Luiz Menna Barreto*, publicada em avulso no anno de 1825, em Montevidéo.)

(50) Morreu aos vinte e sete annos esse joven coronel, que se assignalava já por uma longa serie de feitos illustres. Era filho do marechal de exercito João de Deos, visconde de S. Gabriel (fallecido em 1849), e irmão do vencedor de Paysandú, o marechal de campo José Propicio, barão de S. Gabriel, fallecido em 1865 .

10 de Setembro, nas nascentes do Yí, ao coronel Bento Gonçalves, que commandava quatrocentos cavalleiros (51).

Achando-se assim com mil e quinhentos homens, julgou Bento Manoel, em seu orgulho, que por si só poderia dar cabo da revolução, e, desprezando as instrucções que recebêra, atreveu-se a atacar o inimigo com a sua pequena columna, fatigada e enfraquecida por continuas marchas forçadas.

No dia 12 de Outubro, anniversario do primeiro Imperador, avistou elle o exercito republicano, postado junto ao Sarandy, que despeja suas aguas em um dos tributarios do rio Yí, o arroio de Castro.

Lavalleja, que de ha muito espreitava os seus movimentos, esperava-o impassivel e certo da victoria.

Aos nossos mil e quinhentos homens oppunha elle dois mil e quinhentos das tres armas, perfeitamente disciplinados, cheios de enthusiasmo pela causa que defendiam, e em melhores condições que os nossos, porque á superioridade numerica accrescia o estarem em descanso, e c nhecerem perfeitamante o terreno em que combatiam.

Como se isso não bastasse, foi tal a allucinação que se apoderou de Bento Manoel, que deu começo ao combate unicamente com mil e tantos homens, sem esperar os quatrocentos de Bento Gonçalves, que vinham um pouco retardados (52).

(51) Bento Manoel se havia offerecido para atacar o inimigo em seu proprio campo. O tenente-general Maggessi, barão de Villa-Bella, reclamou para si, como mais graduado, o commando das forças que se houvessem de destacar contra o inimigo. Sem dar uma decisão definitiva, ordenou o visconde que Bento Manoel fosse reconhecer o campo inimigo, devendo antes fazer juncção com Bento Gonçalves, a quem officiou n'esse sentido.

(52) Armitage, tão inexacto quando refere factos d'esta guerra, diz,

Póde-se dizer que o signal da nossa derrota foi dado aos primeiros tiros pela defecção da infantaria guarany, tornando-se impossivel, depois d'ella, um combate regular.

Como bem observa o visconde de S. Leopoldo, « foi antes uma dispersão do que um combate. » Bento Gonçalves, com o seu regimento illeso, dirigiu-se para a fronteira do Jaguarão, sem ser incommodado pelo inimigo; Bento Manoel, com os destroços de sua columna, depois de pelejar heroicamente, retirou-se para a de Sant'Anna, perseguido até alguma distancia pelo inimigo; o regimento de dragões retrogradou para Montevidéo, e o coronel Alencastro teve de depôr as armas com as forças que commandava.

Taes foram os tão fallados combates do Rincon e de Sarandy, em que os orientaes venceram sem desar para nós e sem grande gloria para elles.

Esses dois revezes foram, como se vê, exclusivamente devidos ao procedimento de Jardim, de Menna Barreto e de Bento Manoel. Sem a mesquinha rivalidade d'aquelles, e a imprudente ambição d'este, não teria a causa da revolução alcançado taes vantagens, que, insignificantes como feitos militares, puzeram entretanto o inimigo de posse de toda a campanha oriental, fortaleceram o espirito de resistencia, e decidiram o governo de Buenos-Ayres a intervir francamente na luta.

Não nos levem a mal esta divagação. Julgamos dever

com os documentos officiaes do inimigo, que pelejaram n'esse combate dois mil e duzentos brasileiros. O visconde de S. Leopoldo e o general Abreu e Lima (que o copia n'esse como em muitos outros pontos) dão o algarismo exacto. Só se batêram mil brasileiros, porque os quatrocentos soldados de Bento Gonçalves não chegaram a entrar em fogo. O Sr. A. D. Pascual, na sua recente obra—*Apuntes para la historia de la Republica Oriental*, engana-se com Armitage, dizendo que tinhamos dois mil e duzentos homens.

expôr os factos e fallar n'esses dois combates, porque sobre o general Abreu se fez então recahir toda a responsabilidade d'elles.

Ainda em 1827, na sessão da camara dos deputados de 18 de Maio, o illustre general Cunha Mattos, fallando da guerra, assim se exprimiu a respeito da campanha de 1825: « A guerra, Sr. presidente, tem sido de tal modo dirigida, que estamos vendo arruinado o Brasil! Permitta-se-me que o diga com bastante sentimento do meu coração: os erros são antigos, e os erros têm continuado até hoje.

« O erro fatal do barão do Serro-Largo, general valente, que dezenove vezes se bateu no campo da honra, arrastou a desgraça do Brasil, e trouxe as derrotas do Rincon e de Sarandy. Em vez do Rincon das Gallinhas, elle occupou Sant'Anna! Qual foi o resultado d'isso? Um corpo de quasi seiscentos cavallos, sob as ordens de chefes intrigados, marchava em desordem, quando o inimigo, aproveitando-se da confusão, cahe-lhes em cima com duzentos cavallos, e leva tudo á espada!... » (53)

A simples exposição dos factos e a leitura d'essa parte do discurso do general Cunha Mattos bastam para a cabal defesa do illustre barão do Serro-Largo.

O general Cunha Mattos accusava-o por ter occupado Sant'Anna, quando elle, como já vimos, occupou Mercedes nas vizinhanças do Rincon! D'esta natureza eram as accusações que faziam a Abreu.

Reduzido á inacção em Mercedes, o general Abreu foi mero espectador de todos esses successos. Da sua divisão

(53) O deputado pelo Rio-Grande Xavier Ferreira, respondendo a Cunha Mattos, negou a responsabilidade de Abreu pelo revez do Rincon, mas não soube dizer, quanto á censura principal, que este general occupou precisamente o ponto que o primeiro orador inculcava como o melhor.

destacára com Bento Manoel, á requisição do visconde da Laguna, novecentos homens. Estes foram batidos em Sarandy, e os quatrocentos que esperava da fronteira, antes de se lhe incorporarem, foram batidos no Rincon.

A incorporação d'estes ultimos devia elevar a força sob seu immediato commando a setecentas praças, com as quaes tinha elle de defender, por determinação do visconde, a margem do Uruguay, de accordo com a flotilha de Senna Pereira.

Mas esses dois revezes reduziram-no a uns trezentos homens, e n'essas circumstancias, privado da cavalhada de refresco, via-se ameaçado pelo inimigo victorioso, que sem difficuldade esmagal-o-hia, se por mais tempo permanecesse em territorio já todo em poder das armas republicanas.

Decidiu-se então a evacuar a Banda Oriental, retrogradando para a fronteira do Rio-Grande.

Até ao Salto fez-se Abreu transportar pela esquadrilha do Uruguay, duplamente mortificado pela desgraça das nossas armas, e pelo procedimento que para com elle tinha o general Barreto.

Do Salto dirigiu-se com os restos de sua divisão para a fronteira do Arapehy (54), occupando Belém, em cujas proximidades reuniu-se-lhe Bento Manoel com os fugitivos da columna destroçada em Sarandy; e d'ahi seguiu depois para o Rincon de Mata-Perros, situado entre o Arapehy-Chico e o Sarandy-Pires.

(54) Era por esse lado a linha divisoria entre o Rio-Grande e a Banda Oriental, pela convenção celebrada com Montevidéo a 30 de Janeiro de 1819.

VIII

Abreu deixa no Rincon de Catalan Bento Manoel, e fixa seu quartel-general em S. Gabriel. — Recebe a noticia de lhe ter sido conferido o titulo de barão do Serro-Largo. —Providencias para defeza da fronteira do Rio-Grande. — Combate de Taquary (17 de Dezembro), e sorpresa do forte de Santa Theresa (31 de Dezembro). —Vencem os inimigos do barão do Serro-Largo, que é exonerado do commando das armas do Rio-Grande. —Sua despedida. —Estado em que deixou a provincia. —Erros do seu successor. — Combates durante o anno de 1826. —Viagem do senhor D. Pedro I ao Rio-Grande.

A fronteira do Rio-Grande, depois dos successos que acabamos de narrar, ficou ameaçada de incursões pelas partidas inimigas, senhoras de toda a campanha oriental.

Incumbido, como commandante das armas, da defesa d'aquella provincia, deixou Abreu no Rincon de Catalan uma brigada de cavallaria e dirigiu-se para S. Gabriel, onde fixou seu quartel-general.

Eram mui diminutos os recursos de que então dispunhamos para defender a extensa linha de nossas fronteiras meridionaes, pois só tinhamos na provincia do Rio-Grande oito regimentos de cavallaria de segunda linha (55), algumas companhias de guerrilhas, o esquadrão de lanceiros do Uruguay, e uma partida do terceiro regimento de cavallaria do exercito.

Toda a força de primeira linha, que em tempos ordinarios

(55) Eram esses regimentos: o 20 (de Porto-Alegre), 21 (Rio-Grande), 22 (Rio-Pardo), 23 (Alegrete, chamado antes regimento de Entre-Rios), 24 (S. Borja, antes regimento de guaranys das Missões), 39 (antes regimento de Serro-Largo), 40 (antes regimento de Sunarejo). Em toda a provincia só havia um batalhão de infantaria de 2ª linha, com a numeração de 46.

fazia ahi guarnição (56), achava-se em Montevidéo, ou na Colonia.

Ainda assim, com essa insignificante força, o velho general guarneceu a fronteira, distribuindo convenientemente os corpos pelos pontos mais vulneraveis e importantes.

O seu primeiro cuidado foi elevar aquelles corpos, então extraordinariamente reduzidos em pessoal, ao seu estado completo : e emquanto se occupava n'isso, pondo em acção toda a influencia de que gozava entre os rio-grandenses, aguardava elle a chegada das tropas que haviam desembarcado em Santa Catharina, para emprehender a segunda campanha, e procurar o inimigo em suas proprias posições.

Não pôde entretanto levar a effeito esse seu desejo. As intrigas de seus inimigos e rivaes conseguiram fazer desvairar o governo.

Abreu havia recebido, por decreto de 12 de Outubro, o titulo de barão do Serro-Largo, em attenção aos seus serviços passados, e aos que acabava de prestar; mas pouco depois, sabendo o governo das derrotas do Rincon e de Sarandy, deixou-se levar pelos manejos da intriga, e responsabilisou o seu brioso general por desastres nos quaes, como já mostrámos, não teve elle a minima parte.

Foi exonerado do commando das armas, assim como o visconde da Laguna do cargo de capitão-general da Cisplatina, sendo substituido aquelle pelo brigadeiro Massena Rosado (57), e este pelo tenente-general barão de Villa-Bella (Maggessi) (58).

(56) A força de 1ª linha, que estacionava no Rio-Grande, e que se achava então n'essas duas praças, constava dos seguintes corpos : regimentos ns. 4 e 5 de cavallaria, 3º corpo de artilharia montada, e 9º batalhão de caçadores (Vide o decreto do 1º de Dezembro de 1824).

(57) Francisco de Paula Massena Rosado.

(58) Até então a Cisplatina fôra governada pelo visconde da Laguna,

A 20 de Dezembro, occupado em augmentar as forças da provincia, do seu quartel-general de S. Gabriel dirigiu o illustre barão do Serro-Largo aos rio-grandenses uma proclamação, convidando-os a tomar as armas contra o inimigo commum : « Emquanto Deus me der forças, dizia então elle, prometto-vos não embainhar a minha espada, sem que o inimigo seja lançado além do Rio da Prata, que deve ser a nossa divisa para a conservação da paz, para a segurança de nossos interesses, e para a gloria do grande Imperio a que pertencemos. » Um mez depois, a 22 de Janeiro de 1826, despedia-se dos seus camaradas e patricios, depois de ter passado, oito dias antes, ao novo governador das armas o commando do exercito.

Cheias de nobreza foram as palavras de despedida do velho e distincto general. Diante da ingratidão immensa de que era victima, vendo seus serviços esquecidos, e olvidados os dias de gloria que dera á sua patria, o illustre veterano, com a grandeza d'alma que tanto o distinguia, não fez uma unica recriminação, não soltou um só queixume (59).

Depois de annunciar a sua exoneração, terminava os seus adeoses com as seguintes palavras, que por si sós bastam para exprimir o seu desinteresse e patriotismo : « Vou contente beijar a mão do nosso Imperador, e pedir-lhe permissão para voltar como simples soldado a unir-me ás fileiras dos meus antigos camaradas, pois deveis ter conhecido que sou mais propenso a obedecer do que a commandar. »

na qualidade de capitão-general. O barão de Villa-Bella foi o primeiro presidente nomeado para ella.

(59) Não vimos o original d'esse documento, mas sim a traducção feita por um dos periodicos de Buenos-Ayres : « Despedidas que faz o barão do Serro-Largo aos habitantes d'esta provincia de S. Pedro do

A demissão do barão do Serro-Largo foi um dos muitos erros que o governo imperial commetteu durante o decurso d'essa guerra, tão mal encaminhada e dirigida.

Possuindo um nome prestigioso, conquistado por sua bravura e honestidade, e pelos serviços que havia prestado á provincia do Rio-Grande, cujo territorio livrára duas vezes (em 1816 e 1820) da invasão estrangeira, sympathisado geralmente pelos brilhantes dotes de seu coração, pratico no systema de guerra adoptado n'essas paragens, e perfeito conhecedor do terreno em que tinham lugar as operações, teria o general Abreu sabido conduzir o exercito brasileiro á victoria, evitando os erros do seu successor, que tão fataes foram ás nossas armas, e que tão funestamente influiram sobre a campanha de 1827.

Rio-Grande. —Honrados habitantes. Tenho empregado todos os dias, que Deus me tem concedido, desde a idade de treze annos até hoje, no serviço d'este paiz.

« Sois testemunhas dos esforços que hei empregado na defesa d'esta provincia, quando invadida pelo estrangeiro, sem outro interesse que o de ser util ao lugar em que nasci, e podeis dizer como procedi n'essas circumstancias, e se obtive algum lucro, abusando dos cargos que occupei. A imprensa é livre, e por esse canal podem todos publicar livremente o que sabem, ou o que pensam.

« A occasião é propria, porque foi servido Sua Magestade Imperial substituir-me pelo Exm. Sr. brigadeiro Francisco de Paula Massena Rosado, official habilitado para o lugar que acabo de deixar, pelos conhecimentos e pelas qualidades que possue. Ordenou-me o mesmo Augusto Senhor que me recolhesse á côrte do Rio de Janeiro, ordens que passo immediatamente a cumprir. Despe[illegible]e, pois, dos meus honrados patricios, agradecendo o modo por [illegible]i sempre tratado, não só durante o periodo em que occupei o cargo [illegible]overnador das armas, como em todas as épocas da minha carreira militar.

« Levo, com o sentimento de apartar-me de tão dignos cidadãos, a gloria de não ter perdido um só palmo de terra da provincia cuja defesa me foi confiada até ao dia 14 do corrente, em que fiquei isento de toda a responsabilidade, etc. »

Se, em tão criticas circumstancias, afastar do supremo commando militar um tal homem era já um erro funesto, o governo parece que esforçou-se em aggraval-o com a nomeação do novo governador das armas, homem desconhecido, e que, supposto tivesse boas intenções, não estava na altura do cargo que ia desempenhar.

Abreu entregou-lhe a provincia, virgem, durante o seu commando, das plantas inimigas. Com effeito, graças ás providencias por elle tomadas,o inimigo não ousára penetrar uma unica vez em nosso territorio, e conservou-se inactivo, apezar de já ter cêrca de quatro mil homens. Apenas pelo lado do Serro-Largo e de Santa Theresa, na parte da fronteira entregue pelo barão ao general Corrêa da Camara)Bento),mostrou-se o inimigo em força.

No departamento do Serro-Largo apresentou-se o coronel Jgnacio Oribe, intrincheirando-se perto de Conventos, á margem do Taquary, d'onde foi a 7 de Dezembro desalojado por quinhentos dos nossos bravos ao mando do coronel (Bento) Gonçalves, deixando em nosso poder, além de muitos mortos e feridos, trinta e quatro prisioneiros (entre os quaes um official), uma bandeira, muito armamento, seissentos cavallos, e toda a correspondencia (60).

Em frente ao pequeno forte de Santa Theresa apresentou-se a trinta e um d'esse mesmo mez o coronel inimigo Leonardo de Oliveira, que conseguiu sorprender a guarnição d'esse ponto, commandada por um alferes, e a guarda do Chuy, retirando-se pouco depois com algum armamento e varios prisioneiros, entre os quaes alguns o ficiaes (61).

(60) Sobre esse combate veja-se a parte official do marechal de campo Corrêa da Camara, commandante da fronteira do Rio-Grande. Ignacio Oribe retirou-se em desordem, acossado pelos nossos, até Frayle-Muerto.

(61) Este successo, cuja insignificancia é manifesta, passa todavia

Esta sorpresa e aquelle combate foram os dois unicos feitos de armas que tiveram lugar na fronteira desde que o barão do Serro-Largo voltou para a provincia até que entregou o commando das forças, que a guarneciam, ao general Rosado.

Este, desde que tomou conta do governo das armas, começou a contrariar todas as sabias disposições tomadas pelo seu antecessor para cobrir a fronteira.

Amontoou em Sant'Anna do Livramento todo o exercito, excepto a pequena brigada de Bento Gonçalves, que conservou-se no Jaguarão, pela energica resistencia d'este chefe.

Reunidas as tropas sobre um pequeno recinto, começaram a apparecer molestias, que, tornando-se epidemicas, dizimaram cruelmente suas fileiras e reduziram os soldados a um estado de abatimento, que muito influiu sobre as ulteriores operações do exercito. Desprovidos de tudo, mal vestidos, pessimamente alimentados, entregues a meia duzia de cirurgiões, que, além de baldos de conhecimentos, não dispunham de um hospital regular, nem dos medicamentos mais indispensaveis, os infelizes soldados soffreram toda sorte de privações e de soffrimentos durante o commando do general Rosado. A desintelligencia mesquinha, que existia entre este e o presidente da provincia, general Gordilho (primeiro visconde de Camamú) aggravou consideravelmente esse triste estado de cousas (62).

Concentradas em Sant'Anna do Livramento todas as

no Estado Oriental por uma *brilhante e assignalada victoria*. Mais de uma vez temos visto apontado o combate de Santa Theresa (nem combate houve!) como um padrão de gloria das armas Orientaes.

(62) Veja-se a interessante *Memoria* do Sr. Machado de Olivera, sobre a campanha de 1827, no tomo XXIII da *Revista do Instituto Historico*.

nossas forças, a fronteira ficou inteiramente aberta. O inimigo, aproveitando-se d'isso, entrou por ella mais de uma vez, entregando ao saque e á devastação o territorio banhado pelo Uruguay, sem que encontrasse um só destacamento nosso, pois a brigada de Bento Manoel, que o barão do Serro-Largo collocára no Rincon de Catalan, e que poderia obstar áquella incursão, se tinha reunido tambem ao exercito por ordem do novo commandante das armas. Era tal o estado do exercito, que, pedindo uma vez Bento Manoel autorisação para bater o inimigo, que se apresentára no Uruguay, foi-lhe respondido que não havia no acampamento cartuchos sufficientes para semelhante empreza!

Ainda assim algumas vezes mediram-se os nossos com as forças republicanas, pronunciando-se sempre a victoria pelas armas imperiaes (63); mas essas vantagens, pela má

(63) A 6 de Agosto o bravo major A. de Medeiros Costa derrotou em *Caraguatá* a vanguarda de Ignacio Oribe ao mando de Claudio Berdun, destruindo-a de tal modo, que só trinta homens escaparam, ficando cento e quarenta e oito mortos ou feridos, e vinte e dois, entre os quaes dois officiaes, prisioneiros.

A vanguarda da columna do tenente-coronel J. A. Martins, expedida para os lados do Quarahim contra tresentos bandidos, commandados por um Lopez-Chico, alcançou-os já em retirada, passando o *Toropasso*. Bastou essa pequena força, commandada pelo capitão Gabriel Gomes Lisboa, para arrojal-os á margem direita do Uruguay, retomando grande parte dos roubos que haviam feito.

Mas o combate da *Capilla del Rosario* no Merinay (Corrientes) foi o mais importante d'esses feitos d'armas. Bento Manoel fôra despachado com a primeira brigada contra uma força correntina ao mando de Felix Aguirre, que saqueava as Missões Orientaes. A' sua approximação fugiu o inimigo para Corrientes.

O intrepido paulista atravessou o Uruguay a 31 de Outubro, e a 5 de Novembro colheu a gente de Aguirre. Collocou-se este na Capilla del Rosario com oitocentos homens e tres peças, postando muito adiante, e d'este lado do Merinay, o coronel Pedro Gomes Toribio com outros duzentos. Bento Manoel desbaratou inteiramente

collocação do nosso exercito, eram alcançadas depois que o inimigo assolava nosso territorio, causando prejuisos immensos, e punha a salvo grande parte do que roubava. E, como se não bastasse a inepcia com que o novo commandante das armas abandonou ao inimigo toda a fronteira, a demora na remessa de forças para o sul, conservando durante todo o anno de 1826 inactivas as nossas tropas, veiu dar tempo a que os argentinos preparassem e disciplinassem um magnifico exercito, superior a doze mil homens.

Taes foram as consequencias da demissão de Abreu. Tal

esta força, ficando Toribio entre os mortos, e avançou sobre a outra; mas Aguirre com sua artilharia pôz-se logo em retirada, deixando, para protegèl-a, trezentos soldados, que foram igualmente destroçados. No campo deixou o inimigo trezentos homens mortos ou feridos, muito armamento e mais de mil cavallos. Tivemos um official e trinta e sete praças fóra de combate Só fallamos nos combates que tiveram lugar com as forças que guarneciam a provincia do Rio-Grande. No Rio da Prata muitas acções brilhantes illustraram, n'esse anno de 1826, as armas imperiaes, sendo as mais notaveis a defesa da praça da Colonia (atacada pelo almirante argentino Brown e pelo general Lavalleja, e defendida pelo general Rodrigues, barão de Taquary), e a victoria naval alcançada pelo chefe de divisão James Norton, no dia 30 de Julho, sobre a esquadra inimiga. E já que tocámos n'esses feitos d'armas, cumpre-nos dizer que o Sr. A. D. Pascual enganou-se nos seus *Apuntes*, quando disse, á pag. 259 do 1° vol., firmando-se em Armitage, que soffrêmos uma *quasi derrota* junto á Enseada no dia 9 de Fevereiro. N'esse dia travou-se perto da ponta de Corales um combate naval, sendo Brown repellido e batido pelo vice-almirante Rodrigo Lobo. No dia 11 de Abril não *sorprendeu* Brown nossa esquadra, como diz o mesmo escriptor. Apresentou-se elle nas vizinhanças de Montevidéo, e foi logo perseguido por Norton, que sahiu ao seu encontro, e com elle bateu-se, pondo-o em fuga. Quanto á abordagem da fragata *Imperatriz*, na noite de 27 d'esse mesmo mez, de que falla o Sr. Pascual á mesma pagina, houve com effeito falta de vigilancia da nossa parte, mas, apezar d'isso, foi Brown repellido e obrigado a fugir.

o estado da provincia e do exercito depois que elle deixou o commmando das armas.

Estas noticias desoladoras puderam alfim chegar aos ouvidos do Sr. D. Pedro I ; e o Principe patriota tomou a resolução de ir pessoalmente inspeccionar o theatro dos acontecimentos, para que por si mesmo pudesse, usando de sua influencia e prestigio, dar remedio a tantos males.

O Imperador comprehendeu que era preciso augmentar o exercito, e habilital-o com os meios necessarios para marchar contra o inimigo, sem esperar que este se fortalecesse e viesse procurar os nossos soldados na occasião que lhe fosse mais conveniente.

IX

O barão do Serro-Largo offerece-se para organisar um corpo de voluntarios. — O Imperador regressa á côrte. — O marquez de Barbacena é nomeado commandante em chefe do exercito. — Conferencia do marquez com o barão do Serro-Largo. — Este recusa aceitar o commando de uma divisão, e só pede o do corpo de voluntarios que ia organisar. — Parte para S. Gabriel, para onde chama os seus velhos companheiros de armas. — O exercito argentino dirige-se á nossa fronteira. — Movimentos dos dois exercitos. — Juncção de Barbacena e de Brown no arroio das Palmas. — Fuga simulada de Alvear. — O barão do Serro-Largo reune-se ao exercito no passo dos Enforcados. — E' incumbido de commandar a vanguarda. — Marcha do exercito em direcção ao passo do Rosario. — Batalha de Ituzaingò. — Morte do barão do Serro-Largo.

Votado ao esquecimento, vivia o bravo barão do Serro-Largo ignorado nos suburbios de Porto-Alegre, só entregue ás affeições da familia. Tragava em silencio a injustiça de que fôra victima, quando a presença do excelso fundador do Imperio, despertando entre os rio-grandenses o amortecido enthusiasmo, fêl-o sahir do seu retiro para offerecer á patria como simples soldado a sua espada gloriosa.

Infelizmente a presença do Imperador, se muitos beneficios levou ao exercito, não pôde todavia produzir todas as vantagens que eram de esperar.

E a sua volta subita e inesperada fez com que a provincia recahisse na mesma prostração em que estivéra antes mergulhada. Foi assim que mui difficilmente se pôde recolher o producto de uma subscripção popular, agenciada durante a presença do Principe, com o fim de auxiliar as urgencias do Estado nas despezas da guerra, e que dos homens que se haviam offerecido para reunir voluntarios, destinados a engrossar as fileiras do exercito, apenas o barão do Serro-Largo cumpriu a sua promessa.

Que fatalidade pesava então sobre o governo do Brasil! Possuiamos um exercito numeroso e aguerrido, que facilmente poderia ter-nos assegurado prompta victoria, e, não obstante, no theatro da luta havia apenas recursos insignificantes e uma força mais que diminuta!

Ao regressar para a côrte, o Imperador deixára já no Rio-Grande o novo presidente e o commandante em chefe do exercito. Para o primeiro d'esses lugares havia sido nomeado o brigadeiro Salvador José Maciel, e para o segundo o tenente-general marquez de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes).

O novo general quiz aproveitar os serviços do illustre barão do Serro-Largo, cujo nome conhecia e respeitava, e antes de partir para Sant'Anna do Livramento teve com elle uma larga conferencia, manifestando-lhe por essa occasião toda a estima e veneração que lhe votava.

Querendo dar-lhe no exercito uma posição condigna ao elevado posto que occupava, offereceu-lhe o marquez o commando de uma divisão, mas o velho general oppôz-se formalmente a isso, e preferiu combater como simples soldado a aceitar tão honrosa commissão.

Depois d'essa conferencia o barão do Serro-Largo dirigiu-se a S. Gabriel, onde começou a reunir os voluntarios que acudiam ao seu chamado, e o marquez encaminhou-se para Sant'Anna do Livramento, onde chegou no 1° de Janeiro de 1827, tomando posse do commando do exercito 10 dias depois (64).

Já a esse tempo movia-se em procura da nossa fronteira (65) o exercito argentino do general Alvear, forte de

(64) Titára, nas suas *Memorias do grande exercito alliado libertador do sul da America*, diz erradamente que o marquez tomára o commando no dia 1.° N'este dia apresentou-se elle ao exercito, passandolhe revista, mas só a 11 tomou conta do commando. Eis a proclamação que dirigiu aos seus soldados: — « Bravos do exercito do sul! A honra de commandar-vos é a maior á que pode aspirar um general brasileiro. O Imperador nol-a concedeu, e eu procurarei compensar a tão alta mercê, proporcionando ao exercito todos os fornecimentos necessarios a seu commodo e existencia, dispondo e aproveitando toda a occasião de encontrar com o inimigo.

« A proclamação imperial de 16 de Dezembro, que acaba de ser distribuida, me dispensa de recommendar-vos cousa alguma. Cumpra cada um de nós o que o magnanimo Imperador determina, que a disciplina, a abundancia e a victoria serão inseparaveis de nossas fileiras. — Quartel-general em Sant'Anna do Livramento, 1° de Janeiro de 1827. —*Marquez de Barbacena.* »

(65) Começou a mover-se no dia 26 de Dezembro, deixando o acampamento do Arroio-Grande (Vejam-se os boletins do exercito republicano). Ao pisar em nosso territorio fez o general inimigo espalhar a seguinte proclamação: — « Brasileiros! O exercito da republica pisa o vosso territorio. Olhai, e por toda parte encontrareis n'elle os prenuncios da liberdade. Os que com inaudito valor escalaram os nevados Andes para romper as cadêas de meio mundo, e desde uma até outra zona leváram nas pontas de suas baionetas a grande carta da soberania do povo, são os mesmos que hoje vos saudam. Brasileiros! O exercito republicano é o amigo de todos os povos, porque a sua causa é a mesma dos povos: —liberdade, igualdade e independencia. Elle se move para obrigar vosso Imperador a desistir de uma pretenção injusta. Um dia atreveu-se elle a insultar a magestade do

onze mil homens e vinte e quatro bocas de fogo (66). A inacção em que estivemos por espaço de mais de um anno déra tempo a que o inimigo se preparasse descansadamente e assumisse a offensiva, reconhecendo-se habilitado para guerrear-nos em nosso proprio territorio.

A direcção que traziam os contrarios era ignorada dos nossos, mas, qualquer que ella fosse, devêra decidir o marquez a abandonar Sant'Anna do Livramento, para reunir-se ás forças que ás ordens do marechal de campo Gustavo Henrique Brown, chefe do estado-maior, achavam-se na fronteira do Jaguarão (67).

O intento de Alvear era penetrar por Bagé, collocando-se

grande povo argentino, e o governo da republica encarregou-nos de fazel-o entrar em seus deveres. O Imperador é o unico responsavel pelos males que podem cahir sobre vós; tratae de evital-os com o vosso procedimento, nós não vos causaremos directamente o menor prejuizo. O exercito republicano não leva comsigo senão força, justiça, ordem, liberdade e igualdade; dom do céo, patrimonio da America, e do qual só vós estais ainda excluidos. Brasileiros! Repousai tranquillos em vossos lares; o pavilhão republicano será vossa egide: vossas propriedades serão respeitadas, vossas pessoas garantidas. Nossas armas só se dirigem contra os soldados do Imperador; porém, desgraçados dos que, confundindo os interesses do povo com os d'aquelle, tratarem os argentinos como inimigos. Elles não deixarão de ser livres, mas será a espada quem os conduzirá á felicidade, que agora desprezam, e que, em nome de sua patria, lhes promette alcançar—*Carlos de Alvear.* »

(66) Formava tres corpos ou divisões: um de infantaria ao mando do general E. Soler (era o 3º corpo), e dois de cavallaria (1º e 2º) ao mando dos generaes J. A. Lavalleja e Julian Laguna. A artilharia era commandada pelo coronel Iriarte.

(67) Titára diz erradamente na citada obra, pag. 118, que essa força se desmembrou do exercito marchando para o Jaguarão. O Sr. A. D. Pascual, que o copía n'esse ponto nos seus *Apuntes para la historia de la Republica Oriental*, repete o mesmo erro á pag. 295. Aquellas

entre Barbacena e Brown, para batêl-os separadamente (68); mas, apezar das precauções que tomára no intuito de occultar seus movimentos (69), passou pela decepção de ver frustrado o seu plano.

A 13 de Janeiro o general em chefe deixou Sant'Anna do Livramento, e foi acampar na varzea do Morro-Grande (70), margem esquerda do Cunha-perú, destacando n'esse dia o general Sebastião Barreto com mil e setecentos homens de cavallaria para observar em Bagé o inimigo, e certificar-se de seus movimentos.

Molestia repentina e perigosa deteve o marquez n'aquelle sitio até ao dia 19; mas tres dias antes (a 16), recebendo communicação de que o inimigo se mostrára em força no passo das Pedras, e que uma de suas grandes avançadas penetrára em Bagé, expediu ordem a Gustavo Brown para que, quanto antes, se reunisse ao exercito, e começou a forçar as marchas, tomando a 4 de Fevereiro posição no

forças haviam desembarcado no Rio-Grande, e marchavam a reunir-se ao exercito.

(68) Alvear o diz na *Exposicion* que publicou em resposta á mensagem do governo.

(69) O inimigo seguiu por um terreno deserto e de difficil accesso, deixando em frente de Sant'Anna do Livramento, para illudir o marquez, uma força de cavallaria. Tão seguro estava Alvear de que poderia realizar o seu plano, que no bolletim n. 2 fez escrever o seguinte « Tudo annuncia que o inimigo será sorprendido ao saber da verdadeira direcção do exercito, e que esse triumpho se conseguiu por uma marcha de flanco executada com rapidez e ordem por um caminho deserto, por onde ninguem antes havia passado. »

(70) Além dos bolletins dos dois exercitos, dois escriptos, documentos e informações que obtivemos, guia-nos a *Resposta do brigadeiro Cunha Mattos ao Sr. Rasgado* — Rio, 1827.

arroio das Palmas (71), onde, protegido pelo terreno, esperou que o inimigo o viesse atacar.

No dia seguinte realizou-se a juncção das forças que Brown conduzia desde a cidade do Rio-Grande (72).

Vendo destruido o seu plano, Alvear não ousou atacar o pequeno exercito imperial na formidavel posição que este occupava, e tomou o partido de attrahil-o para o interior da provincia, procurando o valle de Santa Maria.

Até então tinha o marquez de Barbacena manobrado com tino e habilidade. O rapido movimento que executou, para operar a juncção com as forças da esquerda, separadas da direita por mais de oitenta leguas, desconcertou completamente o general Alvear, e arrancou d'este palavras de admiração, que, partindo de um inimigo, constituem o mais bello dos elogios (73); mas, desde que teve noticia da marcha do exercito contrario em direcção a S. Gabriel, e da sua simulada fuga, o nosso general abandonou o campo das Palmas, e forçou as marchas em seu seguimento, cahindo assim no laço que lhe armára o seu adversario.

Acreditou que um exercito com cêrca de onze mil homens, composto de excellente tropa, fugia diante de um que não chegava a contar sete mil, e deixou-se arrastar pelo inimigo até ao lugar que este escolhêra para offerecer-lhe batalha.

O barão do Serro-Largo, cumprindo a sua promessa, já

(71) Chegou no dia 2 ao arroio das Palmas, mas só no dia 4 occupou a posição em que esperou o inimigo.

(72) Essa força elevava-se a dois mil e quinhentos homens.

(73) « .... *então* (diz Alvear) *tomou uma resolução que lhe faz muita honra, não só pelos conhecimentos militares que revela, vendo a difficil posição em que o haviam collocado as manobras do seu contrario*, etc. » Veja-se a *Exposição de Alvear em resposta á Mensagem do Governo* — Buenos-Ayres, 1828, 1 volume.

então tinha reunido em S. Gabriel grande numero de veteranos, seus companheiros de armas, e desertores indultados, que ao grito de seu nome acudiam dos districtos da Serra.

Resentido do procedimento que para com elle se teve, apenas solicitou o commando do pequeno corpo que organisára e n'essa mediocre posição reuniu-se ao exercito no dia 13 de Fevereiro, encontrando-o acampado á margem esquerda do Camacuan-Grande, em frente ao passo dos Enforcados.

Este facto por certo recommenda-o muito ao respeito e á admiração da posteridade. Foi sem duvida um exemplo raro de abenegação e de amor patrio esse que então deu o marechal de campo barão do Serro-Largo, sujeitando-se a commandar um simples corpo de cavallaria, elle que em outros tempos occupára cargos e commissões importantes, e a quem fôra já commettido o mando de todas as tropas em operações no Rio-Grande.

A força com que se apresentou, e que não chegava a seiscentos homens, recebeu no exercito a denominação de *Corpo de paisanos*, denominação bem cabida, porque as praças de que se compunha já tinham perdido todos os habitos de disciplina que caracterisam as tropas regulares (74); só havia n'ellas aquelle valor antigo, dedicação pela patria e confiança e amor para com o intrepido cabo de guerra que os commandava.

Ao reunir-se ao exercito, Abreu levou-lhe a noticia de que Alvear seguia em direcção a S. Gabriel, noticia que foi poucos instantes depois confirmada, sabendo-se mais que as forças inimigas haviam acampado já n'aquelle ponto.

O marquez confiou ao illustre barão do Serro-Largo a importante missão de fazer o serviço da vanguarda do

(74) Veja-se a *Memoria* do Sr. Machado de Oliveira.

exercito com o seu pequeno corpo de voluntarios, e começou a accelerar as marchas. Em quatro dias venceu o nosso exercito, acampando successivamente em varios galhos do Camacuan, as vinte e tres leguas que separam d'aquella povoação o passo dos Enforcados.

A 17 a vanguarda de Serro-Largo entrou em S. Gabriel, achando-a abandonada do inimigo, e livrou-a do incendio, que havia destruido já tres casas.

Em S. Gabriel soube o marquez que Alvear procurava o passo do Rosario, no Santa Maria, e que tinha abandonado algum trem pesado. Isso convenceu-o ainda mais de que o seu adversario fugia precipitadamente diante do exercito imperial, e dirigindo a este uma proclamação, continuou a forçar as marchas (75).

(75) Eil-a : — « Soldados ! Quando o inimigo se apresentou n'esta fronteira, estava o centro do exercito imperial a mais de 80 leguas de distancia das divisões da esquerda; estaveis sem transporte, e até com falta de armamento e munições de guerra. Vosso valor e vosso patriotismo venceram todas as difficuldades, e por marchas forçadas e atrevidas, quasi á vista do inimigo, e estando os postos avançados em constante tiroteio, conseguistes fazer juncção com a maior parte das tropas da esquerda no dia 5 do corrente : as outras reuniram-se nos dias 11 e 13. Então fazia o inimigo todas as demonstrações de atacar-nos, e posto que, por sua superioridade numerica, e pela linguagem de suas proclamações, o ataque parecia provavel, não passou de demonstrações, e, deixando as margens de Camacuan, colorou aquelle principio de retirada, dizendo que nos esperava nos campos de S. Gabriel, ou que seguiria para Porto-Alegre. Por novas marchas forçadas aqui chegastes esta manhã, e, longe de encontrarmos o inimigo, achamos a certeza de sua vergonhosa e precipitada fugida, havendo a retaguarda, commandada por Lavalleja, deixado a povoação de S. Gabriel hontem pelas 4 1/2 da tarde, entretanto que Alvear adiantou de quatro marchas a infantaria e artilharia. Bem quizéra eu dar-vos algum descanso depois de tantos centos de leguas de marcha com um sol abrasador, e até alguns dias sem agua, e muitos sem pão ou farinha : mas um instante de demora nos privaria de colher os

Na madrugada de 19 fez reforçar a vanguarda, e foi acampar a tres leguas e meia de S. Gabriel, no campo dos Salsos, depois de ter atravessado o banhado de Inhatium, que estava quasi todo secco pelo rigor da estação calmosa.

No campo dos Salsos houve um ligeiro ataque entre as forças do barão do Serro-Largo e a retaguarda inimiga, formada por um corpo consideravel de cavallaria. Depois de renhido tiroteio, a nossa vanguarda atacou o inimigo, e forçou-o a pôr-se em retirada.

Sabendo, pouco antes das 4 1/2 da tarde, do resultado d'essa escaramuça, o marquez levantou o campo, e foi collocar-se já á noite em uns banhados seccos da estancia de Antonio Francisco, situada á esquerda da estrada, tres leguas adiante do ultimo acampamento.

Ahi apresentaram-se-lhe alguns prisioneiros soltos por Alvear, dando a noticia de que este effectuava a passagem do Santa Maria.

O ardil, de que lançou mão o chefe inimigo, acabou de allucinar o nosso general (76), que apenas deu ao exercito tres horas de descanso, ordenando que a cavallaria e a artilharia não soltassem os cavallos, e os conservassem presos pela soga, afim de que pudesse marchar ao primeiro signal.

fructos de nossos trabalhos, e de termos acabado a guerra para sempre, como exigem a honra e a gloria do exercito imperial. Soldados! Redobremos de esforços: a victoria é certa, na cidade de Buenos-Ayres vingaremos as hostilidades commettidas nas pequenas povoações de Bagé e S. Gabriel! Quartel-general em S. Gabriel, 17 de Fevereiro de 1827.—*Marquez de Barbacena*, tenente-general, commandante em chefe. »

(76) Em mais de um ponto da sua interessante *Memoria*, publicada no tomo XXIII da *Revista do Instituto*, diz o Sr. general Machado de Oliveira que o exercito inimigo retirava-se diante do nosso, evitando uma acção geral. Não podemos infelizmente deixar de divergir

Logo que a lua começou a despontar, os nossos soldados puzeram-se de novo em movimento, posto que extenuados de cansaço. A vanguarda foi n'essa occasião reforçada com a brigada do coronel Bento Gonçalves, composta dos regimentos de segunda linha ns. 21 e 39 e de quatro companhias de guerrilhas, reforço este que elevou as forças do barão do Serro-Largo a mil e cento cincoenta homens de cavallaria.

Não devemos omittir aqui um facto de muito valor pelas consequencias que teve. Reunindo-se ao exercito o barão

do conceito de tão distincto escriptor, e quando dissemos que a retirada de Alvear era simulada, feita no intuito de dividir as nossas forças, e de attrahi-las para terreno mais vantajoso a elle, dissemol-o com fundamentos muito valiosos.

As razões em que se basêa o Sr. Machado de Oliveira para assim pensar encontram-se a paginas 526, 534 e seguintes da referida *Revista*. Em substancia são estas: 1ª, ter-se o inimigo abstido de atacar-nos no arroio das Palmas, quando o exercito não estava ainda todo reunido, e subsequentemente ter-se afastado das nossas forças em direcção a S. Gabriel; 2ª, a precipitação com que deixou esse ponto á approximação da nossa vanguarda, abandonando trem de guerra, bagagem e a cavalhada inutilisada (pag. 534), o que foi em verdade encontrado no passo do arroio Cacequy; 3ª, ter deixado as adjacencias de S. Gabriel, onde a sua cavallaria podia manobrar com muito mais vantagem do que no lugar em que se deu a batalha; 4ª, ter começado a passagem do Santa Maria, para cuja margem esquerda fez Alvear passar o trem pesado do seu exercito e até um regimento. De tudo isto conclue o Sr. Machado de Oliveira que os argentinos retiravam-se diante do nosso exercito, e que, se aceitaram a batalha, foi porque este, que os seguia de perto, obrigou-os a isso.

E' certo que os argentinos não se animaram a atacar-nos no arroio das Palmas, porque o terreno nos favorecia immensamente, e tolhia o concurso da cavallaria, que era a arma mais poderosa do seu exercito; mas a precipitação de sua retirada, quando elles possuiam um exercito mais numeroso que o nosso, não passou de uma habil tactica de Alvear. Para mais facilmente illudir o nosso general, deixou elle no passo do Cacequy varios objectos,

do Serro-Largo, requisitou do general em chefe o numero de cavallos necessarios para o seu corpo, por não lhe inspirarem confiança alguma os que trazia, em consequencia do seu estado de fraqueza; e o marquez, attendendo a tão justa requisição, ordenou immediatamente ao general Sebastão Barreto, incumbido da distribuição da cavalhada, que satisfizesse ao pedido de Abreu.

A reclamação de Serro-Largo não foi, porém, attendida. Barreto recusou-se positivamente a fornecer-lhe os cavallos de que carecia, porque, segundo então declarou, os

que nenhuma falta lhe faziam, fez transportar para a outra margem do Santa Maria as suas bagagens e trem pesado, ordenando ao mesmo tempo que um regimento transpozesse o rio. Esta ultima operação foi feita na presença de alguns prisioneiros, aos quaes elle deu liberdade, e forneceu cavallos, afim de que levassem ao nosso campo, como succedeu, a noticia de que o exercito republicano começava a atravessar o rio. Mas, apenas estes partiram, o regimento, que se havia transportado para o outro lado do Santa Maria, regressou, incorporando-se novamente ao exercito. Quanto aos objectos que o inimigo abandonou no Cacequy, e de que falla o Sr. Machado de Oliveira, não passavam elles de caixões com papeis velhos, mappas, relações e partes, armamento inutilisado, canastras velhas, etc. Tudo isso foi examinado no dia 21 pelo Exm. Sr. marechal de campo Luiz Manoel de Lima e Silva, que nos ministrou obsequiosamente muitos e importantes esclarecimentos sobre essa campanha. Ha, porém, uma outra circumstancia de muito peso, que nos foi communicada pelo mesmo Sr. Lima e Silva, e que nos levou a dizer que Alvear tinha escolhido de antemão o campo de batalha. Esse general conhecia perfeitamente todo o valle do Santa Maria nas proximidades do Ibicuhy. Não havia ainda 20 annos, tinha elle residido por largo espaço de tempo na estancia do brigadeiro Antonio Pinto da Fontoura, situada do outro lado do rio, tendo muitas vezes percorrido os terrenos circumvizinhos nos frequentes passeios que dava. Das relações que teve n'aquelle tempo com a familia Fontoura mostrou elle conservar ainda recordações e reconhecimento, porque, quando o seu exercito esteve acampado no passo do Rosario, levantando todo o gado que encontrava, respeitou essa estancia, e só a ella mandou pedir alguns carneiros.

que existiam mal chegavam para os diversos corpos do exercito. Se o motivo era fundado, ou se dictou-o sómente a inimizade que esse official votava desde 1825 ao barão, é o que não podemos dizer com segurança: não faltaram, porém, accusadores que o denunciassem como antepondo aos interesses e á honra do paiz seus despeitos e odios pessoaes. O certo é que essa recusa produziu resultados funestos, e quem conhece os habitos dos cavalleiros do sul, póde avaliar a impressão que causou ella entre os soldados do barão. Não obstante, guiados pelo prestigio de seu chefe, puderam suffocar o desanimo de que estavam possuidos, e continuaram no encalço do inimigo.

Quando o dia começava a despontar, avistou a nossa vanguarda forças inimigas. O barão deu-se pressa em prevenir o general em chefe (77), e este, firmemente persuadido de que grande parte do exercito argentino estava já na margem esquerda do Santa Maria, accelerou a marcha, julgando que tinha de haver-se unicamente com uma fracção d'elle.

Qual não seria a sua sorpresa, quando ás 5 $^{3}/_{4}$ da manhã avistou em linha mais de dez mil homens, esperando-o firmes no lugar que haviam escolhido para offerecer-lhe combate?!

Já era tarde para recuar. Nossa vanguarda, ao mando do intrepido Serro-Largo, sustentava um renhido fogo de atiradores com as avançadas inimigas. Era preciso tomar posições e pelejar.

Nosso pequeno exercito, apenas composto de cinco mil e quinhentos e sessenta e sete homens, com dez bocas de fogo

(77) Titára diz que o barão suppôz que fosse um pequeno corpo inimigo, e que, não querendo repartir com outros os louros da victoria, não participou ao general em chefe que havia avistado os contrarios. O Sr. A. D. Pascual, nos seus *Apuntes* ultimamente publicados, repete essa censura, que é inteiramente infundada.

(78), collocou-se em frente do inimigo, que se achava postado na coxilha de Santa Rosa, e o ataque começou, tendo lugar a celebre batalha de Ituzaingô.

Esse punhado de bravos (79), que não descansavam desde a madrugada de 19, e que desde então quasi não haviam tomado alimento, tiveram de bater-se com exercito duas vezes superior em numero, e que a esta vantagem reunia a de estar em repouso havia dois dias (80).

(78) A força total do exercito brasileiro, incluindo os quinhentos e sessenta voluntarios do [illegible] do Serro-Largo, montava a sete mil e duzentos e oitenta e sete homens, dos quaes quatro mil duzentos e noventa e oito de cavallaria, dois mil e cento e oitenta e nove de infantaria, duzentos e quarenta de artilharia. Mas a 1ª brigada ligeira, ao mando de Bento Manoel e forte de mil e duzentos homens de excellente cavallaria, tendo sido destacada do exercito no dia 8, só se reuniu a elle no dia seguinte ao da batalha, a qual não assistiram tambem cento e cincoenta e tres infantes. Deduzindo-se do numero total estes mil e trezentos e cincoenta e tres homens, ver-se-ha que só estiveram presentes á ella cinco mil e quinhentos e sessenta e sete homens.

(79) Nessa manhã sahiram de S. Gabriel e pararam no campo dos Salsos, descansando apenas tres horas; ás 5 horas da tarde continuaram a marchar, e fizeram uma parada desde as 10 da noite até 1 hora da madrugada de 20. A essa hora continuaram a marcha, avistando o inimigo ás 6 horas.

(80) Está hoje provado pelos mappas officiaes, tanto do nosso exercito, como do exercito republicano, que pelejaram em Ituzaingô, de um lado dez mil e quinhentos e cincoenta e sete argentinos e orientaes, com vinte e quatro canhões, do outro cinco mil e quinhentos e sessenta e sete, com dez bocas de fogo. Entretanto Alvear teve a habilidade de dizer na sua *Exposicion* que só tinha seis mil e duzentos homens, e que os nossos eram dez mil: falsidade que *ainda hoje* se repete no Rio da Prata, apezar de estarem de ha muito no dominio publico os documentos que a desmentem. Não transcrevemos aqui esses mappas, mas elles encontram-se na obra de Titara, que primeiro os publicou, e [illegible] do Sr. Machado de Oliveira, assim como nos *Apuntes* do Sr. A. D. Pascual.

Não cabe nos limites d'este humilde trabalho dar aqui uma noticia circumstanciada da batalha de 20 de Fevereiro de 1827, batalha em que tantos rasgos de valor e de heroismo obraram os nossos soldados, faltando-nos apenas um general habil e experimentado. Talvez o façamos mais tarde, se, como desejamos, pudermos escrever a historia d'essa guerra desgraçada, cuja direcção foi uma serie não interrompida de desacertos fataes.

As duas divisões do general Callado (2ª) e Sebastião Barreto (1ª) foram collocadas a grande distancia uma da outra, de sorte que não puderam durante o combate manobrar de accordo, nem auxiliarem-se mutuamente.

Quasi em frente á primeira d'aquellas divisões ficou o barão do Serro-Largo com o seu corpo de voluntarios, a brigada de Bento Gonçalves e uma peça de artilharia, mantendo com o 1° corpo do exercito argentino um fogo renhido de atiradores.

A divisão Barreto, composta de dois mil e seiscentos e trinta e cinco homens, avançou contra a esquerda e centro do exercito de Alvear, recebendo n'essa occasião Bento Gonçalves ordem de abandonar o ponto que occupava, de sorte que unicamente ficou em nosso flanco esquerdo a força do barão do Serro-Largo, e a peça que lhe foi entregue no começo da acção pelo general Callado.

Vendo o movimento da 1ª divisão, ordenou Alvear á cavallaria do general Laguna que o atacasse, emquanto a do general Lavalleja se arrojava contra as forças da nossa esquerda. Aquella divisão repelliu galhardamente as duas cargas que lhe dirigiu o inimigo, e continuou a avançar sobre as posições contrarias. A 2ª, do general Callado, estava ainda immovel, esquecida pelo nosso general na posição que lhe fôra destinada desde o começo da batalha, quando a cavallaria de Lavalleja moveu-se para atacal-a.

Antes de chegar até ella tinha este chefe de encontrar se com a pequena columna do barão do Serro-Largo, que, como dissemos, guardava o nosso flanco esquerdo, e era como que a vanguarda da 2ª divisão.

Com o grosso de suas forças, em numero de tres mil e cem homens, avançou Lavalleja para atacal-a pela frente. O barão, que apenas tinha quinhentos e sessenta voluntarios mal montados, não teve a insana pretenção de resistir áquella massa imponente, que marchava ao seu encontro. Dispunha-se a recuar, batendo-se em retirada, até procurar a protecção da divisão do general Callado, quando subitamente appareceu uma columna de perto de setecentos homens, que se lançou sobre elle, atacando-o de flanco, emquanto Lavalleja o ameaçava pela frente.

Essa carga repentina e inesperada, e o cansaço dos cavallos não deram tempo a que os seus soldados, dispersos a maior parte em linhas de atiradores, se formassem com rapidez.

O inimigo apanhou-os em confusão e carregou-os. Não o teriam talvez feito se Sebastião Barreto houvesse podido ou querido attender á requisição do brioso e velho general, substituindo os cavallos fracos e cansados do seu corpo por outros mais fortes e frescos (81).

Todos os esforços que fez o intrepido barão do Serro-Largo, para conter os seus soldados, foram inuteis.

A' carga do inimigo seguiu-se o completo destroço dos bravos e infelizes voluntarios, que, confundidos com os orientaes, vieram sobre a 2ª divisão.

(81) No começo da batalha tinha ainda uma vez o barão do Serro-Largo requisitado do commandante em chefe a remonta de sua cavalhada, declarando terminantemente que não podia manter-se no campo com a que tinha. Nenhuma providencia se tomou! Veja-se a parte official do general Soares de Andréa (barão de Caçapava), que exercia as funcções de ajudante-general.

Esta, não podendo distinguir os contrarios dos amigos, formou quadrado, e rompeu o fogo sobre a massa desordenada e confusa que lhe vinha em cima, sendo n'essa occasião mortalmente ferido o velho barão do Serro-Largo.

Poucos momentos depois expirava o nosso bravo, com a mesma serenidade de animo com que tantas vezes se arrojára aos perigos dos combates.

Assim terminou sua carreira gloriosa esse distincto veterano. A vida, que inteira consagrára á patria, devia ser tambem sacrificada a ella, e, de feito, sua espada só deixou de combater quando a mão que a brandia cahiu desfallecida.

Com tantos serviços, com tantas glorias, com tantas virtudes, tanta abnegação e civismo, o illustre barão do Serro-Largo teve nos ultimos dias de sua vida, como premio e recompensa, a ingratidão e o esquecimento do governo do seu paiz!...

Bem o disse Mme de Sevigné : « Ha serviços tão grandes e tão importantes, que só a ingratidão os póde pagar. »

Mas acima das fragilidades e miserias dos contemporaneos, acima de seus odios e de seus erros, eleva-se um dia o juizo da posteridade,sempre severo, inflexivel e imparcial; e a posteridade, póde-se já dizêl-o, ha de destinar a tão eximio cidadão e a tão illustre victima um lugar distincto entre os mais gloriosos e prestantes filhos da terra de Santa Cruz.

S. Paulo, 14 de Julho de 1865.

TYP. DE PINHEIRO & COMP.— RUA SETE DE SETEMBRO N. 159.